

NO REINO DE FUNDANGA

Francisco Simonini da Silva
Xico Simonini

B869.8
2003
Silva, Francisco Simonini da, 1941 –
No Reino de Fundanga / Francisco Simonini da Silva. –
Viçosa, MG: Muzungu Comunicação, 2003.
142p. : il.

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDD 19.ed. B869.8

CDD 20.ed. B869.8

Ficha catalográfica: *Leiva Nunes – CRB-6/825*

© 2003 – Francisco Simonini da Silva

Projeto Editorial

Muzungu Comunicação
(31) 9965-3945
muzungu@bol.com.br

Digitação

Fernando Prado
Uiara Maria Máximo

Consultoria

Anastázia Ladeira
José Dionísio Ladeira
José Paulo Martins

Capa, Diagramação e Arte Final

Miro Saraiva

Foto do Autor

Theunis – Lentes & Focos

Ilustrações

Xico Simonini

Impressão e Acabamento

Arte Livros - (31) 3891- 4736

Francisco Simonini da Silva

Xico Simonini

NO REINO DE FUNDANGA

**Viçosa – Minas Gerais
2003**

*Aos Homens e Mulheres
Das lutas lutadas e por lutar...
Aos Homens e Mulheres
Das lições ensinadas/aprendidas e por estudar...
Aos Homens e Mulheres
De uma História de Vida
Fundamentada em princípios essenciais:
Coragem, Dignidade, Honestidade, Coerência,
Na eterna Construção e Transformação da Realidade.*

*Homens e Mulheres, estes, personificados em:
José Serafim e Francisca,
meus Pais;
José Maria Claret, Wilson Marcelo e Márcio Antônio,
meus Irmãos;
Paulina,
minha Esposa;
Francisco, Marcela, Frederico, Uiara e Flaviana,
meus Filhos por consanguinidade e por afinidade;
Leda,
minha Irmã por afinidade.*

*E, finalmente, aos Homens e Mulheres, outros,
Das lutas lutadas e por lutar...
Irmãos aqui não nominados, mas, Irmãos para sempre.*

*O Filósofo que se libertou dos grilhões
da Alienação, ao descortinar a
verdadeira Realidade, percorrendo o
caminho da Opinião (doxa) à Ciência
(epistême), tem o dever de se
infiltrar no meio dos Homens e das
Mulheres de Consciências
- Mítica - Ingênua - Crítica - ,
para em Comunhão, através da Ação Política,
buscar permanentemente, a Trans-Formação
do Homem e do Mundo.
Em sendo assim... Apesar Deles...
Segundo os filosofares do Súdito, Fotógrafo,
Jornalista e Aventureiro Zé do Pedal,
"Ninguém vive de utopias, mas morre por elas..."*

ÍNDICE

CARTA À GUISA DE PREFÁCIO	11
--	-----------

O ESPELHO DE FUNDANGA EM NOSSO COTIDIANO	13
---	-----------

INTROITO

Ilustração: Obscuro Reino	16
Eles.....	17

QUINHENT'ANOS ATRÁS PROS QUINHENT'ANOS HOJES

Ilustração: Imperador Roia	20
Pero	21
Gênese	23
Fundanga	25
Tupinicas	29
Roia	31
Ruth	33
Chatos	35

A DES-ESTRUTURA DE CLASSES

Ilustração: Dono do Jogo	38
Soçaitebol	39
Maniliano	41
Bobo	43
Zemaria	45
Ter-Ser	47
Josias	49
Cart'Aberta	51

EMBUSTES, QUINQUILHARIAS E MIÇANGAS

Ilustração: Tiazinha e seus Berloques	54
Fantasia	55
Calçadão	57
Cassinos	59
Escola	61
Expiar	63
Telefonema	65
Oposição	67

CRIMES, BANDIDOS, IMPUNIDADES E FALÁCIAS

Ilustração: Meliante	70
----------------------------	----

Cacetência	71
Porreta	73
Cupim	75
Barata	77
Pererecas	79
Traíras	81
Saber	83

O FUTEBOL E OUTRAS COISAS MAIS...

Ilustração: Descalçar das Chuteiras	86
Ditados	87
Cores	89
Roubar	91
Odisseu	93
Bestagens	95
Reis	97
In-Fidelidade	99

A MESMA BANDA QUE TOCA AQUI, TOCA ALHURES

Ilustração: Imperador Xerife	102
Rubinhos	103
Incas	105
Arafates	107
Violência	109
Enjoada	111
Zêêêrô!!!	113
Brindemos	115

ANGU COM CAVIAR E CHANTILLY

Ilustração: As Cachorra Preparada	118
Carninferno	119
Hypokrisía	121
Bobças	123
Catarse	125
Jumentino	127
Contubérnio	129
Regina	131

F-INTROITO

Ilustração: Paz? Esperança?	134
Declaração	135

O AUTOR DE FUNDANGA

CARTA À GUISA DE PREFÁCIO

Caro Xico,

Você poderá achar que me apressei, mas é que, diante de um diamante lapidado em Antuérpia, eu não gastaria tempo a relapidá-lo. Sou leitor exigente das qualidades do escritor e as encontrei no seu rascunho. Aliás, vou tratá-lo, neste comentário, como “o autor”, para você ir-se acostumando com seu brilho.

“No Reino de Fundanga”, “*napalm*” puro, que explode em rosas, que explode em dinamite, é obra curiosa, em que a mais lúcida meditação aparece extravasada em linguagem especialíssima, feita da mistura de avassaladora espontaneidade e labor formal de precisão cirúrgica (bombas ianques à parte). O estilo é, ao mesmo tempo, galopante, como se o autor estivesse falando com a indignação e o destempero que lhe mantêm a saúde em dia, e poético, pois ele tem o domínio da língua e a ironia suficiente para avacalhar com extrema seriedade e achincalhar com imenso amor pela verdade. Se acontecer de um achincalhado contar com inteligência bastante para ver que é com ele, ainda ficará devendo obrigação. E é um livro claríssimo, exatamente porque não consigo saber qual é a dele, muito obrigado!

Ademais, é para ler-se com um porrete na mão. Explico: ele rosna, se estrebucha, tenta morder e o leitor tem de, vez por outra, chegar-lhe uma bordoadada, se quiser virar as páginas com calma. Seria uma pena se o autor caísse na tentação de alindá-lo, amaciá-lo, torná-lo palatável para as almas pudibundas que compõem a maioria desse nosso mundo emasculado e já sem jeito nenhum (tem jeito, mas se falarmos com todas as letras, as tropas são imediatamente postas na rua).

Em raros leitores haverá o risco de querer deixar a sala (quem o fizer deverá apoiar um peso sobre o exemplar, pois esse livro se inquieta e arreganha os dentes); em raros haverá o risco de querer deixar a sala e aplicar o porrete no mundo lá fora: o autor já o faz muito bem, com grande propriedade e agudo senso de oportunidade e de responsabilidade. Será, inclusive, prudente trazê-lo (ao autor) bem amarrado, numa provável noite de autógrafos e seguintes.

Quanto ao livro, será sempre recomendável manuseá-lo com cuidado e, de preferência, com equipamento de autoproteção: vá que o leitor se identifique.

Duas coisas podem ser ditas desta monumental enciclopédia analítica da canalhice pátria, entendidas nesse adjetivo as dimensões federal, local e sublocal (aliás, também, da sublocação de vários de nossos sublocais):

primeiro, é leitura para machos sem aquela famigerada metade (alguém, já disse, sabiamente: “*muié é bão, mas dá trabaio*”),

porque o autor passa vinte e seis horas de cada página dando nome aos bois, rosnando, abocanhando a corja de indignantes. Pela mesma razão, é leitura para fêmeas, as de verdade (aquelas sem a famigerada outra metade. Uma destas já disse, sabiamente: "*home é tudo igual*", no que errou, pois há muitos com as duas metades homem e muitos sem nenhuma e elas não suportam igualdade – é só ver quando duas chegam à mesma festa com vestidos idênticos, portanto, para as que têm natural propensão para o puro, certo e justo, sem marolas e vagalhões e que, por certo, aplaudirão estes textos tão engajados e combativos;

segundo, é leitura para molóides, pois é de tirar o sono e não se dorme enquanto se a lê, porque o autor assanha, assanha-se e morde assanhadamente;

terceiro (que eu tinha falado duas, mas dane-se a lógica), é leitura para inteligentes, capazes de viver na corda bamba e sobreviver nas navegações por estas páginas sem qualquer auxílio de vocabulário ou mapa e só indicações de tempo de alguns textos datados;

quinto (pois só estou numerando para facilitar), é para não-alienados, capazes de saber o que estão lendo quando chegam, por exemplo, ao "Pererecas" e dão de cara com o que ocorre hoje (por exemplo, pois o texto permite outras metáforas), na Fundanga Varonil (FV para os íntimos) e morrem ou curam-se de seu mal, se alienados forem.

Não há o que tirar nem pôr no texto: o autor sabe escrever e sabe do que escreve. Não vive em nenhuma trincheira e atira de peito aberto. Publicado, não vai levar chumbo nas asas porque nenhum dos "biografados" (as "biografias" são indiretas e coletivas, pois o autor ataca problemas e não pessoas, mas as pessoas que sabemos por detrás desses problemas continuarão sempre achando que não é com elas. Também se achassem, houvesse padre e psicólogo para dar conta de tanta depressão!). Repito, nenhum dos "biografados" jamais vai achar que é com ele. Faz parte do caráter.

Em suma (e para não cair no erro de querer estender-me na apreciação mais do que o autor no seu texto), quem comprar o livro nunca terá empregado tão bem o seu rico dinheirinho; quem ganhar vai ficar devendo um para alguém.

José Levy de Oliveira

Um Professor do Reino de Fundanga Varonil

O ESPELHO DE FUNDANGA EM NOSSO COTIDIANO

Veze sem conta temos sido confrontados com as limitações do brasileiro, que ancora suas decisões e constrói sua existência nas águas rasas de informações geralmente superficiais, com especial predileção para a mídia eletrônica. Com a massificação da TV, a partir dos anos 60, as pessoas foram incorporando o vídeo ao seu cotidiano, criando hábitos ao ponto de condicionarem suas atividades à grade de programação das emissoras. Com o passar do tempo, o que se pode considerar negativo assumiu contornos mais preocupantes, uma vez que, ao predomínio da mídia eletrônica, somou-se a unanimidade em torno de uma única rede, com todos os senões que os monopólios normalmente carregam. Em especial, os monopólios da informação. Não se pretende, evidentemente, fazer uma análise do conteúdo das informações nem da conjuntura em que se deu essa "opção" brasileira pela mídia eletrônica, mas a história mostra a evidência das motivações político-ideológicas vigentes durante o período sombrio do regime militar, os anos de chumbo.

A motivação maior para estas considerações vem da auspiciosa publicação de uma obra de grande relevância para todos aqueles que participam ativamente do cotidiano brasileiro, numa quadra em que a perplexidade nos assalta seguidamente, numa sucessão de crises em cuja raiz se encontram os desmandos, a corrupção impune e a prevalência dos interesses das elites sobre o bem comum.

O reino da informação oral e televisionada está diante de um trabalho impresso que verbaliza suas angústias e delineia a conjuntura em seus contornos reais, dando nomes aos bois e aos currais, sem os pruridos da contemporização. E que achado, essas denominações para quadrúpedes e seus tabuados! Feliz recriação do espaço onde, impávidos, se movem e se locupletam diligentes personagens: fedapês sacanas uns, ladinos igualmente sacanas outros, com seus dentes e garras de aço brilhante - metal bem polido, evidentemente, como é próprio do arsenal dos bandidos de colarinho branco -, manipulando a mediamassa acrítica e espoliando o numerosíssimo cardume dos bagrinhos sem eira nem beira, sem pão nem chão.

Nesta terra da mídia eletrônica, "Fundanga" vem dar forma ao grito engastalhado de uns poucos que, mesmo tomados de santa fúria, conseguem navegar nas águas turvas da conjuntura destas Fundangas varonis de Des-Encantos mis... Gente que vê o mundo de forma crítica, tentando construir a própria história, sabendo que o conhecimento da realidade é requisito para que se realize como pessoa e influencie nesse processo, na medida de suas potencialidades.

Com mais esta obra, na esteira dos engajados poemas de "Enigmas", Xico Simonini faz lembrar o Mestre, quando garantiu que veio trazer fogo à terra e que seu desejo era vê-lo crepitante.

Testemunho de um autor apaixonado, que sabe o que diz e faz isso juntando verdades, afagos e impropérios, compondo um quadro que não é definitivo, por ser retrato de uma realidade dinâmica; nem legado, pois a lavra é pródiga e muito se espera desse profeta, em sua cruzada, que a estultice generalizada consideraria pouco promissora diante de tanto desalento que se vê por aí.

A literatura brasileira registra grandes momentos, com obras marcantes, que estabelecem limites. Mais das vezes, marcos apenas delineados aos contemporâneos, mas divisores de águas reconhecidos pelas gerações seguintes.

Está o público diante de uma obra que vem demarcar fronteiras e referenciar seu tempo, afrontando as sacanagens dos salafrários donos da cocada preta e os padrões da estética imposta e aceita. Xico Simonini subverte os cânones, contraria os condes e os barões assinalados e inquieta arrogantes *scholars*. Produz o novo para vergastar o velho usual, como já o fizera, século e meio atrás, Manoel Antônio de Almeida, com o sargento Leonardo, que perambulava pelo cotidiano dos tempos do rei João, num Rio que seria burlesco, não fosse a trágica crueza da vida, na qual pontificavam nulidades e se arrogavam senhores gente da laia do biltre Vidigal, major *pitbull*, abestalhado bate-pau, tentando subjugar mentes, corações e corpos da plebe ignara.

Esta é a oportunidade para conhecer um livro que caminha autônomo, coloquial, apropriando-se de expressões que a dinâmica viva da língua permite e prodigaliza, para falar da vida e dos grandes nomes desta vida, de ACM, Maluf, FHC e Ulysses Guimarães a José Maria Rabêlo e Tim Lopes; do menestrel Milton aos músicos andinos; dos Lalaus ao boleiro Pepê e à Maria das glórias desta terra dos sem-tudo. Sempre com propriedade, entronizando cada personagem no altar adequado, oferecendo à execração catártica ou ao respeitoso culto do leitor. Certamente estará entre os felizes marcos que "surpreendem" os acomodados, como "Tremor de Terra", de Luiz Vilela, que fez estremecer a narrativa brasileira, nos anos sessenta.

Aí está mais uma obra do irrequieto Xico Simonini, para cutilar a pasmaceira deste início de século e arregimentar admiradores, fazendo a história ultrapassar o fio do simples registro linear de acontecimentos. É texto para ser lido e ruminado. Certamente a gênese para alguma perspectiva, num deserto inóspito, onde se clama pela afirmação pessoal de tantos deserdados e pela afirmação da soberania de um país que tem a dominação como cenário quase permanente, com milhões de protagonistas relegados à condição de figurantes, obrigados às momices impostas por uma pantomima cruel, cuja apoteose traz à cena apenas os cínicos autores do enredo.

José Paulo Martins

Um Jornalista do Reino de Fundanga Varonil

INTROITO

OBSCURO REINO



ELES...

Apesar deles...

O Início...
Apesar deles...
O Início...
Luta, biluta, triluta, quadriluta, quintiluta... Xisluta...
Mesmo lutadas onde inda existirem.
Inda em guetos de ordens várias.
Políticos. Econômicos. Sociais. Culturais. Artísticos.
Até mesmo no gueto das palavras.
Tantos e tais e quantos mais imaginar a imaginação.
Em objeção à Perversidade.
Em oposição à Hipocrisia.
Contradizendo In-Justiças.

O Desafio...
Apesar deles...
O Desafio...
História fazendo História.
Obra... Luta... Graça... Desprendimento...
Gladiadores do Ontem... Guerrilheiros do Hoje...
Contemporâneos do Porvir.
Na Alma. No Coração.
Com Emoção. Com Razão.
Nos Sonhos. Nas Angústias.
Atacando Estruturas... Golpeando Preconceitos...

A Vitória...
Apesar deles...
A Vitória...
A Transfiguração. A Transmutação. A Transmigração.
Do Homem. Do Mundo.
Una Realidade Única – Humanidade.
Avançando... Cantando... Amando...
Súplica de Confiança. Prédica de Fé. Oração de Crença.
Na Esperança. Na Felicidade. Na Dignidade.
Apesar deles...
Apesar do Reino de Fundanga...

**QUINHENT'ANOS ATRÁS PROS
QUINHENT'ANOS HOJES**

IMPERADOR ROIA



PERO

**... E assim disse Vaz de Caminha, o dito
pelo dito e o dito pelo não dito, também...
Nas margens plácidas... O brado heroico e retumbante...
Do deitado, eternamente, em berço esplêndido...**

"Senhor. Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta Vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou."

Noventa e cinco por cento de Explorados, Expropriados e Espoliados deste Reino destas Fundangas Varonis de Des-Encantos mis não têm motivos para comemorar, absolutamente, droga nenhuma de quinhent'anos. Maioria sobrevivente e moribunda morrendo e sobrevivendo aos trancos e barrancos. Um mundão de gente, umas mais do que outras, purgando a lógica perversa, horrípila e maldita, imposta pelos Imperadores Internacionais da Vida e da Morte, rigorosamente executada pelos restantes cinco por cento de malditos, malocados e maliciosos prepostos, prebostes e prebendados.

"Quarta-feira, 22 de abril: neste dia, a horas de véspera, houveremos vista de terra! Primeiramente, dum grande monte, mui alto e redondo... Ao monte alto o capitão pôs o nome: Monte Pascoal e à terra: Terra da Vera Cruz."

E se oficializava, pois, a sacanagem, bandalheira, devassidão e podridão do Colonialismo, com a chegada da Civilização à Terra de 46.000 a.C. de História sabida. Começa o massacre generalizado, infundável e selado na combustão do Pataxó Galdino, cujo grande crime era não ser – apenas – um mendigo e ser apenas um índio dorminhoco, num abrigo de ônibus, nas imediações da Fundação Nacional dos Indesejados (Funai), na Corte onde se encontra o Planalto do Alvorço, no Alvorçado Planalto, à mercê de jovens membros da canalha. Canalhas...

"A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas."

A preagem campeia solta. Em cento e trint'anos, dois milhões de nativos foram mortos ou escravizados. Chegam os negros para a divisão do infortúnio. Desgraça alforriada pela necessidade eterna e proclamada de se "Fazer primeiro o bolo crescer para depois dividi-lo com todos." Ideologia deslavada, falsa e mentirosa dos delfins (antônios ou não), querubins e serafins das trevas. E se oficializa a chamada Guerra Justa, antes contra os índios, hoje,

contra a Maioria – vermelhos, negros, brancos, amarelos, mulatos, mamelucos, cafuzos...

"Também andava aí outra mulher moça, com um menino ou menina ao colo, atado com um pano aos peitos, de modo que apenas as perninhas lhe apareciam. Mas as pernas da mãe e o resto não traziam pano algum."

Ah! Mulheres e crianças varonis de encantos mis deste Reino! Conspurcadas por Preconceitos vis. Violentadas por Lucros vis. Coisificadas pela Sensualidade fácil do bom xibom, xibom bombom. E tome bumbum no bombom da Alienação! Mulheres e crianças sem o Amanhã, dos sem Amanhãs, dos noventa e cinco por cento de Explorados, Expropriados e Espoliados destas Fundangas Varonis de Des-Encantos mis e vis.

"Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam; e que lhes davam de comer daquela vianda, que eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem."

E eles se recolhiam em casas e possuíam teto que não eram como os Sem-Teto de Hoje... E eles davam de comer e tinham alimento que não eram como os Esfomeados de Hoje... E eles trabalhavam a terra que não eram como os Sem-Terra de Hoje... Tal-qualmente, saúde, educação e lazer para todos que não eram como os Sem-Saúde, Educação e Lazer de Hoje... Quinhent'anos uma ova! Aqui, ó, procês! Quinhentos, sim, para os Silvios, Setúbals, Marinhos, Macedos e Marcelos. Baús, novelas, romelos e manivelas. Saltos, miçangas, pulos e quinquilharias aquareladas e abençoadas pelo Reino Bizantino dos terços e quartetos para o Descarrego de Encostos. Quinhentos, sim, para as tele-alguma-coisa-qualquer, para os bancos e suas burras, para os gigantes industriais e comerciais da Engrenagem.

"E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo que tinha de tudo vos dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo. Beijo as mãos de Vossa Alteza. Deste Porto Seguro, da Vossa ilha de Vera Cruz, Hoje, Sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500."

Pero Vaz de Caminha"

Por tudo escrito e por tudo pensado... A nova do achamento desta Terra Nova, que nesta navegação agora se achou. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Aí, as histórias continuam, são "quase" outras. As são e como a-ção!

GÊNESE

**Não existe, evidentemente, causa
primeira e única para a Infelicidade
Política, Econômica e Social de um Povo.
Existem, porém, os ícones de uma
Realidade complexa como a de uma Sociedade.**

No princípio era o abismo da ditadura.
Porções, torturas, assassinatos, exílios, sumiços.
Saque, pilhagem, roubo.
Então, o Doutor Roberto criou os céus e a terra.
A terra, porém, estava informe e vazia.
As trevas cobriam o abismo e o Doutor Roberto pairava sobre as águas.
Era preciso dar-lhe forma e habitá-la.
Doutor Roberto disse, então:
"Faça-se o Plim! Plim!"
E o Plim! Plim! se fez.
E o Doutor Roberto disse mais:
"Façam-se imagens fantásticas!"
E as imagens fantásticas foram feitas.
E o Doutor Roberto disse mais ainda:
"Façam-se personagens imbecilizantes e imbecilizados!"
E os personagens imbecilizantes e imbecilizados foram feitos.
E o Plim! Plim! chegou às nossas telas e habitou entre nós.
E as imagens fantásticas penetraram nas mentes de cada qual e
delas se apossaram.
E os personagens imbecilizantes invadiram os lares e tomaram
conta dos espaços, gerando outros personagens imbecilizados.
Cresceram e multiplicaram-se.
E se espalharam pelos cantos, sítios, postos e centros na funga-
deira, fungando a fungada, para Honra e Glória do Jardim do Éden...
Um Reino...
O Reino de Fundanga...
Plim! Plim!
Infantis, esportivos, filmes, novelas, humorísticos, reportagens
e tudo o mais que "A gente se vê por aqui", no hipócrita clima de
que "A Paz a gente é que faz."
Plim! Plim!
E tudo, por tudo... Medido, milimetricamente, visando padroni-
zar a Consciência da Maioria à imagem e semelhança da Minoria.
Espectros de mortos errantes, almas penadas vagando Reino aden-
tro e Reino afora.
E o Doutor Roberto fundiu o Plim! Plim!
Nas imagens fantásticas, nos personagens imbecilizantes e nos per-
sonagens imbecilizados, parindo um Ser Uno, Indivisível e Infinito.
Por estas e por tantas outras...
O princípio supremo da explicação da Existência, da Ordem e da

Razão Universais, avalizadas por valores I-Morais.
Vênus Platinada.
Não a Vênus, filha amada, fruto do eterno amor de Zeus e Dion.
Não a Vênus, deusa sem platina, mas plena de amor, de fertilidade e de beleza, patinando sobre as espumas das ondas.
Mas, porém, contudo, quiçá, todavia...
A filha dileta do Doutor Roberto.
Filha da Alienação, da Impostura, do Terror.
A Vênus Platinada.
E o Doutor Roberto sentiu imenso orgulho de sua obra.
Não aquele sentimento de Dignidade Pessoal, de Brio, de Altivez.
Contrariamente, aquele sentimento de presunção, de arrogância, de atrevimento.
Pois que, em verdade, em verdade... A verdade seja dita...
E o Verbo se fez Reino e habitou entre nós, fazendo-se nossa habitação.
Estava, pois, consumada a obra do Doutor Roberto.
O Reino existia e, como do oxigênio, necessitava do embuste global.
E a gênese da Vênus Platinada consumou-se.
Plim! Plim!
E o Doutor Roberto, tendo amarrado o gato, por todas as terras, por todos os céus e por todas as águas, foi descansar no sétimo dia, pois, afinal de contas, ninguém é de ferro.
Nem ele.
E a Alienação, a Massificação e a Coisificação se espalharam pelo Reino.
Invadiram encostas, grotões, quebradas, brechões, vertentes e cantões de todos os Condados e Burgos, reinando por este Reino destas Fundangas Varonis.

FUNDANGA

**Segundo o menestrel Tim Maia, o Reino
é tão surrealista que “cafetão apaixonado,
puta goza e traficante vicia”.
Pepê, Vassalo do Futebol, arremata de trivela:
“...e gorila golpista defende a Democracia.”**

Era uma vez... Era uma vez...

Um Reino distante... Muito distante... Encravado lá pelas bandas da Infernália do Sul... Pras bandas de cima, fazia fronteira com a Infernália Central e, mais ainda, pras bandas mais de cima, com a Infernália do Norte, ali, bem ali, onde se localizava o nicho ardente e picante de doidejante Xerife. Um Reino distante... Muito distante... Gomo de uma Bola chutada infinito afora, infinito adentro... Também conhecida por Mundus Horrendus...

Terra soturna, de homens soturnos. Até o nome soava macabúzio – Reino de Fundanga! Habitado por Fundangueiros e Fundanguenses de espécies mis e vis, sempre a mil, dançando a dança da boquinha da garrafa, em frenético e pornográfico bom xibom, bumbum catiribum, na coreografia reboiativa de bumbuns flácidos e balofos, abundando celulites aos borbotões, estrias aos trambolhões e varizes aos borbulhões. Sempre vazadas num vavazá concupiscente dos diabos, diabices, bacos e baconices.

Lugar sorumbático onde o Imperador, Sua Majestade Fernando Sir Ney Itamares de Collores Verdes Oliva, e quem mais alvorar, alvoroçar e arvorar pelaí, assessorados por Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados, sempre cantados e decantados por bajulismos, bajulices e bajulações, festejados pela Corte papa-jantares, balabrega e godera. Tanto uns quanto outros, exímios detentores da capacidade mefistofélica de, num passe maligno, transformar, sistematicamente, “os amanhã piores que os hoje”, segundo emérito Súdito Jornalista de nome Carlos Chagas.

Eram prepostos, prebostes e prebendados de Imperadores mais Poderosos, d’além-mares e d’além terras e, como tais, fiéis cumpridores das ordens, mandamentos, bulas e determinações emanadas de seus superiores da Metrópole.

Claro, lógico, evidente, a atitude submissa e entreguista era, regamente, recompensada. No Reino de Fundanga, dirigente que era dirigente e que se prezava ameahava o seu. Troca-troca obsceno, indecente, periculoso. Nada era feito por incompetência, ignorância ou inconsequência. Tudo pesado, medido e empacotado perversa e criminosamente.

Reino de Fundanga... Reino destas Fundangas Varonis...

Rico como ele só! Terras abundantes, clima variado, boa distribuição de águas, minerais valiosos, povo miscigenado, cultura maiúscula... Contraditoriamente, pobre como ele só! Pobrezas extremas, misérias esquálidas, ignorâncias crônicas, doenças incuráveis...

Diferente de outros Reinos, o trono não era vitalício, mas a forma de governar, sim. Imperadores se alternavam no Poder por graça demoníaca, às vezes, auxiliada pela força das armas de fogo, pelo fogo mesmo e pela força dos coloridos da mídia. Em verdade, em verdade... Imperadores Títeres – capadócios do trono. Imperadores Uniformizados, Imperadores Bigodudos, Imperadores Mauricinhos, Imperadores Topetudos, Imperadores Socio-lógicos, Imperadores Reeleitos e Imperadores Metalúrgicos. Soberanos para todos os paladares, indigestões, píriris e diarreias, navegando num mar de Planos Econômicos mirabolantes e escândalos espalhafatosos. Useiros e vezeiros da prática malvada da transferência de renda, rendimentos e riquezas de uns todos para uns poucos.

Os Imperadores, sempre nus, ignorando a própria peladez, enquanto úteis, defendidos a ferro e a fogo pelas Legiões Armadas do Reino – Gorilas, Xerifes e Delegas e Carabineiros empedernidos. Eméritos torturadores eletrônicos e torturadores convencionais mesmo. Torquemadas do Hoje, inspirados no Torquemada do Ontem.

Subia Imperador... Descia Imperador... Entrava Imperador...

Três Poderes dividiam a Estrutura de Poder no Reino de Fundanga: o Poder Resoluto, exercido pelo Imperador e seus Conselheiros, também conhecidos como Ministros; o Poder Legislativo, exercido, em sua maioria, pelos pares e ímpares da Minoria, uma Minoria lídima representante da escória do Reino, apelidada de Senadores, Deputados e Vereadores; e, finalmente, o Poder Proci-dente, exercido pelos Árbitros, Súditos, debaixo de tais e quais, acreditavam eles, subordinavam-se os próprios deuses, endeusados pelas estupefacientes crenças, reverências e mantenças. Alguns deles lalauzavam uns trocos, uns trocados e uns trocadilhos de quando em vez.

O Reino de Fundanga, também conhecido por Fundanga Varonil, adotava a Divisão Federativa com quase três dezenas de Condados, dos quais sobressaía o das Roças Gerais, com mais de cinco mil Burgos, de onde despontava o das Sapitucas Viçosas.

A Sociedade Fundanguense era dividida, basicamente, em duas Castas que, a bem da verdade, não eram duas, eram cinco:

A Minoria – Fundanguenses Dominantes, imbuídos daquela ginga e daquele rebolado singulares, próprios da malandragem juramentada. Maiores ou menores, brabos ou mansos, todos sabidos, malandros, espertalhões – os Doutor Roberto – também chamados de Os Donos da Cocada Preta.

A Maioria – Fundanguenses Dominados, salvas as exceções, plenos de ingenuidade e idiotice únicas. Rotundos ou Magérrimos, Inconscientes ou Alienados, encontravam-se subdivididos em quatro Castas – a dos Boris Borrão, a dos Zemaria, a dos Pepê e a dos Babaquino –, também denominados de Os Cocada Preta.

Era, então, uma vez... Era uma vez... A cocada desandava de vez... Para Os Cocada Preta... Sempre.

Os Cocada Preta, a partir da manipulação criminosa, salvas as exceções, é bom o repeteco, tinham-se na conta de sabidos,

viam-se malandros, acreditavam-se espertalhões. Engolidos de modos e maneiras inimagináveis, cultivavam o tétrico hábito de raspar a nuca para facilitar a ação da lâmina do carrasco.

E assim, por assim dizer... A vida corria solta, Fundangueiramente, no Reino de Fundanga Varonil, no Condado das Roças Gerais, no Burgo das Sapitucas Viçosas. Imperadores, Condes, Alcaides... Acompanhados pelo séquito de Ministros, Senadores, Deputados, Vereadores e Árbitros, secundados por alienada turba de Gorilas, Xerifes, Delegas, Carabineiros, Títeres, Cafetinas e Gigo-lôs. Ornamentando o séquito, planos, mídia, manipulações e escândalos. Inusitada fauna de Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados do Reino de Fundanga.

E muita cocada! Cocada pra dar, cocada pra vender, cocada pra comer e, sobretudo, cocada pra roubar. Muita cocada pra ser empalmada.

Os Avanços Políticos, Econômicos e Sociais apregoados, interminavelmente, pel'Os Donos da Cocada Preta – a Minoria – eram engolidos, irremediavelmente, na Inconsequência e na Inconsciência d'Os Cocada Preta – a Maioria.

Para Os Cocada Preta, tudo atolado, aparvalhado e atoleimado no Reino de Fundanga, o paraíso do Capitalismo, eufemisticamente re-batizado de Neoliberalismo, na sacanagem da Globalização. E, no bojo da Fundangagem, o desmonte criminoso e absoluto do Estado, a perda irreparável da Soberania Nacional, a volatilização da Dignidade Pátria.

O Reino de Fundanga é “a terra onde olho vê, mão tira e pé corre”. Razão da maldita proliferação e existência de tantos Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados. Reino onde todos nascem, vivem e morrem torcendo Futebol, pulando Carnaval e rezando Religião. Saltitantes e atolados por todos os séculos, dos séculos, amém!

Amém?! Aleluia?!

TUPINICADAS

Milhões de quilômetros quadrados, montão de milhas marítimas e uns cento e cinquenta milhões de almas penadas e depenadas e uns vinte de almas não-penadas e emplumadas. Tudo Des-Comandado do alto daquela montanha.

Fundanguenses, plenos de Fundanguidade, de Respeitabilidade, Dignidade, Honestidade e um montão de outras dades e idades, valendo tanto quanto um irreal Real carcomido, furado e desvalorizado, sem eira nem beira.

Imperador, Condes e Alcaldes, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados, de um, de dois ou de Três Poderes. Homens de grande responsabilidade Política e que, como tais, "jamais mentem – inventam a Verdade". Pouco importa, se importa... Incomparáveis nas artes e artimanhas de transformarem sempre o Futuro pior do que o Presente. Amanhãs, além dos piores Hojes, concebidos, gestados e paridos nas tormentas, sopradas pelo sopro das desgraças, oriundas daquelas Bandas Centrais do Reino.

Do alto de Tenebrosa Montanha. Naquela elevação íngreme de terreno, terminada em cume, por sobre uns mil metros acima do também Tenebroso Planalto Central que a cerca.

Montanha horrível, desprezível, terrível, coberta pelas trevas do apagão e de caliginosa escuridão, envolta por soturno, eterno e denso nevoeiro, circundada por assustadora mata escura e densa. Para lá se chegar, caminhos tortuosos e perigosos.

Ali, bem ali, no alto daquela Tenebrosa Montanha, num estranho planalto, a presença de um misterioso, tétrico e sepulcral Castelo Palácio.

Planalto do Alvorço... Alvoraçado Planalto...

Tomado, empalmado, usurpado e habitado por bruxomaníacos e bruxaleantes sempre brochando a Esperança, a Dignidade e a Honra da Maioria. Oficina das maquinações de Des-Encantos vis, dos maquiavelismos de Des-Encantos mis, de uma canalha retumbante de vida fácil, da vida do rodar bolsinha, nas esquinas da Vida da Outra.

Armações eficientes, sem suavidade, sem brandura, sem serenidade, sem ternura. Com malvadeza. Onde, entre outras e tantas, em nome do Imperador e sua Corte, prega-se a Dignidade, a Ética e a Honestidade, violando tudo de tudo em nome da preservação da Honra do Reino. Tal-qualmente, como se o estuprador violentasse a donzela para preservar seu hímen. Ou sob a alegação de que tudo continuou no mesmo, pois o hímen era de natureza complacente. Vomitam In-Verdades para todos os quadrantes, sextantes ou oitantes, o vômito dos bofes purulentos e nauseabundos.

No e do alto da Tenebrosa Montanha, a falsa Social Democracia Fundanguense, sem mais o que fazer, senão maldades e inutilida-

des, promove enquete para troca de seu símbolo, onde os bichinhos mais votados, até agora, para substituir o simpático, inocente e ultrajado Tucano, são a Coruja, o Morcego e o Curiango. Notívagos por excelência, soberanos bambas das noites, das penumbras e das escuridões. Especiais para as eras dos apagões e das apagadas eras que já eram, sem terem sido... A incúria energética, como tantas outras incontáveis incúrias. Trevas se sobrepondo a tantas e tais e quais outras trevas espargidas Reino afora e Reino adentro.

E, do alto da Tenebrosa Montanha, habitada por Larvas que, segundo a Civilização Helênica, viviam para atormentar os vivos, elas, as Larvas, arquitetam, seguidamente, a derrocada de cada Amanhã.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Larvas da Tenebrosa Montanha, do Planalto do Alvorço, do Alvorçado Planalto fiquem ultra-alertas! A ameaça feita a Zaratustra, pelos Poderosos daqueles tempos do Ontem, pode ser aplicada a cada qual Larva destes tempos do Hoje.

O enredo desenvolvido pelo célebre Súdito Nietzsche, em "Assim falava Zaratustra", parodiado, livremente, por estas bem traçadas linhas, mostra a inesquecível ameaça feita ao sábio pel'Os Donos da Cocada Preta de então. A macabra intimidação vale para a Corte do Reino de Fundanga Varonil.

Zaratustra, depois de longos anos de meditação, em outra montanha que não a montanha do Planalto do Alvorço, desceu para pregar suas Verdades. Atacava os ícones de pés de barro do Império e do Imperador, defendendo a Vida, os instintos e profetizando a vitória da luz e do bem sobre as trevas e o mal.

Fustigando as Estruturas vigentes, sentenciava ele para as Larvas de então, travestidas de Imperadores, Condes e Alcaides, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados:

— Cuidado, Larvas, inda vão comer vossas entranhas!

ROIA

Rolha é aquela peça, geralmente cilíndrica, de cortiça, borracha ou plástico, usada para tapar gargalos de garrafas e outros frascos. Significa, também, homem vil, biltre, astuto ou, ainda, sujeito empata-samba.

Imperador:

Este simples Súdito do Reino, filho dileto do Condado das Roças Gerais, natural do Burgo das Sapitucas Viçosas, que a esta subcreve, ousou colocar no papel, em duas outras oportunidades, para Vossa Majestade, Senhor Imperador, sua opinião sobre querências e desavenças para com este Reino destas Fundangas Varonis. Reino dos oitent'anos de retrocesso, em oit'anos de Des-Governo.

A primeira foi há três anos, no Natal. Não obteve resposta, claro! A segunda foi, exatamente, um ano depois, também no Natal. Óbvio, não obteve resposta, lógico. Como este Vassalo é teimoso, feito burro xucro, volta a redigir esta terceira missiva. Não obterá resposta, evidentemente. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Em assim sendo... Seguem estas bem traçadas linhas:

Vossa Majestade, Senhor Imperador, imagina quem é este Suserano? Certamente, o Senhor, Senhor Imperador, caminhando nas obscuras nuvens do Poder, emérito nefelibata, que sempre foi, negará resposta para tão insignificante indagação, indagada por este insignificante Suserano. Seria exigir demais do portador de preocupações gigantescas, I-Responsável pelo Bem/Mal Comum de 170 milhões de almas, pela Soberania sobre nove milhões de quilômetros quadrados de terra e sobre um montão de milhas aquáticas. Bom que fosse apenas e tão-somente isto. Mas este isto, Senhor Imperador, o tem tornado cúmplice de ligações perigosas, indecentes e lesivas aos interesses maiores do Reino.

Por estas e por tantas outras... Senhor Imperador... Pouco importa, se importa... quem seja o ousado Escriba. Importa, ao contrário, que Vossa Majestade se encontre imerso na liturgia do trono-mor e por que, então, Vossa Majestade se daria ao trabalho de conhecer a angústia de um reles Fundanguense?

Este Camponês, Majestade, deu e continua dando um duro desgraçado na Vida. Inda que cometendo erros, coerente na incoerência, procurou preservar valores essenciais dos quais jamais abriu ou abrirá mão.

Tudo aquilo que este Pária fez, disse e escreveu continua valendo até os dias de Hoje e ninguém, jamais, em tempo algum, receberá pedido deste Pária para que se esqueça de uma simples vírgula daqueles feitos, ditos e escritos.

Súdito que nunca se curvou aos Poderosos de Plantão fossem eles Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados. Do Reino, dos Condados, dos Burgos e até da Academia.

Vassalo que nunca foi Homem de Confiança do Poder. Suserano que, ao contrário, traz consigo o honorífico título de Homem de Desconfiança do Poder.

Este impertinente Escriba avançou muito pouco na Vida, mas veio de muito longe. Abrindo picadas, trilhando caminhos, avançando veredas, a duras penas, sem benesses e regalos que ferissem seus princípios. Ousou sonhar entre um cochilo e outro, na espreita da jornada seguinte, sabendo que as asperezas da Vida são mais ásperas para uns que para outros. Soube de muita sujice no Imundo-Mundo e teve a certeza de que há como promover uma assepsia exemplar, no lato e no estrito, pois o senso comum ainda sabe reconhecer o bem e o mal. Na lata e na luta, jogando na cara de muitos a constatação de que a limpeza das atitudes não é mera figuração, para quem começou a Vida a oferecer detergentes para Os Donos da Cocada Preta e a apregoar o melhor sabão que o dinheiro d'Os Donos da Cocada Preta poderia comprar. Também conheceu e perambulou pelo mundo da música, dedilhando as teclas do *bas-fond* e deliciando a gente tão *bas* e tão *fond* quanto, nos Salões Elite da Capita das Roças Gerais. Daí sua petulância e seu sagrado direito de fazer nascer estas bem traçadas linhas que o Senhor, Senhor Imperador, jamais lerá. Uma pena! Pena, muita pena, mesmo! Outra frustração deste Camponês destas Sapitucas Viçosas.

Interessante, Majestade, a idade nos faz perder a Coragem, mas, Dialeticamente, também nos faz perder o Medo. Não se irrite, pois, com a ousadia do conselho de um reles Súdito, mas dê um presente a este sofrido e roubado Reino. Peça carona nas asas do Fundo da Miséria Internacional (FMI) e desapareça desta Vida concreta e vá para de onde nunca deveria ter saído. Vá, Senhor Imperador, como autêntico nefelibata, caminhar e viver para sempre nas nuvens de outros céus e de outros infernos.

O Reino foi atirado numa crise sem precedentes, à beira da falência, vergonhosamente, vendido e saqueado, com um terço da população na miséria, desemprego assustador e salários aviltados. E tudo por tudo... Embalado pela ausência de Fé, Esperança e Certeza no Futuro.

O Senhor, Senhor Imperador, fez da Política sinônimo de ardil, astúcia e artifício – imoral transigência na defesa dos interesses das Minorias destas terras e d'outras d'além-mar e d'além-terra.

Mude, Senhor Imperador, para a Metrópole, a bordo das ordens do Imperador-Xerife, Bush Hic!, The Robber, e d'Os Donos da Cocada Preta da Banca Internacional. Certamente, eles terão um salário mensal de Trinta Dinheiros para o refestelar na vagabundagem de Vossa Majestade em outra aposentadoria somada. Pegue carona na Globalização espúria, passando, antes, numa loja de um-e-noventa-e-nove. Compre um travesseiro, importado do Neoliberalismo e que ele, o travesseiro, tenha o dom sobrenatural de abrigar sua consciência na Paz do sono seu de cada noite. Para Honra e Glória daqueles que são os donos do nada, frutos das Imperadorices de Vossa Majestade.

Imperadorices capazes de assassinar, na razão e no coração da Maioria, a doce palavra Esperança e a vital crença no Futuro.

A esta subscreve,

Xico

Um Fundanguense do Burgo destas Sapitucas Viçosas

RUTH

**Tá lá a Ruth! Pregando o tcham da Educação,
vestida da vovó que todos queriam ter,
encarnada na mamãe que todos pagariam para ganhar,
maquiada da titia que todos gostariam de embalar.
Mas, em verdade, portando a alma
da madrasta que ninguém adoraria ter.**

Os meios de comunicação publicaram, às escâncaras, mais pelo inusitado do fato do que pelo zelo à informação. Pouco ou nada interessa à grande mídia zero-oitocentos, hipócrita, interesseira e beneficiária estampar mazelas, desmandos, inoperâncias e intenções da farsa Real, de um falso Sistema, comandado por um falso Imperador.

Realidade traiçoeira e impregnada de ridículos tronos, puídos mantos, carcomidas coroas e enferrujados cetros.

Sim! O Imperador está nu! Nada há mais a esconder!

Até Ruth, a Imperatriz!

Sim! Até a Soberana já não tem como ocultar as In-Justiças capitaneadas pelo poderoso e dileto Senhor.

Nem mais uma única criança deixa de enxergar a sinistra figura, como a sinistra figura veio ao Mundus Horrendus.

Quem diria! Até tu, Ruth, esposa dele?

Um Rei, Imperador, ou seja lá o diabo majestático que for, exposto à execração do Reino, inteiramente nu, com seus pelames e suas couramas flácidas, moles, frouxas, lânguidas e balofas.

Pelames e couramas. Totais e irreversíveis.

Pela idade. Pela maldade. Pela mordacidade. Pela crueldade. Pela perversidade.

Pelancas geradas na mentira deslavada de um exilado da carochinha. De um cassado de lorota. De um perseguido de ficção. De um preso de fábula. De um passageiro turista, de passagem pelo Reino dos Andes, com passagem pelo Caixa das Verdinhas da *Ford Foundation*. Pelames e couramas de um perseguido político que jamais aconteceu nos Anos de Chumbo.

Pelancas nascidas de embustes, de conchavos e de ignomínias praticadas contra os sublimes interesses do Reino, plenos da ausência dos pilares básicos da Dignidade Humana: saúde, educação, emprego, habitação e lazer. Para Honra e Glória dos interesses confessáveis e inconfessáveis de grupos insaciáveis e encastelados no Poder.

Pelancas paridas de um programa político perverso, pleno de realizações e obras de necessidade duvidosa, sem auditorias contábeis nem apurações jurídicas rigorosas.

Até tu, Ruth, que, muito antes da criança da fábula, já viste o Imperador sem veste?

Até tu, Ruth, buscando a Verdade como a Míriam de Nazaré buscou refúgio no Reino dos Faraós, salvando o Jesus Menino da afiada lâmina do Imperador Herodes?

Até tu, Ruth, buscando a Verdade como a Míriam da Globo buscou refúgio no Reino de Barcelona, salvando o Júnior Menino da afiada língua dos Súditos do Imperador?

Em sendo assim, Ruth... E por assim ser, Ruth, refugias nas verdades, vencendo as normas e quebrando as guampas contra o ardente Imperador.

Pouco importa, se importa... Seriam a forra e a desforra para a refugiada aleivosia imperial, num enredo mais de Polichinelo que bíblico.

Se tu, Ruth, expões verdades e renegas a política social deste Reinado, imagina, então, o que os Ignaros e Cuvilheiros Súditos imaginam do teu Imperador? Vassalos do Reino de Fundanga, sem lenço e sem documento, sem o doce sabor e o suave calor das macias alcovas imperiais. Sem a rotineira Ruth, sem a *caliente* Míriam.

A grande imprensa publicou às escâncaras:

Ruth, a Imperatriz, critica a política social do Imperador.

Declarou ela:

— As políticas sociais (do Reino) são burocráticas e ineficientes, os recursos não chegam às camadas menos favorecidas da população e há necessidade de se aumentar o volume das verbas.

Imperatriz Ruth, parabéns por tuas declarações! A família, sensibilizada, agradece por este ato de fé e solidariedade bíblicas. Pois que, em verdade, em verdade... A verdade seja dita... E te digo, Ruth: os recursos não chegam porque se encontram aquém das necessidades e desaparecem no percurso, conduzidos nas cartolas dos Lalaus da Corte Fundanguense.

Quem diria! Até tu, Ruth, esposa dele?

Nesta toada, estrofe e refrão, a Ruth do Imperador, mesmo tomando conhecimento de que ele tivesse respigado nos campos da Míriam, a Global, permaneceu ao seu lado, tal-qualmente sua xará Ruth, a Moabita, o fez com a sogra Noêmi, segundo as Escrituras.

Permitiu-se, porém e também, respigar no campo do Imperador, através de maquiavelentas declarações subversivas. De megafone em punho, vestindo camisinha vermelha e estrelada, usando bonzinho dos sem-terra, trazendo nas mãos a foice e o martelo e distribuindo rosas e pombas socialistas. A Imperatriz estará, em breve, liderando Camaradas e Companheiros, em monumental marcha sobre o Planalto do Alvorço ou invadindo a fazenda da Família Imperial no Burgo dos Buritis, no Condado das Roças Gerais. Para orgasmos múltiplos e sequenciais do topetudo Conde Itabirras.

CHATOS

O chato nos Chatos é que eles se encontram agasalhados por densos pentelhos, enquanto os Não-Chatos, chatice das chatices, encontram-se desagasalhados, graças a uma Estrutura que privilegia a jericada e a asnice.

A Corte é uma corte, coalhada deles. Artistas de todas as artes. Desportistas de todos os desportos. Eles, os Bobos da Corte. Colombinas, Arlequins, Pierrôs, Animadores, Palhaços, Jograis, Dançarinos, Contorcionistas, Declamadores, Jogadores, Cantores e tudo o mais que chatear pelos divertidos salões do Planalto do Alvorço, do Alvorçado Planalto.

Figuras como a Hebe, uma graaaciinha, que a Zoologia classifica, tranquilamente, como importunas, maçadoras e inconvenientes.

Nada mais do que o Galvão, um Piolho, para os íntimos, mas, se alguém quiser gastar um pouquinho mais, é só chamá-lo de Xuxa ou de *Pediculus pubis*. Porém, se um boquirroto qualquer desejar baixar o nível, ele atende por Chato mesmo ou por Boris Casoy, aquele que apregoa, aos quatro ventos que "Isto é uma veeergooonha!". Merecem umas boas chavascadas, isto sim, para aprenderem as chamadas regras do bem viver e sumirem das retinas nossas de cada olhar.

Em sendo assim... Como esta gente, tal e qual o Faustão, a Ana Maria Braga e o Louro José estão por merecer chavascadas fuças afora. Ou mesmo pancadas, bordoadas e porradas sem se esquecer de algumas boas para o rotundo e balofo Jô Soares.

Porém... Voltando à Zoologia, os Chatos, como outro rotundo, balofo e provinciano Luciano do Valle, são os anopluros. Trata-se de uma classe de insetos octoparasitos dos mamíferos, possuidores de avantajado aparelho bucal sugador, de cabeça estreita e unhas fortes. São hematófagos – chupadores de sangue – assemelhados aos vampiros, algo tal e qual o chato e sorridente Homem do Baú da Felicidade... Dele – mercador de sonhos como o cansativo Mago Paulo Coelho de Compostela... Ou da Academia Fundanguense de Letras, turbado e imortal ajuntamento de Chatos.

O *Pediculus pubis* é um inseto cosmopolita, habitante da região pubiana e, eventualmente, das sobancelhas, axilas e outras partes do corpo. Vive a curta vida de três semanas de chateação, incuba os ovos durante sete dias e as ninfas, com quinze dias, estão aptas para se transformarem noutros tantos Chatos, como Shachas, Shachinhas, Shachetas e Baixetas com ou sem a potência d'alguém Pênis de Aluguel, como se sente autorizado este Súdito a pensar do Chato garanhão Zha-Firme.

Gente assim tipo esta turba de Pagodeiros, entre os quais despontam eméritos produtores e reprodutores de sons, barulhos e rebolados de péssima qualidade.

E tome Chatos, gerados aos sacolejões, no orgasmo do aborrecimento por férteis criadoras e avassaladoras parideiras. Chatos, também, como todos os Grupos Rebolativos que mexem, remexem, trimexem e endoidecem a Turba Carente e Ignara, no compasso do balanço-balanga bundas e bumbuns.

Pobres quinhent'anos, do Reino do Chato Imperador, glorificando e honrando seus Perversos e Chatos Patrões Internacionais, montando nas e sugando as regiões pubianas dos impotentes Imperados.

Por quinhent'anos obrigados a ouvir insetos octoparasitas, tipo Xitoró e Chorãozinho e assemelhados, uivando, urrando e ornejando, em inocentes e Inconscientes tímpanos, secundados pela SandyJu e o JúniorSan, pois, afinal de contas, família que chateia unida, esgoela unida.

Por estas e por tantas outras... Tome cassetadas mais dos Chatos do Casseta & Planeta, fazendo humor depreciativo de tudo que ainda resta de bom e digno neste Reino de Fundanga. Humor que seria execrado em todo e qualquer Reino que cultivasse símbolos, conquistas, valores e personalidades. O escracho voltado para gente que... Apesar deles... Ainda faz, deste Reino de Fundanga um Reino menos pior.

Chatos os há para todas as tentações, pecados e perdões. O Boleiro Romário ou o saltitante bizantino Sacerdote Marcelo ou o Sacerdote Macedo, bispando e dizimando bolsas, bolsinhas e bolseiras. Encostos a serem descarregados numa destas bandoleiras Sessões de Descarrego. Televisadas ou audiovisadas. Amém?! Aleluia?!

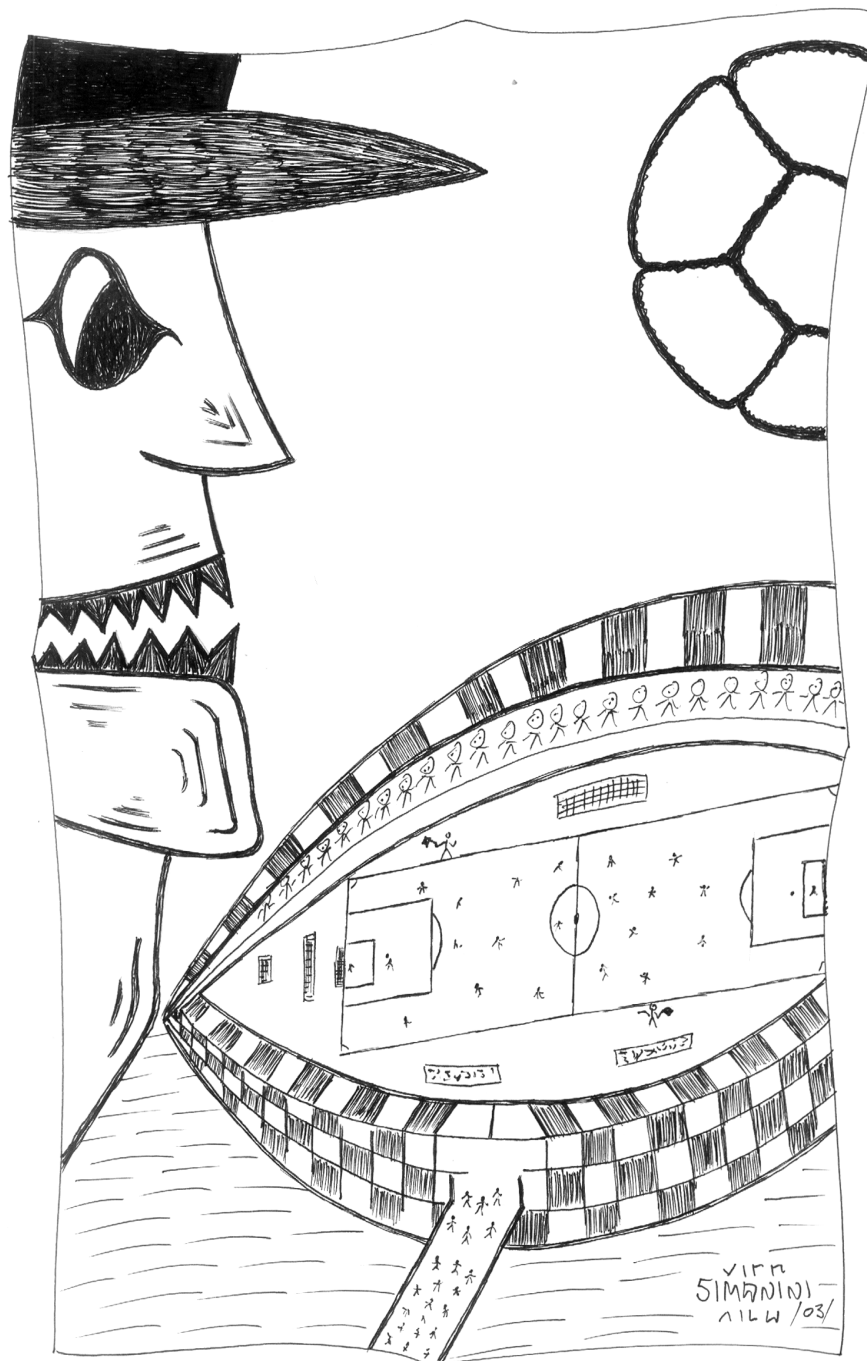
Chataiada dos urros escalafobéticos do Ratinho, no Chato circo dos horrores e da degradação, dos Xaropinhos, Tunicos *et caterva*.

Na fritada dos ovos dos Chatos, ou nas surras terrenas tomadas e nos ovos levados pelo ex-Conde Covas, agora chateando na cova do Andar de Baixo, sem ovos e ovas, um brado de alerta: Chatos de Fundanga, desuni-vos! Para o sossego e a paz dos púbis nossos de cada corpo nosso.

Que se deixe o Chato sugar em paz. O Chato da Zoologia, pois ele merece respeito, afinal, como diria a Filó, Ô coitado!

A DES-ESTRUTURA DE CLASSES

DONO DO JOGO



SOÇAITEBOL

A Classe Dominante difunde a ideia de que as chances são iguais para todos e de que pelo trabalho e poupança é possível “subir na Vida”.

Este é o papo de seis simples Súditos, uns não tão simples quanto os outros: Brasilino (o Vassalo que começou a sacar onde está a sacanagem do Sistema); Doutor Roberto (o Capitalino, aquele cara que perpetua a sacanagem e que “só dá bom dia porque bom dia volta amanhã”); Boris Borrão (o Corifeu das sacanagens do Capitalino, salário estratosférico e que, ao deixar de ser útil, tomará certo pé na bunda); Zemaria (o Jornalista aguerrido e quase independente); Pepê (o Operário, o homem que mata no peito, baixa no chão e manda pro fundo da rede); Babaquino (o Vassalo que é babaca, babaca, mesmo).

Um tanto quanto atordoado, interrogava o Súdito Brasilino:

– Quem sou eu nessa? Onde tô? Tô jogando em qual Time? No meu ou no do adversário? Tô marcando gol contra as minhas próprias redes? Qualé, ô bicho?

Arrogante, exclama o Doutor Roberto:

– Eu sou o Dono do Espetáculo – a Burguesia Capitalista. O proprietário dos Meios de Produção – dinheiro, terras, máquinas e outros babados tais e quais. Eu sou eu mais eu e muito mais eu! O jogo é jogado do jeito que eu determino, o estádio é meu, a bola me pertence, compro os direitos federativos dos jogadores, o árbitro apita conforme meus Interesses, o ingresso custa meus desejos. Qual é o papo? Afinal, eu trabalho e Deus ajuda a quem trabalha – *In God We Trust*.

Alienado, achando-se insubstituível, Boris Borrão procura justificar:

– Eu sou o Treinador – pertencço à Classe Média Alta ou Pequena Burguesia. Pós-graduado na Folha *University*, *PhD* no Estadão *School* e pós-doutorado em *The Globe*. Meu salário é pago pelo Doutor Roberto. Luta de Classes e greve nem pensar! Organização social, sindical e popular necas de pitibiribas. “Isto é uma veergoonha!!!” Juntos chegaremos lá. Somos todos Iguais perante Deus e perante os homens. Contribuo com campanhas do agasalho, do quilo, da padroeira, do Natal e o escambau. Minha esposa faz caridade de todos os jeitos. Sou homem sério e cõncio das minhas responsabilidades. É bem verdade que, de quando em vez, dou meus pulinhos fora. Uma cerquinha aqui, outra cerquinha ali. Afinal, ninguém é de ferro! Tô com o Doutor Roberto pro que der e vier. Um hora consigo montar meu próprio Time.

Crítico, prega, com seus discursos inflamados e escritos gritados, o subversivo documentado e juramentado, neste e noutros Reinos, o companheiro e camarada Zemaria:

– Eu sou o Analista do Jogo – a Classe Média Baixa ou Descrente na Burguesia. Alô! Alô! Galera querida, da minha terra querida! Eu

sou o Comentarista! Aquele que subverte e que já sacou como foi elaborada a *International Board* do Capital x Trabalho. O resultado é manipulado permanentemente... Manhas e artimanhas criadas... Um pênalti aqui... Um árbitro comprado ali... As regras modificadas acolá... A bandidada ganhando sempre...

Confiante, por sua vez, diz Pepê:

– Eu sou o Jogador – a Classe Operária. O Assalariado Pleno, carteira assinada. Vendo minha Força-de-Trabalho. Integro o Time, sou titular e recebo ordens de todos – do técnico, do preparador físico, do árbitro, do dono-do-jogo, da madame do dono-do-jogo. Limpo o cocô e enxugo o xixi do cachorrinho da madame do Doutor Roberto. Impõem a tática, estabelecem salários, luvas e bichos. Sofro pressão permanente da Galera e da Imprensa. Enfrento até um tal de Exército de Reserva que eu não entendo bem o que possa ser. Tô sempre levando gol entre as pernas, mas, um dia, como faz o companheiro e camarada Zemaria, ainda grito, a plenos pulmões, Jogadores do Mundus Horrendus, uni-vos!

Perdido, completamente, neste papo, com cara de goleiro franqueiro, fala Babaquino:

– Sô o tar de *Lumpen*. Nus campu de futibor da Vida nós é o gandula, o pipoquero, o sorvetero ou o sarsichero. O *Lumpen* ou o Marginalizado. Esses nomi qui intelectuá goista de botá ni nós! Tenho uma purção di colega – biscatero, puta, subimpregado, camêlô, catadô de paper e lata, eticetra e tar... Pois, quem tá c’oa razão é os Home mesmo, uai! E ês qui pode dá imprego pra nós. Êis são caridoso mesmo! Greve, Sindicato e essas coisa toda só servi pra trapaia. Os Home pode até num querê ajudá nós, se nós bubiari, e nem Deus, credo in cruz, gosta dessas coisa. Tenho fé in Deus qu’Ele num vai botá ni nós! Tô defendeno o meu até os Home achá qui eu mereço ganhá um imprego de verdade. Aí, nós entra no Time, nem qui fô pra batê uma bolinha nos interval di jogo.

Com o Esquema de Jogo da Sociedade Capitalista explicado, Brasilino tira suas sábias conclusões:

– Quer dizer que o jogo é jogado assim? A Classe Média Alta e os Marginalizados, unidos, fazem o Jogo Capitalista, como se eles fossem Capitalistas. Caceta dos caraio! Então tem gente marcando gol contra seu próprio Time, sem perceber! Quanto à Classe Média Baixa e a Classe Operária, podem fazer o jogo para seus Times, se organizados, conscientes e lutadores. Vão acabar ganhando, num primeiro momento, os Marginalizados e, a seguir, a Classe Média Alta. Vão ganhar o campeonato. Vão democratizar o jogo. Ora, se vão!

Em sendo assim... Pergunta, concluindo, Brasilino:

– Neste injusto e louco Esquema de Jogo da Sociedade Capitalista, Liberal, Neoliberal ou seja lá o diabo do nome que se queira dar a esta empalação, onde é que entra mesmo o *In God We Trust*? Ou num trásti, cambada de Filhos da *Mater et Magistra*?

MANILIANO

Exemplo lapidar da Minoria maquiavelenta, via de regra eleita, exaltada e celebrizada pela Maioria Fraca de Espírito.

Exceções existem para justificar a regra. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... A regra determina, com as exceções contumazes, que ele é filho do filho do filho de antepassados que, sempre, em tudo e por tudo, levaram vantagem, em tudo.

A História não mente jamais.

Nestas Fundangas Varonis, do Fernando de lá; nestas Roças Gerais, do Itabirras daqui ou nestas Sapitucas Viçosas, do Fernando de cá. Pouco importa, se importa... E quem importa?

Pois, então, o filho do filho do filho daqueles que sempre obtiveram a Riqueza do Poder e a Riqueza da Riqueza mesmo, galga importante posto na Corte Fundanguense e dela faz parte imprescindível.

Conquista as insígnias do triunfo nas urnas da malandragem ou na sacanagem da força das armas. Pode, então, vestir a túnica branca, calçar as botas vermelhas e usar a coroa de louros do Parlamento.

E assim, por assim dizer... A partir das urnas, urdidas nos ardis eleitorais, ou na força das armas, armadas, dos golpistas porões, perpetuar-se no Poder e na Riqueza, mediante intrigas palacianas, violação de painéis, subornos, delações, falta de escrúpulo e habilidade invulgar no trato com as pessoas influentes da Corte. Parlamentar, no Parlamento, a imundície de uma Política que deveria ser limpa.

A História do filho do filho do filho, com a sordidez da maioria de seus atos e chifres gestos de grandeza, é a História que vem se repetindo ao longo dos séculos.

Transforma-se em Serviçal para atender aos desejos do Tirano de Plantão; faz barganha com o corpo da própria esposa para obter vantagens políticas; fecha os olhos às arbitrariedades do Imperador, entesourando valiosa moeda de troca; entrega os amigos aos açoites do carrasco para ganhar compensação financeira; não hesita em dedurar Companheiros para conservar empregos e posições. Na Corte, tudo é possível: mudam-se as leis de acordo com as conveniências do momento; autoriza-se o massacre dos Súditos sem lhes assegurar o mínimo direito de defesa; permite-se que uma criança morra a cada 24 minutos, por falta de saneamento básico, e que um terço da população seja colocado abaixo da linha da pobreza; entrega-se, por Trinta Moedas de Prata, para a canalha de Reinos d'além-mar e d'além-terra, o Patrimônio, a Honra e a Dignidade do Reino, prodigalizados pela natureza, onde, em se plantando, tudo dá, onde, em se querendo, tudo se constrói. Até grampos telefônicos.

Assim é o filho do filho do filho, no Reino destas Fundangas Varonis, do Fernando de lá; no Condado destas Roças Gerais, do Itabirras daqui, ou no Burgo destas Sapitucas Viçosas, do Fernando de cá.

Assim é o filho do filho do filho de antepassados proxenetas que, nas horas do acerto de contas, escafede-se pela porta dos fundos, retornando, mais tarde, esborniosa e milagreiramente, nos braços de Todos os Santos e de Todos os Pecados. Graças a famigeradas e delituosas brechas e fendas legais. Não sem dantes aprontar tantas e tais outras artes e artimanhas contra concubinas, desafetos e oponentes.

Um Senador do Reino destas Fundangas Varonis. Um político do Reino destas Fundangas Varonis. Um Senador, um político, um indivíduo, nada mais, nada menos. "Aquele que pensa uma coisa, diz outra e faz o contrário."

Assim é o filho do filho do filho de antepassados d'outras eras. Um Filho da *Mater et Magistra*, Senador do Império Romano, semelhante ao Reino de Fundanga, destes tempos do Fernando de lá e d'outros tempos do Nero, chamado Minuto Lauso Maniliano. Personagem magistralmente biografada na obra "O Romano", do Súdito do Reino da Finlândia Mika Waltari, na qual se inspirou, livremente, este bem traçado textículo.

Qualquer semelhança com fatos, pessoas ou acontecimentos, dos tempos atuais e geograficamente próximos, no Reino, em Condados e Burgos, não terá sido mera coincidência. Foi proposital.

Em sendo assim e assim sendo... Qualquer semelhança entre este Maniliano e os Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados que infectam, infestam e infeccionam o Pedaco não terá sido mera coincidência. Foi proposital.

BOBO

A Conscientização não penetra através dos cinco sentidos. O Processo é sádico, no qual, e ao mesmo tempo, o Alienado, em decúbito dorsal, é Conscientizado através de esfoladas, raladas e sangradas.

Taí o incontestável! No momento certo, aquele que se achava insubstituível e todo poderoso, como Corifeu do Doutor Roberto e do Sistema, tomou aquele pé na bunda e foi defenestrado do Time, com uma mão na frente e a outra atrás. Boris Borrão tava no olho da rua! Calça de veludo e bunda de fora, comendo mingau de couve e arrotando lombo assado.

Este Suserano confessa que sentiu arroubos de sadomasoquismo. Experimentou o prazer, a satisfação e o gozo ao ouvir, da boca de antigo e leal adversário, choringos diante de sua combalida situação e de seu murcho, chocho e derradeiro contracheque. O demonstrativo do recebimento de seus direitos trabalhistas.

O Servo, agora um simples Servo, nada mais do que um reles Servo, com os fundos vermelhos e ardendo, vociferava, urrava, rugia e bramia contra o absurdo e a insignificância a que fora submetido, graças às ações de seus ídolos e gurus de outrora.

Pobre dele, olhar pousado no miserável papel de seus ganhados ou de seus perdidos. Sabe-se lá! Exemplar incontestado do legítimo e verdadeiro emputecido da vida.

Servo outrora defensor incondicional da chamada Ordem e Progresso vigentes. Cidadão encastelado nas verdades dos outros, como se dele elas fossem. Trombeteiro assíduo e crédulo das podridões de noticiários comprometidos com o Poder. Leitor contumaz das Veja, das Folha e dos Globo. Telespectador contumaz dos Nacional, dos Band e dos Record. Farinhas do mesmo moinho, célebres cafetinas, rufiões e gigolôs do Sistemão.

É, Cara! Infelizmente, não foi por falta de aviso. Você bem o sabe e chega, imbecilmente, a perguntar:

- Uai, bobo, como é que vocês sabiam que o Imperador, os Condes, Alcaides, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados po-diam meter o ferro na gente? Uai, bobo, como é que vocês falavam, há vários anos, que Os Cocada Preta anoiteciam e dormiam no fio da navalha?

Nós sabíamos, ô bobo, porque nós, das Ciências Humanas, temos uma dificuldade muito grande de aceitar as coisas, simplesmente, porque elas existem.

Nós sabíamos, ô bobo, porque nossas Ciências não são como as Exatas, mas provam a exatidão tanto quanto aquelas.

Nós sabíamos, ô bobo, porque o Caminhar Histórico é inexorável e contém obstáculos que os de Consciência Fraca são incapazes de ver, ouvir, pegar, cheirar ou comer.

Nós sabíamos, ô bobo, porque existe, na Essência do Homem e do Mundo, a Realidade – Micro ou Macro, Individual ou Coletiva.

Nós sabíamos, ô bobo, porque há necessidade de lermos, na Historicidade de cada um e cada qual, quem é cada um e cada qual.

Nós sabíamos, ô bobo, porque tudo é construído de Passado, Presente e Futuro, nascidos do choque de opostos, na sagrada Verdade Dialética.

E, ô Cara, se tudo isto ainda permanece opaco em sua Consciência Mítica e Intransitiva, nós sabíamos, como diria a sabedoria infantil... Porque sim!!!

Ou, ainda, resvalando no popular, nós sabíamos, ô bobo, que laranjeira não dá banana e bananeira não dá laranja, leal adversário de outrora! E, de mais a mais, nós sabíamos, Boris Borrão, que o Sistema é implacável. Os Súditos são festejados, apenas e tão somente enquanto Força-de-Trabalho possível e passível de ser Explorada. Somos, ô bobo, na Engrenagem, simples peças descartáveis. E tome o indefectível pé na bunda!

Daí a viagem deste Súdito à memória do Súdito Marquês de Sade e dos abomináveis rituais praticados contra seus inimigos. Daí um volver ao Passado das sádicas orgias e vigílias.

A História, nascida do embate Dialético dos opostos: Verdade = Contra-Verdade = Verdade, com suas contradições, no desfiar inevitável do tempo, faz brotar a razão exuberante e bela de quem a tem.

Não, ô bobo, nunca fomos baderneiros, subversivos, anarquistas, socialistas ou comunistas. Nunca fomos comedores de crianças!

Ao contrário, fomos e seremos eternos inconformados com a In-Justiça dos Poderosos de Plantão – Imperadores, Condes, Alcaldes, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados e com o trabalho infame de carrascos como você, Boris Borrão, ô bobo, até Ontem a serviço do Poder, reles figurante na degola de Gente da Gente como nós, ô bobo! Continuaremos a acreditar e a defender Valores Fundamentais que deveriam orientar o percurso secular da Humanidade.

E, assim, por assim dizer... A História. História, sempre ela. A Mestra da Vida, a nos dar lição após lição para que não nos tornemos, ô bobo, o Bobo da Corte, destas Fundangas Varonis, reclamando de infortúnios pessoais e individuais, ô bobo!

ZEMARIA

**Péssimas conselheiras a amizade e a admiração,
quando a tarefa é falar de um líder e amigo. Admiração
pelo imenso repositório de atitudes desassombradas,
em prejuízo das legítimas demandas pessoais...**

Representante d'Os Cocada Preta... Representante da Classe Média Baixa... Representante dos Descrentes na Burguesia... O Analista do Jogo – crítico ferrenho do injusto e louco Esquema de Jogo da Sociedade Capitalista. O Súdito que prega com discursos inflamados e subverte com escritos gritados...

Zemaria é a figura arquetípica do exilado. Um exilado que se viu em Reinos estranhos para garantir a própria segurança e a integridade da família... Reino de Bolívar... Reino dos Andes... Reino da Gália...

De qual exilado se fala aqui?

Do desassombrado Jornalista que esbofeteou o esbirro-símbolo da intrusão imperialista, relegando às páginas escusas da História o nome de um Gorila Cinco Estrelas?

Do persistente Repórter, que não se intimidou e soube desbravar pioneiro o caminho para o Jornalismo-Verdade da imprensa alternativa, apesar das dificuldades e até do empastelamento de seu semanário, O Binômio?

Do engajado Intelectual que, visionário, pensou ser possível concretizar, noutras plagas, o Sonho adiado em seu Reino e tentou, noutras longitudes, igualmente Espoliadas, viver a magia da Construção de uma Realidade quase Utópica nas sofridas Infernalias, mais precisamente, nas chamadas Latinoaméricas?

Do frustrado Reformador nos devaneios de sua busca e luta, vendo, no Reino dos Andes, o sublime Imperador Allende cair com, uma vez mais, o projeto de novo Reino de Nova Ordem, sob a carga dos mesmos Gorilas, Xerifes, Delegas e Carabineiros a serviço do Setentrião que antes lhe tolhera os passos?

Do pragmático Homem das Letras, que soube fazer a ponte para os outros, prodigalizando abrigo, informação e, sobretudo, a aragem da Liberdade, em uma livraria-entrepasto para os Sonhos, liame umbilical de tantos com seu Reino distante?

Do intemorato Guerreiro, que jamais se conformou com seu Reino submetido ao terror e ao obscurantismo, imposto por parcelas Dominantes das Legiões Armadas que não tiveram o pejo de se tornar instrumento d'Os Donos da Cocada Preta?

Do incansável Militante que, em nome de um Projeto Político, ofereceu o próprio nome para a luta, em memoráveis campanhas eleitorais?

Por estas e por tantas outras... Apesar de tudo exposto, fala-se de um Súdito que soube ir além, transformando-se na expressão fiel de um Fundanguense exemplar, que permanece exilado até o Presente...

Em sendo assim... Está no exílio, pois seu verdadeiro Reino é diferente do que buscou e do que se constrói nesta quadra, neste Reino destas Fundangas Varonis.

Com tudo isto e por tudo isto... Exilou-se para o Reino Soberano e Independente, que não foi submetido às imposições d'Os Donos da Cocada Preta, cordéis do Capital Predatório da Humanidade, a quem não importam as misérias e privações das Multidões Excluídas.

Pouco importa, se importa... Exilou-se para o Reino onde o ensino é universal, gratuito, de qualidade e de tempo integral, garantindo um direito básico da Pessoa Humana.

E, assim, por assim dizer... Exilou-se para o Reino que soube garantir, a todos os seus Súditos, emprego, saúde, moradia, transporte, cultura, lazer, segurança e outros requisitos fundamentais a que todos têm direito.

Concluindo... A conclusão final... Definitiva... Exilou-se para o Reino que soube fazer Realidade os Direitos da Coletividade, garantindo o mínimo para que os Súditos possam viver com Dignidade e não apenas subsistir. Onde é possível acreditar no Futuro e, principalmente, onde é possível constatar que o Sonho não está desfeito, quando as janelas se abrem para o Sol de todos os dias.

Apesar deles...

Dos Poderosos de Plantão...

Imperadores, Condes, Alcaides – Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados...

TER-SER

**Lutando, cantando e contando uma Terra Consciente,
engajada, combativa e plena de ternura.
Lutas, cantos e contos, a seu modo,
peleja libertária, no Possível Histórico.**

Interrogava um Filósofo medieval, do Centro-Oeste deste Condado destas Roças Gerais:

– Quem sempre perde e quem sempre ganha no jogo jogado neste injusto rincão Globalizado?

Ele próprio respondia, num primeiro momento, questionando:

– O que é ganhar e o que é perder?

E o Súdito Filósofo e Jornalista Zepaulo, do Burgo de Tiros, fulminava:

– Os que ganharam são os que TÊM... Riqueza e Poder! Os que perderam são os que SÃO... Gente!

Em sendo assim... Nestes tempos de balanço secular, em que proliferam mais lobisomens do que colibris, que se balanceie, nesta saída de um século e nesta entrada de outro século, alguns nomes que, dentro dos padrões convencionais, perderam na luta da Vida, pela Vida e para a Vida. Personificações personificadas no Boleiro Pepê, um Cocada Preta, o Jogador, a Classe Operária. Foram, entretanto, salvo melhor juízo, *data venia, data maxima venia*, GENTE. Gente que a História oficial aquarelou com as tintas perversas do Preconceito; mas, sobretudo, Gente Eterna, indelevelmente, eternizada pela aquarela da eternidade:

No licencioso Reino, chegou a Rei... Vingador e justiceiro para uns, bandido e assassino para outros. Para a razão, alma sem Esperança, produto perverso da perversidade de um Sistema carcomido e injusto. Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, Rei do Cangaço. Morto, em 1938, numa emboscada com seus companheiros e a mulher Maria Bonita. Buscava, com as armas possíveis, a possível Liberdade.

No licencioso Reino, chegou a Deputado... Primeiro e único Súdito Índio eleito da História. Gravava todas as promessas que os Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados lhe faziam, registrando a hipocrisia de cada qual. Mário Juruna, Cacique Xavante, Deputado Federal, representava a chegada ao Poder dos Donos Naturais da Terra. Sucumbiu a uma Sociedade falsa que jamais o levou a sério.

No licencioso Reino, chegou a Curupira... Não o homenzinho com os pés voltados para trás como um Curupira mesmo. Mas, como o próprio, protegia as árvores e os animais, lutando contra a devastação criminosas das florestas do Condado da Amazônia. Ocupação predatória, através das queimadas, da extração da madeira e dos garimpos. Pela ousadia, Chico Mendes pagou com a própria Vida.

No licenciado Reino, chegou a Guerrilheira... Nascida Maria Bergner, no Reino da Mein Kampf, vivida Olga Benário Prestes, no Reino de Fundanga Varonil. Lutou pelo justo, pelo bom e pelo melhor do Mundus Horrendus. Despedindo-se do marido e da filha, na véspera de seu assassinato, nas câmaras de gás da Gestapo do Imperador Hitler, escreveu: "...preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue... Agora, vou dormir para ser mais forte amanhã."

No licenciado Reino, chegou a Tocha... Humana por obra e graça de jovens sem Amanhã, canalhas e assassinos, tal-qualmente, a súcia que os pariu. Na sua ignomínia, quatro garotos do Alvorçado Planalto, filhos de bandidos importantes, atearam fogo no Pataxó Galdino, nascido pelas bandas do Condado dos Babalorixás. O Súdito Galdino participaria de encontro visando à defesa das coisas de sua Gente.

No licenciado Reino, chegou a Pixote... Das pixotadas e das pixostescas regras de quixotesca Sociedade. Fernando da Silva Ramos, o Pixote, 19 anos, protagonizou, ainda criança, filme do mesmo nome. Famoso pelo sucesso do trabalho e indigente famoso por morrer como milhares de outros pixotes. A Realidade imitando a Ficção. Acabou em tiroteio real e mal explicado pelos Carabineiros do Puta Condado, Ô Meu!

No licenciado Reino, chegou a Caça... Das caçadas contra Homens que defendiam os interesses da Maioria Despossuída. Carlos Lamarca, Guerrilheiro dos Tempos de Chumbo, no Reino destas Fundangas Varonis, é caçado até a morte. Depois de várias ações, em algumas regiões do Puta Condado, Ô Meu!, embrenhou-se nos sertões do Condado dos Babalorixás, onde foi impiedosamente assassinado.

No licenciado Reino, chegou a Mãe... Mulher anônima, Rainha, tal-qualmente milhões de Mulheres, Rainha do Lar. De nome Francisca - Chiquita - Simonini da Silva... Imaculada, nobre, brilhante e bela por dentro e por fora, de sangue vermelho, maculado pelas cores da Síntese Dialética de raças deste e d'outros Reinos. Lutou a luta boa, justa e fértil junto ao seu Homem José, dentro de quatro paredes singelas, modestas, humildes. A busca incessante do mais SER do que TER... Para seus filhos que fez como Fêmea da Luz.

Alguns poucos que foram Gente... Pinçados de outro pouco tanto que também o foi. Pois, afinal de contas, pensando bem... É mais fácil encontrar quem ganhou – quem TEM... Riqueza e Poder do que encontrar aqueles que perderam, mas SÃO... Gente. É mais fácil encontrar bandido do que não-bandido. Bandidos, os há aos borbotões, aos trambolhões. De montão.

História, ó História! Onde estás que tanto demoras a desnudar os bandidos teus? Mesmo porque, malditamente, a História é escrita em páginas volúveis. Páginas que jamais escrevem flores para os Pepê do Ontem, do Hoje, do Amanhã...

JOSIAS

**Todo cidadão é igual perante a lei.
Só que uns são menos iguais do que outros.**

Todo Fundanguense que se preza gostaria de agir como o Cristo Santo, em seus momentos finais, balbuciando na Cruz: "Pai, perdoai-lhes, porque eles não sabem o que fazem." Aflora, também, o desejo incontido de agir com a mansidão do xará de um certo Escriba do Reino de Fundanga, o *Poveretto da Asisi*, São Francisco, oferecendo a outra face, seguindo, piedosamente, as determinações do Filho do Homem. Seria, entretanto, exigir demais, extremamente demais, de um pobre e miserável pecador, um reles *Poveretto* das Sapitucas Viçosas.

Não há estopim que resista. O negócio é queimar no golpe. Atitude única a tomar, no Reino do Imponderável, sem dúvida, é aquela do mesmo Cristo Santo, em outra oportunidade, escorraçando os vendilhões do templo, Marcelos, Macedos e similares, quebrando e botando pra quebrar tudo à Sua frente.

Estas bem traçadas linhas, com certeza, vão estampar a figura de um Súdito, destas Fundangas Varonis, de nome Josias e que, pensando bem, é a encarnação do Babaquino, aquele mesmo que, segundo ele mesmo, é o tal de *Lumpen* ou o Marginalizado. Esses nomi qui intelectuá goista de botá ni nós! Lídimo representante do Estrato Inferior da Pirâmide Social do Reino – o Babaquino, com todo respeito, é claro.

Escrever gritando no triste Reino dos milhões de Párias de nome Josias.

Josias que é da árvore genealógica de Jesus Cristo; Josias que também é Francisco; Josias que inda é dos Anjos.

Fundanguense, emérito exemplar d'Os Cocada Preta, natural do Burgo de Planaltina, satélite do soturno Planalto do Alvorço, de todas as Sodomas e de todas as Gomorras. Centro nervoso do Reino, buraco negro das contravenções, arrumações e armações. Epicentro por excelência das In-Justiças, impunidades e imprecações.

Josias Francisco dos Anjos, 55 anos, negro, miserável, analfabeto, raspando árvore para, com as cascas do pau, fazer chá para curar sua Maria Mulher.

Maria do Josias, 53 anos, negra, miserável, analfabeta, doente, esperando cascas da árvore descascada para, com as cascas da árvore, fazer chá para um corpo sem as verbas da saúde, sem atendimento, sem hospitais.

Ah! Josias! Como deixar de ser o Babaquino? Haja paciência!

Josias Francisco dos Anjos, que é da árvore genealógica de Jesus Cristo, que também é Francisco e dos Anjos – das Trevas da Economia, parideira da pindaíba do Josias que foi em cana, nas masmorras do Reino, por destruir reserva ecológica às margens do córrego Pindaíba.

Pindaíba de leis, regulamentos e julgamentos. Pindaíba de jurisprudências, Árbitros, Meirinhos e Otoridades.

Por estas e por tantas outras... Segundo o Carabineiro de Plantão, a Otoridade, o Delega, Josias provocou danos diretos ao patrimônio ambiental, delito inafiançável e punido com pena de um a cinco anos de prisão. Delega sacripanta, Filho da Outra! Vá procurar serviço enquadrando os Escadinhas Fernandos e os Malucos Elias desenquadrados, caceta!

Em sendo assim... O Josias, pelo monstruoso e hediondo crime, puxou cana de sete dias ao lado de traficantes, assassinos e ladrões. Quanto aos jovens bandidos, filhos de abastados canalhas e incendiários do Pataxó Galdino, estes, sim, encontram-se soltos, deitando, rolando e rebolando acintosamente. Vivendo, alguns deles, dos serviços do Reino, nos quais, certamente, dada a práxis da Corte, entraram mediante favores ou alquimias nas quais a douda eficiência do Poder Procidente faz escola e deita jurisprudência.

Quanto aos poderosos destruidores e saqueadores da biodiversidade do Condado da Amazônia e adjacências, estes sim, com a complacência e cumplicidade do Conde Boto-Tucuxi e das Otoridades de lá, deitam, rolam e rebolam desecologicamente. Claro, com a complacência e subserviência das Otoridades da Corte.

E é por estas e por outras... Que o *Poveretto* destas Sapitucas Viçosas comete o sacrilégio, a profanação, a heresia e a condenável atitude de invocar, desejar e pedir aos céus a presença da Justiça dos deuses das crenças do Povo destas Fundangas Varonis. Ela, somente, ela, metafisicamente. Aquela mesmo que escorregou, expulsou, afugentou e espancou os vendilhões do templo.

Caso contrário, ah! Josias! Como deixar de ser Babaquino?

CARTABERTA

**Na selva do salve-se-quem-puder,
a Liberdade é uma ilusão.
Até a liberdade de se matar.**

Pois que, em verdade, em verdade, a verdade seja dita nestas Fundangas Varonis, nestas Roças Gerais, nestas Sapitucas Viçosas. Reino, Condados e Burgos. Imperador, Condes, Alcaides e seus Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados...

De um lado, Os Donos da Cocada Preta... Dominantes, a Minoria... Personificados no empedernido Doutor Roberto.

Do outro lado, Os Cocada Preta... Dominados, a Maioria... O alienado Boris Borrão, o combativo Zemaria, o esperançoso Pepê, o babaquino Babaquino mesmo e o estarrecido Brasilino.

Uns e outros para o mal e para o bem; para o patético e para a piedade; para o funesto e para o cômico. Pirâmide Social, construída, milimetricamente, para copas, campeonatos e torneios, em que, via de regra, o campeão já se sabe de antemão.

Sociedade normatizada por uma Des-Estrutura Política, Econômica e Social perversa e má. Capitalista ou Liberal ou Neoliberal. Globalizada. Avalizada por Imperadores civis, eclesiásticos e militares. Des-Estrutura capaz de banalizar situações tais e quais a relatada na carta desesperada, transcrita quase na íntegra, de uma Súdita qualquer, num Burgo qualquer, destas Roças Gerais, destas Fundangas Varonis.

Em assim sendo... Uma estória real... Um hospital real... Um médico real... Uma paciente real. Sem Solução... Sem Esperança... Sem Futuro... Isto, sim, o real. Enredo estruturado pela Des-Estrutura Política, Econômica e Social. Enredo elaborado pela canalha de sempre, Senhora da Vida e da Morte.

Um Burgo qualquer, desse dia qualquer, desse mês qualquer, desse ano qualquer.

Doutor:

Eu sou a Maria da Glória, tenho 23 anos, estou internada neste hospital porque o filho que estou esperando quer nascer antes da hora. Coitado dele, quanta pressa pra vir sofrer neste mundo.

Tenho dois filhos que estão com minha mãe. Ela é viúva, faz uns bicos pra viver e também não tem recurso nenhum, mas aí de mim e de meus filhos se não fosse ela.

Meu marido me abandonou para ficar com a mulherada na rua. Ele é viciado em drogas. Já teve problema com a polícia e com traficante. Qualquer dia destes ele vai acabar morto.

Tem três meses que minha casa não tem gás de cozinha. Mas gás pra cozinhar o quê? Os vizinhos me ajudam no que podem.

Mas eles também não têm recurso. Tem uma porção deles que tá desempregada.

Outro dia um homem na rua me deu dois litros de leite. Que Deus abençoe ele.

Meu filho mais velho, o Teodoro, tem nove anos e às vezes fica na rua. Tenho medo que ele acompanhe a vida que seu pai leva. Deus tem que me dar força para isto não acontecer.

Minha filha tem seis anos, ela se chama Sulamita. Essa eu não vou deixar ficar na rua. Ela e meu filho estão passando fome.

Meu Deus, por que eu sofro tanto? Será que Você não tem piedade? O que foi que eu fiz? Já pensei até em suicidar. A morte resolveria todos os meus problemas, mas, sem eu, quem cuidaria do Dorinho, da Mitinha e do neném que vai nascer?

Vou fazer de tudo para que este filho que estou esperando nasça com saúde.

Se Deus quiser, assim que eu sair daqui, vou fazer de tudo para que meus filhos não passem fome. Eu vou conseguir um emprego.

Dizem que as coisas vão melhorar porque o Lula, um trabalhador, um homem que até já passou fome igual a nós mesmos chegou a Presidente. Eu votei nele e tenho esperança de que ele vai trabalhar muito para nós que somos iguais a ele mesmo. Eu acho que até minha oitava série que eu cheguei a estudar vai me ajudar a achar emprego.

Doutor, não me leve a mal. Sei que o senhor tem muitos problemas, mas esta carta foi a única maneira que encontrei para desabafar. Espero que o senhor e as enfermeiras, que estão me tratando tão bem, me desculpem por isto.

Muito obrigada por tudo.

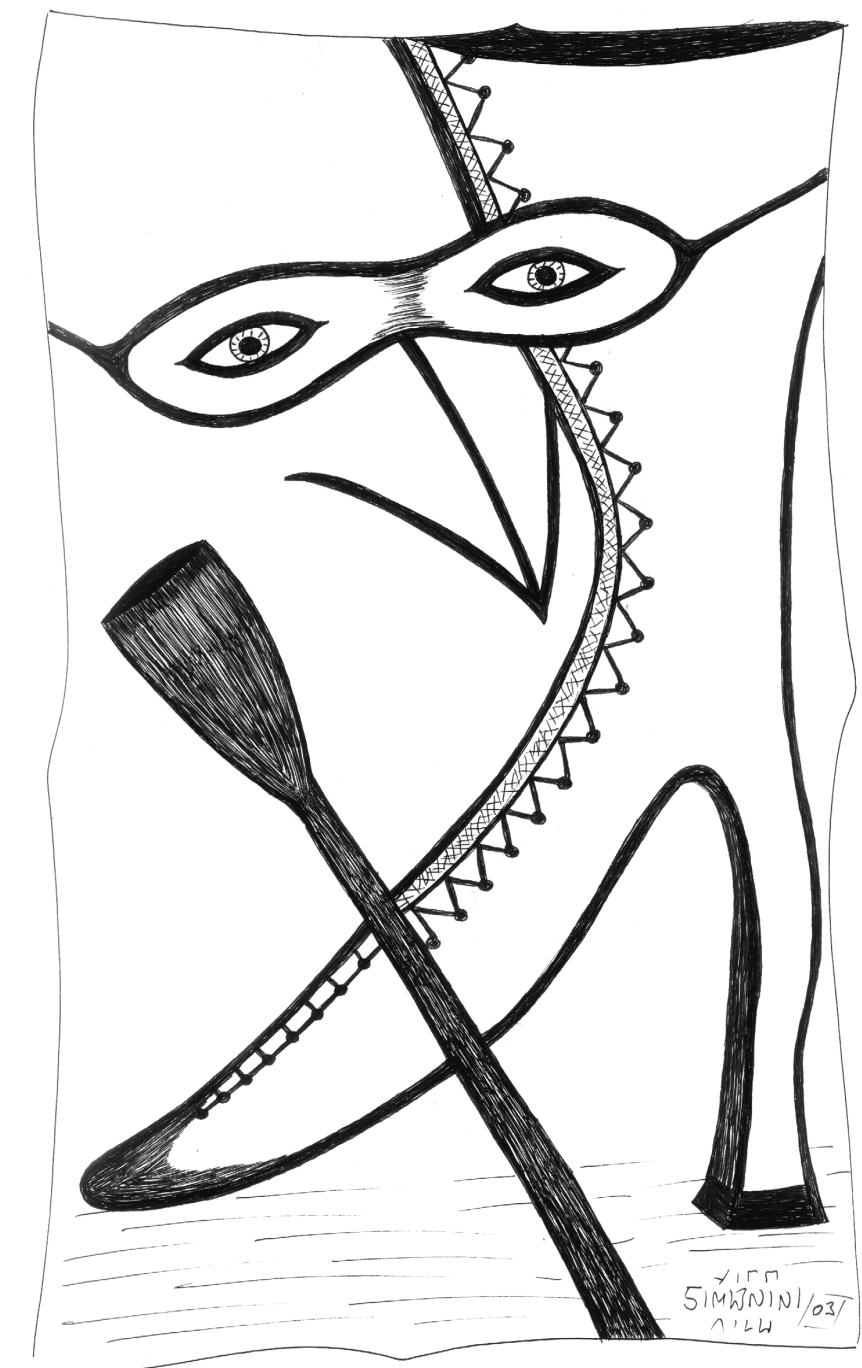
Maria da Glória

Depois de...

maria maria maria / da glória em glórias in-glórias / maria maria
maria / da glória zerada de glórias / para glórias in-glórias sem glória /
maria maria maria / maria da glória / da glória maria /

**EMBUSTES, QUINQUILHARIAS
E MIÇANGAS**

TIAZINHA E SEUS BERLOQUES



FANTASIA

**Constante folguedo carnavalesco abrilhantado
por blocos, troças e quadrilhas. Tal-qualmente,
as festas dionisiacas gregas, as lupercais romanas,
as festas dos doidos e as danças macabras medievais.**

A palavra mascarada significa um grupo de pessoas com máscara. Novidade nenhuma para nenhum Súdito que se preze. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Mascarada significa também uma festa da qual participam pessoas mascaradas – um baile de máscaras.

Quanto ao masculino, mascarado é aquele que está com máscara, disfarçado, encaretado. No sentido figurado, mascarado é o sujeito falso, fingido, dissimulado.

Falar de mascarada e mascarado faz o pensamento voar até a palavra Fantasia. A Fantasia completa o quadro – trata-se da máscara integral, total e absoluta. Fantasia é a vestimenta usada pelos carnavalescos e que imita palhaços, tipos populares, figuras mitológicas, jóias falsas ou de pouco valor. A Fantasia acoberta malandros, velhacos e biltres. Como é comum no Reino de Fundanga.

Com tudo isto e por tudo isto... Afinal, o que tem tudo isto a ver com a Realidade?

Os carnavais temporões se transformaram em moda e são encontrados, de fio a pavio, em todos os Burgos de todos os Condados do Reino. Viraram moda. Burgos daqui e de acolá promovem festas momescas e, evidentemente, festas com gente mascarada e fantasiada para todos os gostos, tesões, desejos e paladares.

Festas estimuladas pelo sublime e imaculado Poder dos fabricantes da Lourinha Espumante com sabor de amante, visando ao justo faturamento em cima dos já iniciados e, ou viciados. Introjetam, entre a juventude, o salutar e inocente vício etílico, gestando, Hoje, o consumidor do Amanhã. Em sendo assim... "Aprecie com moderação." Sem se esquecer de que "Para um bom bebedor, meia palavra basta. Peça Schin", pois, no enxuga-enxuga dos copos e copadas da hipocrisia, dos berloques do imoral e dos balangandãs da devassidão "Refresca até pensamento..." "E desce redondo." "Experimenta!!! Experimenta!!! Experimenta!!!"

Felizes das sociedades festeiras! Felizes das sociedades mascaradas!

E tome Festa! E tome Máscara! E tome Fantasia! E tome, sobretudo, as figuras mais importantes do evento, temporão ou não – os Foliões. Criatividade, bom gosto, lantejoulas e paetês e, sobretudo, muita grana pra moer. Cascalho pra confecção de tantas pompas e circunstâncias, cuja origem nem os deuses saberiam explicar.

Disfarces perfeitos transformando a carinha de cada Filho da

Mater et Magistra na carinha mais simpática do Reino, Condados e Burgos. Surge nos mais incautos o irrefreável desejo de aplicar um osculozinho na face de cada um, convidando-os, em seguida, para a alcova, sussurrando nos seus ouvidos: Tesão, bonito e gostoso! – Fritos?... Assados?... Cozidos?... Ensopados?... E com as caras cheias de sopapo.

Espevitadas carinhas, de ternas e inocentes que são, poderiam ser a carinha do papai, a da mamãe, a do irmão, a da irmã, a do vovô, a da vovó, a do titio, a da titia. Apresentam-se tão simpáticos, honestos, trabalhadores, desprendidos e dispostos a quaisquer sacrifícios. Sacrifícios impostos pelas bases...

Em sendo assim e assim sendo... Perante tanta falsidade, hipocrisia e fingimento mascarados, surge o desejo irrefreável de, diante de seus trejeitos e pantomimas, nas épocas que antecedem os festins eleitoreiros, dar-lhes uns bofetes nas fuças mascaradas, falsas e descaradas.

Carnavais são encontrados, quebradas afora e quebradas adentro, botando pra quebrar. Mascarados pra dar, mascarados pra vender, mascarados pra tudo o mais e tudo o menos – até mascarados pra serem votados nos carnavais eleitoreiros...

Com tudo isto e por tudo isto... Devidamente fantasiados, eles poderão participar dos futuros bailes momescos da Corte, temporeões ou não, que rolam pelaí.

Os Suseranos do Reino destas Fundangas Varonis encontram-se no limite da tolerância zero com o volume sempre crescente das Corveias mis e vis, para sustentarem orgias, esbórnias e frascarices do Imperador, Condes, Alcaides e seus Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados.

CALÇADÃO

**Dali, a tchurma do Zé Goró – Beia,
Tião Perninchada, Raígue e Saru –
seguia em direção ao Bar Tolomeu,
pra saborear a Lourinha Espumante com
sabor de amante, servida por
Praxedes, o garçom, e engordurar
os beijos com o Torresmo Crocrante
e Chocante de Sá Pipicha, a salgadeira.**

Já não se fazem mais Calçadões como antigamente, da saltitante e esfuziante Sapitucas Viçosas da Calçada Borbulhante.

Impávido colosso e belo Calçadão garboso, deste Burgo abençoado pela excelsa e venerada Cássia de Rita Santa. Bom dia, Sapitucas Viçosas! Bom dia, Roças Gerais! Bom dia, Fundangas Varonis!

Maldita boca, da boca amaldiçoada. Das lamúrias e lamentos, das falcatruas e falsidades, dos agiotas e agiotagens, dos falidos e falências. Fofocas dos fofoqueiros e mexericos dos mexeriqueiros. Vai um cafezinho? Toma na xícara, no copo ou no corpo? Com açúcar ou adoçante? Quem dando pra quem, quem comendo quem? Bebendo, dando, comendo, lambendo. Com quem ficava e com quem não fica mais?

Já não se fazem mais Calçadões como antigamente, das intencionais e irracionais políticas e politicagens nascidas na Calçada Borbulhante.

Candidaturas incontáveis e inconvenientes, incertas e indecisas, volúveis e viáveis. De Imperadores, Condes, Alcaides, Rei-Thor/es. E por que não? D'outros Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados, nada adoráveis. Absolutamente, do nada, pro nada, em nada. Das folhas de bananeira aos ventos e ventanias. Das Traíras de aluvião, nos enxurros e enxurradas. Das lutas e lutadores, militantes e militâncias, das causas e dos efeitos.

Onde acabaram vocês, Súditos, todos vocês?

Dos partidos e organizações de Esquerda, por vezes equivocados, batendo tambores, agitando bandeiras, das rosas e das estrelas, das foices e dos martelos, barganhando conchavos por princípios, In-Dignidade por Dignidade, In-Justiças pela Justiça.

Meninos da União Democrática Ruralista, nada democrática e aculturada por vistosos chapelões, botas do faroeste e reluzentes esporões. Na cinta de cintos afivelados e aluminizados. Súditos e mais Súditos e outros tantos d'Os Cocada Preta, ingênuos e bestas da Social Democracia dos covas, aécios e jerebas, no bico do

tucanato, pra dar no que deu, tchurma da Direita com invólucro de Esquerda. Direitistas legítimos e Esquerdistas de crença nos José, Maria, Antônio, Aparecida, Parecido e... Desaparecidos. Teologia da Libertação, dos Direitos Humanos e do silêncio obsequioso, Asavianos, Aspuvianos, Sinsuvianos e tantos outros Sindianos a perder nos anos. Da boca maldita e amaldiçoada boca, comandada por doidos de pedras e bengalas, teimando, doidamente, elucubrações sobre o sindicalismo da *Carta del Lavoro*, do Reino Itálico; do Imperador Vargas ao Imperador Mussolini, desaguando no *Pacto de Moncloa*.

Onde acabaram vocês, Súditos, todos vocês? Já não se fazem mais Calçadas como antigamente, da saltitante e esfuziante Sapitucas Viçosas da Calçada Borbulhante.

Calçadas das jornadas cívicas do Ontem às jornadas chinfrins do Hoje. Dos espetáculos, tertúlias e convescotes chocados, em bailes bailados, em teatros teatralizados, em rodeios rodeados. Festas, festanças e festins, nas cabanas das cabanagens, das cabanadas das sacanagens.

Toma um ingresso aí? Me dá um dinheiro aí? Compre um gatinho? Ou um cachorrinho? Um peixinho? Um pintinho? Ou um pirulitinho pro Juninho de tantos e tantos Inhos? Vai uma miçanga? Uma quinquilharia? Uma bagatela? Uma ninharia? Ou uma escovinha pra Mariazinha de tantas e tantas Zinhas? Aproveitem pro seu filhinho do peito, do Inho e da Inha do coração!

Já não se fazem mais Calçadas como antigamente, da saltitante e esfuziante Sapitucas Viçosas, da Calçada Borbulhante e Humilhante, de uma Sociedade humilhada e conspurcada. Como de resto, Calçadas destas Roças Gerais e Calçadas destas Fundangas Varonis.

CASSINOS

**A jogata é prévia, engenhosamente arquitetada
através de ardis, logros e trapanças,
numa chupança descarada e interminável de renda.**

Só não pode Cassino! Aquela casa de reunião para jogar, dançar ou outros breguetes. Não proporciona emprego, não traz divisas para o Reino e estimula a violência, o tráfico de droga e a prostituição. Negócio danado aqui, negócio imoral ali, negócio desagregador acolá.

Será?

Que a abertura dos Cassinos continue proibida. Proibição válida em todo o viçosar destas Sapitucas Viçosas, em todo o mineirar destas Roças Gerais, em todo o brasileiro destas Fundangas Varonis. Que a maldita casa de jogo continue proscriita nesta Terra grande, idiota e hipócrita e, tal-qualmente, o jogo, o jogar, o jogador e a jogatina dos mil azares e das zero-sortes.

Será?

Por estas e por tantas outras... Nunca estimular a violência no seio de um Povo pleno da santa Paz dos céus, mares e terras. Jamais incentivar o tráfico e o consumo de drogas numa Sociedade virgem de cheiros, tapas e fungadas. Nunca encorajar a prostituição no corpo e na alma da juventude e da não-juventude.

A violência, as drogas e a prostituição – a indústria da guerra à parte – não são, definitivamente, os pilares que financiam esta praga batizada de Capitalismo. Este Reino é o Reino da Maioria Inocente, conduzida e pura, comandada pela Minoria pura e imaculada.

Será?

Cassino, não! Cassino é o templo da desgraça dos jogos de azar.

Cassino não pode, mas a hipocrisia do Poder Resoluto, do Poder Legislativo e do Poder Procidente, seus Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados transformaram estas Sapitucas Viçosas, estas Roças Gerais e estas Fundangas Varonis num colossal Cassino, a céu aberto, para todos os azares, preços, bolsos e esperanças.

Para que Cassinos?!

Transformaram o Reino de Fundanga num Cassino de fazer inveja a qualquer Cassino do Reino de Mônaco e d'outros Reinos jogatinosos. Em sendo assim... O Pedaco está transbordando de corifeus semitonados e vestais grávidas contrárias à oficialização dos Cassinos.

Vai, Súdito, uma Mega Sena, uma Super Sena ou uma Lotomania? Esbalde-se! São duas oportunidades por semana.

Quem sabe, uma Quina? Três chances semanais.

Se preferir uma fezinha semanal, que tal? Taí a Esportiva ou o Bolão Federal.

Tudo inventado, organizado e bancado pelos banqueiros legais e legalizados, encastelados no Planalto do Alvorço. Canalizam e

transferem montanhas de dinheiro para as burras do, não se sabe quem e do, não se sabe para quê. A jogatina imperial, entretanto, não fica por aqui:

Vai arriscar a simplicidade da Raspadinha? Ou prefere a sofisticação da empentelhada Loteria Federal? Uma dose de paciência e não deixe de participar do Olééééé de prêmios e mande bronca num Super Cap ou num Atenas Cap.

Tudo imperial!

Deixando a jurisdição do Império, o Ignaro Pária, em busca de uma bolada fácil, pode optar pela Loteria das Roças Gerais, a Mineira que só dá pra mineiro. Ou, ainda, quem sabe, a Azulzinha com seu caminhão abarrotado de prêmios? E o Super Pimba? Quem quiser pode dar uma pimbada nela. É de hora em hora. Vai, que ela aceita, adora a pimbada e pede bis ou tris ou xis...

Em se tratando de cartela, há, ainda, o TotoBola, uma opção para a alegria dos gatos e gatunos. E por falar em cartela, que tal uma ajudazinha ao coitado do Homem do Baú? Taí a Tele Sena, a arapuca das arapucas, o Baú da Felicidade... Do Abravanel.

Com tudo isto e por tudo isto... Se, entretanto, acreditar que o banqueiro tá ali pra fazer caridade, que tal um Caça-níquel? É ali mesmo em quaisquer botequins da esquina e da praça!

Em sendo assim... Não se esqueça, também, de arriscar uns trocos e uns trocados no Jogo do Bicho, do Barão de Itararé, fazendo uma Fezinha Zoológica! Pode lascar qualquer valor, numa infinidade de combinações entre os 25 bichos, de tarde ou na corujinha da noite. Ou, então, na expansão do negócio e das oportunidades, arriscando na recente alvorada, pela manhã... Ô bicharada danada esta! Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Cuidado! Este é um jogo da contravenção. Os Carabineiros podem estar rondando no Pedaco. Pode dar cana ou, então, tomar uma grana. Como o Cassino, nascedouro da violência, nascente das drogas e nascente da prostituição.

Será?!

ESCOLA

A um reles cidadão é possível quebrar as barreiras impostas pelos desígnios dos Aparelhos Ideológicos do Estado, seja como Aluno ou como Professor...

Num dia qualquer do mês da graça de março, comemora-se o Dia da Escola, neste Reino destas Fundangas Varonis. Por extensão, no Condado destas Roças Gerais e no Burgo destas Sapitucas Viçosas.

Ninguém usou um dos sentidos para louvar, no seu dia, o proclamado templo da sabedoria. Enaltecido, tão somente, nos discursos hipócritas de uma Sociedade não menos. O valor real, concreto e essencial d'O Estabelecimento perde-se na falta de vontade política do Imperador, dos Condes e dos Alcaldes, Otoridades ditas competentes e, não ditas, incompetentes. Ninguém, pois, ouviu, provou, enxergou, cheirou ou pegou pra fazer Justiça à Instituição, responsável pela chamada Educação formal ou sistemática do Ser Humano, quando ele consegue, inda que a duras penas, ter acesso a ela.

Em sendo assim... Parabéns pra você, estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente, Educação e Ensino Coletivos, nestes dezenove de março!

Parabéns pra você, Escola, neste dia de março!

Estabelecimento que este Súdito conheceu, aos cinco anos de idade, como Pupilo. Instituição que este mesmo Súdito conheceu, há trinta e nove anos, como Profissional, um Rábula da Educação.

Aparelho Ideológico do Estado – forte, mas sutil; ativo, mas delgado; robusto, mas hábil. Por estas e por tantas outras... Contraditoriamente, segue os cânones Dialéticos, transformando-se num Aparelho Ideológico do Estado às avessas, subvertendo a Ideologia Vigente. O Estabelecimento tem-se revelado elemento fundamental na geração de Contradições, iluminando a Consciência de seus Discípulos. Ruim com ele, pior sem ele, diria o popular. A Instituição tem contribuído, e muito, para furar a distorção da Realidade, constituída pela bipolaridade Homem-Mundo. Distorção impingida pelo Sistema, comandada, evidentemente, pelo Sistema que, em última análise, é estruturado a partir dos valores da Classe Dominante – Os Donos da Cocada Preta.

Parabéns pra você, Escola, neste dia de março!

O Estabelecimento que o Súdito conheceu, aos cinco anos de idade, como Discípulo, e onde, na marra, aprendeu uma porção de outras coisas mais, ali não ensinadas. Coisas abominadas pela siseudez do Sistema. Porção de outras coisas abominadas, mas que sempre exerceram preponderância sobre a sua obrigação primeira como Pupilo Rebelde. Furando barreiras, derrubando obstáculos, concretizou sua iniciação política, participou da direção de grêmios, proferindo discursos, declamando poemas, atuando em teatros e apresen-

tando números musicais. Naturalmente, ainda sobrava tempo para o Pupilo Medíocre bater uma bolinha, comandar uns bailes com seu conjunto musical, animar um programa de três horas diárias no rádio, participar do jornal estudantil, dar umas aulinhas de acordeom... Namorar a Súdita Paulina e balançar a carcaça n'uns bailados – pois, afinal de contas, aquele Súdito não era de ferro. Desnecessário dizer: sempre descolando uns trocos e uns trocados, pra trocar pelas tentações e bijuterias do Sistemão.

O pior mesmo era viver toureando Rábulas, Mentores e Preceptores, gente para as quais o Fedelho não passava de um Discípulo Medíocre. Realmente, as notas de *l'Enfant Terrible* não eram nenhuma Brastemp, mas o Moleque conseguia sempre driblar as bombas e os paus para ele direcionados. Sua carne tava sempre tratada, seu couro tava sempre vendido. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Umas colinhas aqui... Uma mágica ali... Outros expedientes acolá... E o Tomé era aplicado. O Súdito Discípulo, dando uma de Migué, sempre sartava de banda! Vaselina? Uma ova! Como prêmio, a necessária passada de ano, pra agradar a tchurma lá em casa.

Com tudo isto e por tudo isto... No fundo no fundo, mesmo, o Medíocre Pupilo ainda gozava a mediocridade dos Amarra-Cachorro do Pedaco. Gente chatérrima e maçante, *data venia, data maxima venia*, cheia de verdades, tão ridículas quanto eternas. Gente na qual o Súdito se transformaria, mais tarde, como castigo de Deus e como praga de Lúcifer. Com certeza!

Parabéns pra você, Escola, neste dia de março!

A Instituição que o Súdito conheceu, há trinta e nove anos, como um Rábula Profissional da Educação, fazendo ali de um quase tudo. Muita bolsinha rodada nas esquinas e becos escolares, educacionais e pedagógicos. Quase quatro décadas lutando contra a Ordem Vigente, apesar dos Almoedas da Educação... Dos Almocreves dos Educandos... Dos Almofetes da Escola.

No frigir da frigideira e no assar da assadeira, pensando bem, o castigo de Deus e a praga de Lúcifer parece não terem sido em vão. O Súdito não ficou na janela vendo a banda passar; ele foi atrás. Na busca permanente e incessante, visando mudanças no ritmo, na harmonia, na melodia e, claro, no repertório.

Parabéns pra você, Escola, neste dia de março!

Sacro, sagrado e consagrado Estabelecimento onde o Súdito, de nome Xico, acumulou muito mais dúvidas do que certezas quanto às Verdades, da Vida, ensinadas. Como Discípulo e como Rábula Profissional. A Instituição encarada como casa, da casa da gente. De tanta gente que veio, de tanta gente que se foi. Do Xico – os colegas do Ontem, perdidos na distância do tempo. Do Xico – os discípulos do Ontem do Ontem e do Ontem do Hoje, tragados pelo tempo.

De um tempo med-IDO... De uma História vi-VIDA... De uma v-IDA que VI.

Afinal... Onde acabaram todos vocês?

EXPIAR

**Aquele Reino, realmente, era um Reino estranho.
Os Donos da Cocada Preta, malignamente,
buscavam sempre desviar a atenção d'Os Cocada Preta
dos hediondos crimes por eles praticados...**

Certamente todo o Reino conhece a expressão Bode Expiatório. Para os antigos Hebreus, soava como o célebre Boi de Piranha. Em verdade, em verdade... A verdade seja dita... Não se trata de um Boi de Piranha qualquer, em qualquer sentido.

Segundo consta, no Reino do Vítimas Eternas, daqueles bíblicos tempos, sonsos bois não abundavam, ferozes piranhas não eram, generosos rios não estiravam. O tempo e as crenças, que iriam marcar a História da Humanidade, principalmente a História da farisaica Civilização Ocidental e Cristã, para o mal e para o péssimo, corriam e escorriam, caudalosamente, pelas desérticas e abraçadoras areias hebraicas...

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Sem piranhas para devorar bois, sem bois para serem devorados pelas piranhas, sem rios para serem atravessados pelos bois...

O que faziam, então, os Vítimas Eternas?

Ninguém há de pensar, de forma alguma, que eles convocavam o Imperador deles para a real solução do problema real. O negócio era mais geográfico do que negociático e corruptático. Muito menos convocavam o Conde Axé-M, do Condado dos Babalorixás de lá, para berrar carradas de truculências. Em sendo assim... O negócio era, realmente, mais geográfico do que imoralítico. Nada de Capim Novo pra engordar Boi Velho; nada de grampos telefônicos pra grampear as guampas do Boi Velho.

O que faziam, então, os Vítimas Eternas?

Como o Imperador Heil Sharon de hoje ainda não havia sido parido, chamavam o Imperador Hitler Judeu daqueles tempos para guerrear, violentar e assassinar os sonsos bois, as ferozes piranhas e os rios não estirantes. Ou para quaisquer outras criativas e obscenas soluções nazistas.

Os Hebreus quebravam o galho, então, com um parente chegado ao boi existente na sua desértica geografia. Quem não tem boi caça Palestino mesmo. De preferência o Imperador El Fatal Arafat. Quem não tem rio atravessa o deserto. Diante da situação, quem pagava o pato, que também por lá não abundava, era um ruminante bovídeo. Mais precisamente um caprino – o Bode. Bode este que, guardadas as devidas proporções, fazia as vezes de seu parente bovino, o filho da vaca. Não atravessava rios e não era comido pelas piranhas. Com tudo isto e por tudo isto... Era o animal sobre cuja cabeça o Sumo Sacerdote da época, o papa do retrogradorismo, João Baba Rama Nada II, descarregava, simbolicamente, todos os pecados do Povo do Reino do Vítimas Eternas, suas birras, amuas, arrufos e zangas.

Pobre Bode! Terminava seus dias vagando, em sacrifício, pelo hebraico deserto. Era a expiação dos pecados de um Povo, conseguida de tabela em cima do célebre Bode Expiatório.

O que concluir, então, os simples Camponeses, Servos, Suseranos e Párias deste Reino destas Fundangas Varonis?

Ora, ora, muito bem! Boi de Piranha ou Bode Expiatório... Pouco importa, se importa...

Os Sumos Sacerdotes da Corte, pastando no Poder, ruminando preferencialmente Capins Novos, cumprindo liturgia maligna e perversa, vivem parindo Bodes Expiatórios de montão. Rebanhos e mais rebanhos deles. Com as bênçãos do Imperador, Condes, Alcaides, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados.

Montanhas e montanhas de estórias expiatórias para, perversamente, desviar a atenção da Plebe Ignara. Fatos, atos, crenças, baratos e breguetes – o polêmico, mas indiscutível Ópio do Povo, apontado pelo Tio Marx. E tome previdência expiatória e tome aposentado expiatório e tome estatal expiatória e tome sequestro expiatório e tome os caraio-a-quatro expiatórios.

A Corte, acobertada pela mídia cafetina, inventa sempre o algo-mais-expiatório para desviar a atenção dos problemas reais e concretos do Reino. Sempre a fabricar fatos, cuja purgação está destinada à cerviz expiatória, na qual o Sumo Sacerdote e seus Asseclas possam descarregar os pecados que ela, a Corte, e eles, os Sumos Sacerdotes, cometeram.

Os Súditos, ai dos Súditos! Como o Bode, vagam pelo deserto à espera da morte, purgando os pecados da canalha, chifrados que foram pelos aspudos, cornudos e guampudos do Reino.

Amém?! Aleluia?!

TELEFONEMA

**Ele, o Capital Financeiro, o mais perverso
e feroz deles. Pleno da mentira artificiosa,
da impostura, do artil e da intrujice.**

Outro fim de semana que poderia ser bucólico. Nos trancos e nos barrancos chegou-se a outro mais... Apesar deles... Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados, travestidos de bandidos, canalhas, meliantes e malfeitores. De sortes, ordens e azares do, pelo e para este Reino destas Fundangas Varonis.

Outro fim de semana de um Súdito, membro vitalício de uma panca-da de outros Súditos, após estafante luta lutada, em luta ferrenha. Fim de semana pontuado por reflexões, leituras, filmes, música, internet e mais alguma outra pouca coisa, inda possível a reles Súdito. O aconchego do lar, a fuga revigorante do Mundus Horrendus lá de fora.

Ledo engano!

Eis que soa o telefone, tilintar irritante, logo, logo, substituído por uma voz cândida, doce, suave, melodiosa, celestial – uma voz de anjo – angelical. Uma voz para erguer todo e qualquer desânimo, por mais desanimado que fosse – A Voz!

Aquela Voz sussurrante e inebriante tal-qualmente a da *chansonnière* Edith Piaf, aveludando os tímpanos nossos de cada libido, com a imortal *La Mer* e suas rimas e estribilhos à *Mon amour... Ma femme... Mon chéri...* Que tesãozão!!!

Mas, porém, contudo, quicá, todavia... A bem da verdade, de um anjo assalariado, descolando migalhas de seu pão dele de cada dia. Migalhas personificadas nos ganhos/perdas salariais, pagas/tomadas pela Burguesia Capitalista juramentada – Os Donos da Cocada Preta – os Doutor Roberto.

Em sendo assim... Do outro lado, chegava A Voz harmoniosa da ingênua representante da Classe Operária, uma Pepê qualquer da vida, fazendo a Vida. Voz angelical, de angelical anjo. Acariciava os ouvidos do Súdito que acreditava estar a salvo, no aconchego do lar, das touradas, dos touros e das vacas toureadas durante a semana:

– Alô! Alô! Quem fala?

– É o Xico!

– Senhor Xico, aqui é a Virgínia, do Banco Ladravaz! Senhor Xico, o senhor já possui cartão de crédito?

E, antes que o senhor Xico tivesse qualquer reação, A Voz fulminou:

– Senhor Xico, acontece que o Banco Ladravaz está com uma promoção especial e está oferecendo ao senhor, senhor Xico, um cartão especial de crédito!

E a Virgínia, des-virginada sem o saber pelo Sistemão, na velocidade do Alemão da Ferrari, sem que o senhor Xico tivesse chance de, ao menos, mudar a marcha, A Voz pisou fundo novamente:

– Nossa promoção, senhor Xico, para nossos novos clientes e pessoas especiais como o senhor, senhor Xico, oferece o cartão, gratuitamente, sem quaisquer taxas ou despesas para o senhor, senhor Xico...

Nesta altura da corrida, o senhor Xico já era um novo cliente. E dos especiais! Só faltava estourar o champanhe *Möet Chandon* no pódio. E assim, por assim dizer... Na velocidade Schumacheriana, A Voz prosseguiu:

– E o senhor, senhor Xico, terá três meses de descontos em toda fatura, todas as vezes que o senhor, senhor Xico, usar o cartão, a partir do momento em que o senhor, senhor Xico, assinar o contrato.

Caceta! Neste momento, este felizardo do senhor Xico já tinha três meses de descontos, fatura pra pagar e contrato pra assinar. Sistema dos caraio este! E foi, justamente, numa fração de segundo, numa pequena triscada de A Voz, que o senhor Xico conseguiu acelerar algo:

– Eu agradeço a sua bondade, Virgínia, e a de seu Banco e dispenso o...

E A Voz, agressiva, como as ultrapassagens do Schume, podou o introito do senhor Xico, acelerando e fazendo roncar de vez o motor de quinhentos cavalos e de seiscentos burros:

– Olha, senhor Xico, nosso cartão é...

E o senhor Xico, invocando, diretamente do Andar de Baixo, o espírito do Senna, foi mais rápido que A Voz e conseguiu dar o xis:

– Olha, menina! Por favor! Deixe-me falar! Não me interrompa, por favor! Não quero cartão nenhum, nem este que é tão especial! E agradeço, de coração, a bondade do Banco Ladravaz. Bom trabalho pra você! Boa tarde, Virgínia!

Somente assim, por assim dizer... O Xico conseguiu receber a bandeirada de chegada, claro, com a ajuda do espírito do Senna. A Voz moderou, calou, apagou o motor, se deu por vencida. Para a felicidade geral do Súdito que desejava curtir um fim de semana sem o assédio indecoroso da indecorosa canalha.

E o Súdito Xico, pensando n'A Voz inebriante, lembrou-se das cáusticas palavras do Mestre e Camarada Lenine, de um Reino muito distante do Reino destas Fundangas Varonis: "Não sei qual o crime maior – roubar um banco ou fundar um." Ou, ainda, registrar a interrogação de um Pária do Condado das Roças Gerais: "O que é o batedor de carteira senão um banqueiro apressado?"

E, assim, por assim dizer... Que se retome o fim de semana especial que é bom e o senhor Xico – sem cartão especial – adora. Curtindo aquele *pit-stop*... Doméstico...

OPOSIÇÃO

O problema não é ser Palhaço, figura capaz de extrair, cândida e inocentemente, sorrisos e gargalhadas das crianças. O problema é ser Palhaço Sem Picadeiro.

Reeespeitáável Púúblicooo!!!

Há de se ter profundo respeito pela Instituição que os pregados e apregoados tempos modernos, infelizmente, estão destruindo. Instituição responsável pelo lazer e entretenimento de jovens de três a trezent'anos.

Mundo grande ou pequeno, sofisticado ou mambembe, luxuoso ou simples – o Circo. Recinto circular coberto e cercado de lona, desmontável, onde se realizam espetáculos de habilidades diversas. Local maravilhoso onde, dependendo de seu porte, são encontrados ilusionistas, trapezistas, mágicos, palhaços, engolidores de fogo e espada, domadores e suas feras, acrobatas, peritos em salto mortal, atiradores de faca, mulheres barbadas, homens-bala e, claro, veados, em seu variado zoológico.

Local onde todos riem e se divertem. Fantástico por transportar crianças e adultos para o universo da ingenuidade salutar. Diferentemente dos ridículos espetáculos das televisivas telas. Imbecilizantes e consumistas, comandados por baixinhas medíocres, produzidas para idiotizar baixinhos indefesos.

E, assim, por assim dizer... Estas circenses considerações buscam traçar um paralelo entre as coisas do Circo e as coisas da Oposição Política... Coisas de uma certa Oposição... Oposição Mambembe... Apresentando-se num Circo Sem Picadeiro, sem base, sem letra, sem beira. Em tribunas tais e quais e, principalmente, em tribunas do Burgo. Tribunas vereadoráveis, nada adoráveis. Em sendo assim... Seria a Oposição Mambembe, composta por certos Vereadores, paus mandados de certos chefetes. Vereadores que, segundo os filosofares do Súdito João Arruda, não são Vereadores e sim Viriadores, pois vivem agarrados nas Virias do Poder... Ou, então, Variadores, pois vivem Variando de um Lado pro Outro... Ou, ainda, os Viadantes, o Vereador Glutão, de insaciável apetite...

Reeespeitáável Púúblicooo!!!

Guardadas as diferenças entre o Circo mesmo e o Circo Sem Picadeiro – aquele onde atua a Oposição Mambembe – o Súdito assistirá aos artistas do primeiro, falsificados nos artistas do segundo.

A Oposição Mambembe possui ilusionistas, trapezistas, mágicos, palhaços, engolidores de fogo e espada, domadores e suas feras, acrobatas, peritos em salto mortal, atiradores de facas, mulheres barbadas, homens-balas, veados e outros bichos e bichas tais e quais. Se o simples Suserano for capaz de identificar, no Mundo do Circo, todos esses personagens, perceberá, tam-

bém, que os que atuam no Circo sem Picadeiro ganham de goleada de seus congêneres do Circo mesmo.

Um ilusionista da Oposição ganha disparado do ilusionista do Circo. Ilude em doses elefantais.

O palhaço do Contra não tem, é claro, a cara pintada, nem o colarinho e os sapatos imensos. Em compensação, faz mais pantomimas, em menor tempo, do que seu congênere saltimbanco.

O mágico Oposicionista não transforma um lenço em ovo diante da plateia, mas faz do ovo um lenço e, deste, a omelete, longe e escondido dos Súditos.

O trapezista, acrobata ou o perito em salto mortal do Circo são fichinhas diante de seus colegas do Circo Sem Picadeiro – o trapezista da Oposição chega, sem rede protetora, a girar triplamente no ar, ao passar de um trapézio para o outro; o acrobata do Contra põe no bolsinho do colete do domador quaisquer companheiros do Circo; o perito em salto mortal Oposicionista é incrível.

Os engolidores de fogo e espada do Circo engolem, mas não engolem como a Oposição, verdadeira garganta profunda – de fazer inveja à do filme pornô homônimo. Se colocarem nas proximidades da boca do engolidor de espada do Contra uma espada, presa na cintura de um Gorila Cinco Estrelas, ele engolirá, sem dúvida alguma, a espada e seu dono Verde Oliva. Com tudo isto e por tudo isto... Sem sofrer, a seguir... Aquele piriri gangorra e verde.

Pensando bem e, comparativamente, veremos que os restantes artistas circenses perdem disparado para seus colegas do Circo Sem Picadeiro – a Oposição Mambembe.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Existem, também, no Mundo da Oposição, as mulheres barbadadas? Elementar, meu caro Súdito!

Nas jaulas Oposicionistas existem, também, veados e outros bichos, bichas e bichosos? Elementar, meu caro Súdito!

Desmunhecados, dançando com as mulheres barbadadas a dança da boquinha da garrafa. Desmunhecando pra lá e desmunhecando pra cá, ó Bofe Súdito, filho meu!

Este Bofe, Súdito, que adora o Circo, ama a Política, com Pê maiúsculo, sem o desmunhecar da Oposição Mambembe, fulmina, do alto de sua sabedoria circense e political:

Reeespeitáável Púúblicooo!!!

O pior é que os personagens do Circo Sem Picadeiro, Bobos uns, Fanáticos outros, acreditam que todos os Súditos deste Reino destas Fundangas Varonis, deste Condado destas Roças Gerais e deste Burgo destas Sapitucas Viçosas têm a cara pintada, colarinho e sapatos imensos e, como eles, atuam num Circo Sem Picadeiro.

Em sendo assim... Nada mais a assistir no espetáculo ridículo da Oposição Mambembe do que registrar as palayras do Súdito Bertrand Russel: "O grande problema do mundo é que os bobos e os fanáticos estão sempre absolutamente convictos de suas posições enquanto os sábios estão sempre cheios de dúvidas."

**CRIMES, BANDIDOS,
IMPUNIDADES E FALÁCIAS**

MELIANTE



CACETÊNCIA

**A banalização da violência nossa de cada dia
a cada noite, reflexo dos Compromissos Sociais,
criminosamente postergados. Estão querendo o quê?**

Este é o Império da Cacetência! Fúnebre, sinistro e lúgubre. Cacetência? O que é isto, ó Súdito meu? Elementar! O resultado da combinação das palavras Cacetada e Violência. Cacetadas e violências de ordens várias, sintonizadas com Ordens e Progressos assinalados e assassinados.

Cacetência, ora, ora, Cacetência. Materiais. Psicológicas. Morais.

Reino da repressão, da exclusão, do vexame e do fiasco globalizantes para uns muitos.

Vastas terras, ricas terras, historicamente violadas, conspurcadas e violentadas. Nação, sem noção, nas afiadas garras de Imperadores, Condes e Alcaides.

Das privatizações criminosas, das reeleições mercantilizadas, das corrupções desenfreadas e das traições metalúrgicas, abençoadas pelo manto protetor do Capital Transnacional. Tudo, absolutamente tudo, impunemente ocultado, insondável e camuflado na penumbra da clandestinidade.

Sem lógica aparente, sem aparente raciocínio. Lógicas maquinadas, descobertas e inventadas por baratos, baratas, ratos e ratas asquerosos, repugnantes e nojentos.

Este é o Reino da Cacetência, da Dignidade ferida, da Compos-tura esquecida, da Honestidade violada, onde abundam corjas e quadrilhas insensíveis à Maioria Inconsciente e Alienada e sensí-veis à Minoria Perversa e Insaciável.

Este é o Reino da Cacetência, caceteando e cacetando, desde o maior até o menor, dos vinte e muitos Condados existentes, desde o maior até o menor, dos mais de cinco mil Burgos encontrados.

Reino da Cacetência, Império da Violência.

As Cacetências chegaram e, sem pedir licença, invadiram as portas dos grandes, médios e pequenos Burgos. Estenderam-se, veloz e impertinentemente, às Glebas Rurais.

A Cacetência inconcebível do Hoje será, sistematicamente, apagada pela Cacetência inda mais inconcebível do Amanhã. E assim, por assim dizer... A barbárie se vulgarizou, transformando-se em iguaria indigesta, porém trivial nos ágapes deste Reino destas Fundangas Varonis.

As execuções atingiram a meio milhão de Súditos assassinados entre 1979 e 1998, segundo levantamento da própria Ouvidoria da In-Justiça.

De tantos e tantas, onde meio milhão de homicídios representa metade dos mortos nos oito anos de guerra entre os Reinos do Irã-Iraque, na década de 80, e a sexta parte dos mortos na guerra do Reino do Vietnã.

Em 1979, as Ouvidorias do Reino de Fundanga registraram 11.194 assassinatos. Duas décadas depois, em 1998, a matança teve crescimento superior a 150%. Foram 41.802 homicídios. A esmagadora maioria constituída de jovens Párias, sem eira nem beira, Excluídos que foram, são e continuarão sendo.

Dados mais recentes, certamente, estamparão o crescimento da Guerra Civil a que conduziram o Reino.

O aumento desenfreado da Cacetência cada vez mais perto de cada qual. Dificilmente se verá algum Súdito, membro d'Os Donos da Cocada Preta ou integrante d'Os Cocada Preta que não tenha tido um parente atingido pela Cacetência banalizada nestas Fundangas Varonis. Rouba-se dolosamente. Dolosamente se mata. Trafica-se dolosamente. Dolosamente se sequestra. A impunidade campeia solta e desenfreada.

Mais de 90% dos homicídios, nos quais criminosos e vítimas se desconheciam, não foram esclarecidos pelos Delegas e Carabineiros deste Reino.

A Cacetência batendo à nossa porta, em quantidades, espécies e qualidades mis. Tudo e sempre por tudo avalizado pelo Capitalismo ou pelo Neoliberalismo ou pela Globalização ou pelo nome que se queira dar a esta sacanagem I-Responsável pela barbárie instalada e, oficiosamente, oficializada. Aqui e alhures.

No desabrochar Histórico do Tempo, onde a História não tem pressa e a História de nossa Vida é perversamente curta, pouco se pode fazer. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Fazer tem precisão. Precisão de ser feita.

Direita... Centro... Esquerda... Tese... Antítese... Síntese... Pêndulo Dialético da História, inda que em seu lento oscilar – porém, inexorável – com o pouco que cada qual pode fazer, em se fazendo, se o fizer, acabará por banir, da Vida dos Súditos, as excrescências vigentes, vigidas e por vigir.

PORRETA

**Segundo Vó Merença, “para uns, até os bois dão leite;
para outros, nem as vacas”. Para Os Cocada Preta,
embora o resgate seja pago, o sequestrado morre.
Para Os Donos da Cocada Preta, nem o resgate é pago,
nem o sequestrado morre e ele ainda fatura
carradas de pontos ibopeanos no *Show do Milhão*.**

Reino de Fundanga, do alto de seus quinhent’anos, mais mal do que bem vividos. Reino de Fundanga, do alto de seu brado heroico e retumbante de Independência ou Morte, mais pra morte que pra independência.

Democracia porreta esta!

A herança da Liberdade, Igualdade e Fraternidade perdeu-se nos Des-Caminhos construídos e percorridos por Elites Perversas e Insaciáveis.

Liberdade porreta esta!

A Utopia da Liberdade, inda que tardia, jamais saiu da tardia Utopia de uma Liberdade construída e conseguida.

Reino porreta este!

Os Três Poderes se vigiam, interagem, se completam e se locupletam ao arrepio das normas que regem as demandas fundamentais da Maioria de uma Sociedade cuja Maioria deveria, antes de tudo, também, ter nesses Poderes uma representação robusta e forte.

Organização Política, Econômica e Social do Reino de Fundanga, onde as Minorias tudo podem, visando à manutenção de seus privilégios, prerrogativas e imunidades. A perversa vantagem que elas próprias se concedem com a exclusão da Maioria e contra princípios fundamentais do Direito Comum.

Reino onde a Vida corre não tão calma quanto era de se desejar e a boca esquentando, cada vez mais, atingindo graus e subindo degraus da fervura. Graus de Celsius, de Fahrenheit, de Kelvin... Ou de-graus de escadas mesmo!

Suserania marcada pelo bafo da boca quente, onde a barbárie de toda ordem se alastra, fazendo com que Súditos, Suseranos, Servos, Párias ou Camponeses já não tenham mais em quem e por que confiar em quem. Absolutamente, em nada e em ninguém.

Reino das distorções destas Fundangas Varonis, onde as desgraças jamais se completam para uns poucos, numa desgraçada desgraça às avessas, virando graças e bênçãos. Onde os Mesmos de Sempre dela se valem pra abrir, vorazmente, baús cheios de felicidade. Gente que, até no próprio infortúnio, leva vantagem no Presente, acumulando vantagens para o Futuro. Bendito sequestro em meio à Fundangagem irrepreensível onde não faltou no Puta Condado, Ô Meu!, até o Conde Alck-Mista, no *Show do Milhão*.

Sequestro porreta este!

Enquanto isto, no Condado das distorções destas Roças Gerais, as desgraças se completam plenamente para a Massa Ignara, da qual faz parte uma Súdita Bancária. Plena de juventude, graça e beleza, desaparecida em Belzonte, Capita do Condado. Sumida, há tempos, em lugar incerto e não sabido, numa Estrutura sem a estrutura de recursos para a solução do mistério e para amenizar o desespero de uma Família desesperada. Maldito e insolúvel sequestro em meio a uma Fundangagem repreensível onde faltaram o Conde Itabirras e até Delegas e Carabineiros, uai!, no *show* da tragédia sem milhões.

Sumiço porreta este!

Fechando a geografia porreta, no Burgo das distorções destas Sapiducas Viçosas, onde as desgraças jamais mandam flores para os Simples Mortais, no seio dos quais brotou uma Súdita Menina Moça, excepcional em tudo. Até na matemática dos cromossomos. Da origem e do nascimento. Quase perdida na lata de lixo, como xila, para o Mundus Horrendus. Até mesmo neste Burgo, como é comum e natural no Reino de Fundanga, também não tão viçoso para a Maioria desprotegida. Agonizada e agredida, numa morte estúpida e agonizante, perpetrada por um dos milhões de Párias, vítima como a própria vítima, sem acessos a baús, inda que de parca felicidade no *show* da miséria sem milhões.

Assassinato porreta este!

De sequestro em sequestro, de sumiço em sumiço, de assassinato em assassinato, a perene busca da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, inda que escamoteadas nos Des-Caminhos de uma *Libertas Quae Sera Tamen*, na concretude de uma longínqua Independência ou Morte!

CUPIM

**Uma Sociedade Fraca de Espírito é capaz
de idolatrar, conduzir e reconduzir ao e manter
no Poder, ao arrepio de princípios mínimos
da razão, escatofilias da Espécie Humana.**

Os Cupins estão comendo as igrejas do Condado dos Babalorixás! Deu no noticiário.

Bichinho danado este!

A palavra Cupim vem do Tupi e foram encontrados fósseis de seus antepassados datados de 300 milhões d'anos.

Bichinho geriátrico este!

Sua atroz voracidade contrasta com marcante simpatia.

Bichinho agradável este!

Forma de organização social fantástica, embora carente da Democracia. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Seria exigir demais do irracional e desumano inseto, fiel cumpridor das determinações genéticas que regem sua espécie.

Bichinho redimível este!

Os Cupins estão comendo as igrejas do Condado dos Babalorixás!

Bichinho comedor este!

Vivem em Colônias, numa Sociedade de Castas, em que reina a Poderosa Regina, Soberana Rainha, aguardada, esperada e ansiada pela tesuda concupiscência dos Machos Alados.

Bichinho erótico este!

Como nas velhas e carcomidas chanchadas do Sistema Político, Econômico e Social neste Reino destas Fundangas Varonis, guardadas as devidas proporções, a Rainha, Capitalista por excelência, os Machos Alados sensuais e a famigerada Classe Média Alta se lambuzam e esbaldam na Mais-Valia, produzida pela Força-de-Trabalho dos Obreiros Operários, os Pepê de lá.

Explorados, Expropriados e Espoliados, eternos integrantes dos Párias, atirados na vala comum de Salários miseráveis, controlados e guardados pela Quarta Casta, a dos subservientes e secretários Carabineiros de enormes mandíbulas. Vestais grávidas do Sistema, como se virgens fossem, ralados tanto quanto o Operariado Cupinzense.

Os alcunhados humanos, humanos que são, se é que o são, pisam, esmagam e praticam o diabo contra a Democracia. Não serão, por estas e por tantas outras, que estas bem traçadas linhas se transformarão em eficiente inseticidade contra os laboriosos bichinhos. Sociedade de Castas, democrática, à cupiniana, onde impera, sem dúvida, dignidade superior ao bem e ao mal, ungida pela Mãe Natureza.

Os Cupins estão comendo as igrejas do Condado dos Babalorixás!

Bichinho glutão este!

Cupim é, pois, a denominação comum do inseto social terrestre

pertencente à ordem dos isópteros. Poderia ser, preconceituosamente, criticado pelo nauseabundo e relativo parentesco com a barata terrestre, o terror de muito Súdito macho e brabo. Presente em todos os Reinos conhecidos do conhecido Mundus Horrendus, consigo mora o perigo da destruição. Essencialmente vegetariano, apetite invejável e pulverizador, constrói o ninho na madeira seca, nas árvores, no interior ou na superfície do solo. E, claro, nas igrejas.

Graças ao apetite invejável e pulverizador, os Cupins estão comendo as igrejas do Condado dos Babalorixás!

Bichinho esganado este!

Sem perdoar as igrejas daquele Condado. Sem perdoar o quinhentão berço destas Fundangas Varonis. Sem perdoar o fantástico sincretismo religioso da orança e pajelança que balançam, na reza da rezança. Sob o manto protetor de todos os santos que dançam, debaixo do olhar complacente de todos os pecados que abençoam. Sacramentados por Marcelos e Macedos, dizimados por adjutórios e oratórios.

Condado dos Babalorixás! Azar o teu! Por que pecaste? Por que renegaste a bem-aventurança e mergulhaste na mal-vadeza humana? Quem mandou, Condado dos Babalorixás, terra de todos os santos, de todos os pecados e de todos os Cupins, gerar, parir e exportar O Malvado? Quem mandou deixares a malvadeza comer as tuas e as nossas igrejas, as tuas e as nossas estruturas, as tuas e as nossas entranhas?

Condado dos Babalorixás! Azar o teu! Por tua culpa! Fundanga Varonil! Azar o nosso! Por nossa culpa! Condado dos Babalorixás do Cupinzão, Conde Axé-M e aquadrilhado com cupinzões d'outros Condados e d'outros Burgos, de apetites invejáveis, vorazes, pulverizadores e insaciáveis da Dignidade Fundanguense.

Os Cupins estão comendo o emprego, a saúde, a educação, a moradia, o lazer e a esperança dos Súditos. Isto não deu no noticiário.

Noticiário Filho da Outra este!

Tal-qualmente, a mídia, Filha da Outra esta, que não noticiou esta notícia no seu noticiário!

BARATA

**Aquilo que deveria ser praticado para
fazer avançar o Bem Comum, via de regra,
funciona, simplesmente, para gerar
e cristalizar interesses pessoais e de grupos.**

Tal-qualmente um monte de bichos e bichas que vagam pelaí, é um bicho pasmoso, azarando o viver nosso de cada paciência nossa. Mete medo em adultos e adultas, em meninos e meninas. Medo de Barata que, em alguns Súditos, chega às raias do pavor. O Súdito Freud explica!

A Barata é um barato! Não é para menos!

Principalmente, se Barata bípede, locomovendo sorrateiramente sobre ágeis pernas. Com certeza, a espécie mais asquerosa, podre e nojenta do Reino. Aterroriza a vida de muito macho e de muita fêmea, metidos a machos e a fêmeas, no apogeu de suas testosteronas e de seus estrogênios.

Inferniza o existir, trazendo a desesperança e a infelicidade para a maioria dos homens e das mulheres que acreditam no Futuro, com a possibilidade de um emprego digno, com a existência de uma casa confortável, com os conhecimentos de uma escola de qualidade, com a vivência de uma saúde forte. Coroadas pela alegria de uma diversão divertida.

A Barata é tão barato que consegue sobreviver a nove dias sem a cabeça, morrendo somente em consequência da fome. Ortóptero onívoro, da ordem dos blatários, de corpo achatado e oval. Silvestre ou doméstica, hábitos, usos e costumes noturnos. Rói tudo aquilo que ousa atravessar seu território. Transmite moléstias, doenças, vícios e manias – à zoia.

A Barata varia de aparência, pois, dependendo de sua espécie, pode estar fantasiada de um monte de Barata: Barata Descascada, Barata Cascuda, Barata Noiva, Barata Nua e tantas e tantas e inúmeras outras fantasiadas Baratas. Uma esbórnica baratal! Existe, inclusive, no Reino de Fundanga, nos seus Condados e nos seus Burgos, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados fantasiados de Barata. Baratas que andam, falam e azaram. Em sendo assim... Pra asquerar, pra apodrecer e pra enojar o dia a dia do Reino nosso de cada dia.

Além de safar-se da radioatividade, como nenhum outro ser vivo, a Barata é um tanto de um barato que possui estabilidade gênica. Por isto mesmo, segurando a barra, através dos séculos, defecando e caminhando até pra Genética. E, óbvio, pra maioria dos Súditos.

Como a Barata, a Barata mesmo, também a Barata que anda, fala e azara, vive nos esgotos e sarjetas da Vida, tem, como os marginais e maloqueiros, hábitos noturnos. Difere, entretanto, da Barata, a Barata mesmo, pois hipócrita e sutil. Briga entre si, como os ladrões da *Pisa* medieval, durante o dia, diante do povo, e

se reúne, na calada da noite, para roubar esse mesmo povo.

Encontrada nos esgotos e sarjetas destas Fundangas Varonis Dengosas, destas Roças Gerais Topetudas e destas Sapitucas Viçosas Transparentes. Construindo o Futuro, sempre!

Barata que vive em permanente defesa de interesses mesquinhos e individuais. Barata que vende a filha, negocia a esposa e barganha a mãe. Barata que delata o filho, trai o esposo e dedura o pai. Barata que pula da canoa à primeira água e faz afagos no inimigo. Barata que vive em nome de privilégios e regalos. Barata que usa a nobre Arte e Ciência da Política para se ajeitar e aos seus Asseclas, defecando e caminhando para a totalidade do Reino.

Um barato, a Barata!

Por estas e por tantas outras... Como deixar no esquecimento a ferina sentença do Súdito e Filósofo Goeth? O Pensador do Reino da Mein Kampf, ao morrer, pela boca de Mefistófeles, o Diabo que figura no seu monumental "Fausto", ensinava que "tudo que existe deve ser aniquilado". Exageros à parte... Talvez sim... Talvez não... Talvez sim... Talvez não...

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Salvemos a Barata original, coitada da Barata, a Barata mesmo! Criatura criada pelo Criador, desempenhando, ao longo dos séculos, o sublime papel que lhe coube na doce, suave e eterna balada da Vida.

Apesar delas... Das outras Baratas, as verdadeiras filhas da Barata.

PERERECAS

**Sem viços, vícios e vigores dos Jequitibás
d'outrora, sorvedores do Café-com-Leite,
das tetas de uns todos, para alimentar
a carne e a banha de uns poucos.**

Se não induz à falha a esclerose deste Súdito, o apelido foi, realmente, criado pelo humor e irreverência dos Pupilos da Academia do Burgo destas Sapitucas Viçosas – Perereca.

Pensando bem... É possível traçar um paralelo entre o apelido deste Burgo e o Universo Político, Econômico e Social que saltirica, saltita e salteia pelaí. Ele não é o melhor nem o maior Burgo do Reino... Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Trata-se de um Burgo simplesmente diferente de todos os outros quase seis mil Burgos do Reino destas Fundangas Varonis. Até fatos e gentes, entes coisas ruins que aqui pululam são diferentes dos mesmos fatos e gentes, entes coisas ruins, que pululam nas demais Quebradas do Reino.

Estranhos seres pula-pulas, Pedaco afora e Pedaco adentro.

Na língua Tupi, Perereca significa ir aos saltos. Existem, segundo os entendidos, oitenta espécies, Fundanga afora, o que é perfeitamente justificável. O Reino, como as Pererecas, tem ido aos saltos História afora e ele, Reino de Fundanga, atolando mais e mais, sempre mais, juntamente com a Maioria de seu venerável Povo.

Como não poderia deixar de ser, neste Burgo das Sapitucas Viçosas, habitam tais e quais saltitantes que nem as próprias. Nestas bandas, prolifera espécie singular, portadora de potentes ventosas que pregam e colam no sofrido Povo, eleitor ingênuo e inocente.

Nascem, pois, da homônima Sapitucas Viçosas, das pererecadas e dos pererequeiros, os Pererecas postulantes aos diversos cargos de Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados.

Que injustiças não sejam feitas, pois existem candidatos não-pererecas para salvarem a regra da Perereca. Em verdade, em verdade, as exceções, infelizmente, são poucas.

A Galera bem que, às vezes, tenta saltar de banda contra o assédio pererecal. Mas, qual o quê, a tarefa torna-se inglória. Missão impossível. As Pererecas são tinhos... Espertas... Velhacas... Manhosas...

Geradas. Nascidas. Crescidas.

Geradas viram zigoto... Nascidas saem bebês... Crescidas são Pererecas mesmo. Até se transformarem em perereconas... Aque-las perereconas de raça, enormes, rotundas, gordas e – aberração genética – Pererecas mamíferas chupadoras, mamadoras e sugadoras com voraz apetite e apurado faro.

Haja teta!!!

Com tudo isto e por tudo isto... Como tem bizarrice pererecal no Pedaco! Perereca magra e Perereca gorda; Perereca alta e

Perereca baixa; Perereca careca e Perereca cabeluda; Perereca grande e Perereca pequena; Perereca de lábios grossos e Perereca de lábios finos. Pererecas para todos os gostos. Pererecas para todos os postos.

Haja cliente!!!

E, assim, por assim dizer... Os Súditos perecem atolados, atascados e totalmente desorientados sem saber onde pular, levando para o Andar de Baixo, quando a hora soar, suas legítimas aspirações e seus lógicos direitos.

Sapitucas Viçosas – Perereca, das pererecadas e candidatos pererequeiros, sempre simpáticos, porém pegajosos e gosmentos demais. Na bocada, indo aos saltos, para verem se é possível ou tá difícil, para permanecerem ou abocanharem as tetas do Poder, pois que especialistas em artes e artimanhas de origem incerta e não sabida.

Haja eleitor!!!

Que a Galera fique esperta! A hora de a Perereca saltar tá chegando. Saltos visíveis e invisíveis na direção das mordomias, benesses e regalos.

Fique esperto, Súdito, com as Pererecas malandras, volúveis e sugadoras, responsáveis apenas e tão somente pela busca da felicidade delas, de seus negócios e de seus apaniguados. A busca criminosa da Socialização do Patrimônio Público para beneficiar clientes, parentes, transparentes e dependentes.

Cuidado então, tolo de tolo, atolado de tolo no atoleiro da pererecada! A temporada das Pererecas taí!

Escorrace a Perereca antes que a Perereca te engane!

TRAÍRAS

**O Processo Eleitoral carrega consigo
indivíduos pretensiosos a contarem
estórias pra enganar lá em casa, recheadas
com as famigeradas contas de chegar.**

Curioso peixe carnívoro.
Cabeça achatada.
Bocaça recheada de ferinos caninos.
De comprimento, quarenta centímetros.
De quilos, três de peso.
Vestindo cinza de pretas listras.
Como lar, hidrográficas bacias da Infernália do Sul.
Residente nas bacias, penicos e escarradeiras.
O Reino destas Fundangas Varonis.
O Condado destas Roças Gerais.
O Burgo destas Sapitucas Viçosas.

Ataca por trás e por trás come.
Rabos e rabadas de presas indefesas.
Voraz, impiedosa, esganadamente.
Traíras a mis, de espécies vis.
Barbadas, opacas, viúvas, parentes.
Carecas, boiolas, taradas, balofas.
Gozadas, capachas, gayzadas, ardentes.
Vadias, gozadas, mansas, danadas.
Mastigadas, mamadas, cuspidas.

Curioso peixe carnívoro.
Acha, pega, mama, mata, come.
Mamma mia!
Por estas e por tantas outras...
Se acha, se pega, se mama, se mata, se come.
Trilha triste sina de conhecido e sabido Futuro.
De saborosa carne, vira banquete.
Nas festas e repastos doutras Traíras.
Maiores. Poderosas. Robustas.

Em assim sendo e assim sendo...
Se acha, é achada; se pega, é pegada;
Se mata, é matada; se come, é comida;
Se mama, é mamada.
Nas orgias, gandaias, esbórnias.
Regadas a pingas, pingoletas e pingolinhas.
Traíra comendo Traíra.

Traição nos troca-trocas das trairagens.
Cheirando. Lambendo. Comendo. Chupando.
Traíras minúsculas, sem eira nem beira.
Traíras maiúsculas, com eira com beira.
Bailando balada da traição, na traição se pagando.

Assim dizendo o dito pelo dito mesmo...
Candidatáveis e candidatos a bocas quaisquer.
Todo cuidado é nada do nada.
Gente nada adorável que nada.
Nadando de cima pra baixo, de baixo pra cima.
Rio acima, rio abaixo; represa acima, represa abaixo.
Do lado de cá, do lado de lá.
Nas acadêmicas águas viçosas.
Marcadas por viçosas Quanto Pilastras.
E-studando. S-abendo. A-gindo. V-encendo.

Traíras, se cuidem, Traíras!
Você acha, eleitor engana;
Você pega, eleitor escorrega;
Você mata, eleitor pinica;
Você come, eleitor defeca.
Trairagem com trairagem se paga.
Tanto do lado de cá, quanto do lado de lá.
Traíras, se cuidem, Traíras!
Candidatas e não candidatas.
Cabos eleitorais e cabos de pau, batendo o pau.
Nos eleitores e eleitoras, sempre levando pau.

No São Bartolomeu, outrora rio, hoje colossal esgoto.
Traíras tarão lá, tal fétidos presuntos.
Boiando, por todos os séculos, dos séculos, amém!
Amém?! Aleluia?!

Zanzando como cocôs n'água.

SABER

**Sócrates sabia que nada sabia.
Sabedor que, com este nada saber,
Sócrates soube se colocar entre os
Homens mais sábios da Humanidade.**

Suditozinho Pupilo, de 12 anos, do Ensino Fundamental, errou 20 palavras em 20 palavras ditadas no ditado da Rábula.

Assunto largamente repercutido pela grande mídia do Reino destas Fundangas Varonis. Mídia falsa e hipócrita, dentre outros atributos mis e vis.

Pedagogicamente, um Rábula Consciente, pregando uma Pedagogia atualizada e avançada, noticiaria, um tanto quanto diferentemente, a notícia: Suditozinho Pupilo, de 12 anos, do Ensino Fundamental, fez muito bem em errar 20 palavras em 20 palavras ditadas no ditado da Rábula. Certamente, palavras imbecis, ditas num ditado imbecil, por uma Rábula inda mais imbecil, imbecilizada pela Perversidade das Estruturas.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... O que importa, para Os Donos da Cocada Preta, Ideologicamente, é que o Discípulo não saiba escrever. Assunto largamente repercutido pela mídia – ratificando – falsa e hipócrita.

O Pupilo não sabe escrever. A Rábula ignora que ditados são d'outras eras. Época em que se amarrava cachorro com linguça. O Pupilo não sabe escrever ou não tem como aprender, e a Rábula não sabe ensinar, ou não tem como se atualizar.

Por estas e por tantas outras... A bem da Verdade, por obra e graça dos Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados, emitentes e avalistas das Demoníacas Estruturas Vigentes, quem está sabendo fazer alguma coisa nestas Fundangas Varonis, nestas Roças Gerais e nestas Sapitucas Viçosas?

Quem, hein?! Hein, quem?!

Discípulo não sabe escrever! Aqui, ó! Banana pras conclusões e concluintes afoitos, mal-intencionados ou Alienados! E, assim, por assim dizer... Quem está sabendo fazer alguma coisa neste Reino roubado, humilhado e prostituído pelos eternos Senhores da Vida e da Morte?

Quem, hein?! Hein, quem?!

Os Carabineiros não sabem como acabar com o contrabando de drogas e entulhos. Os trabalhadores não sabem como garantir seus miseráveis empregos. Os pais de família não sabem como aumentar seus minguados ganhos. A prisão de segurança máxima não sabe como segurar seus hóspedes. Os Suditozinhos de Rua não sabem por que deixaram de ser suditozinhos abandonados. O Imperador de Fundanga não sabe como conter o birrento e topetudo Conde Itabirras das Roças Gerais. O birrento e topetudo Conde Itabirras das Roças Gerais não sabe mais o que fazer para

encher o saco do Imperador de Fundanga. Os Delegas não sabem quantos são os sequestrados da hora. Os Carabineiros não sabem onde se encontram os cativeiros e os sequestradores. As Otoridades competentes e incompetentes ignoram onde foram parar as fortunas roubadas pelos juizes Lalaus do Reino, dos Condados e dos Burgos. Os Párias e os mendigos não sabem quais as sacanagens que os transformaram em Párias e mendigos. O Suserano comum não sabe como descolar o mínimo de Dignidade da habitação, da saúde e da educação. Os Cocada Preta não sabem por que cada vez mais são Os Cocada Preta e se sifu de vez e de verde, amarelo e azul entoando o "Pra Frente, Fundanga!"

O Reino não sabe enxergar a Realidade pelada, nua, pornográfica e crua de que, comparado com o Imperador de Plantão, no Planalto do Alvorço, o Imperador defenestrado – o Molleque Collorido – não passava de ingênuo e travesso Fedelho. Meliante que não soube regular o ímpeto da sede com a água do pote.

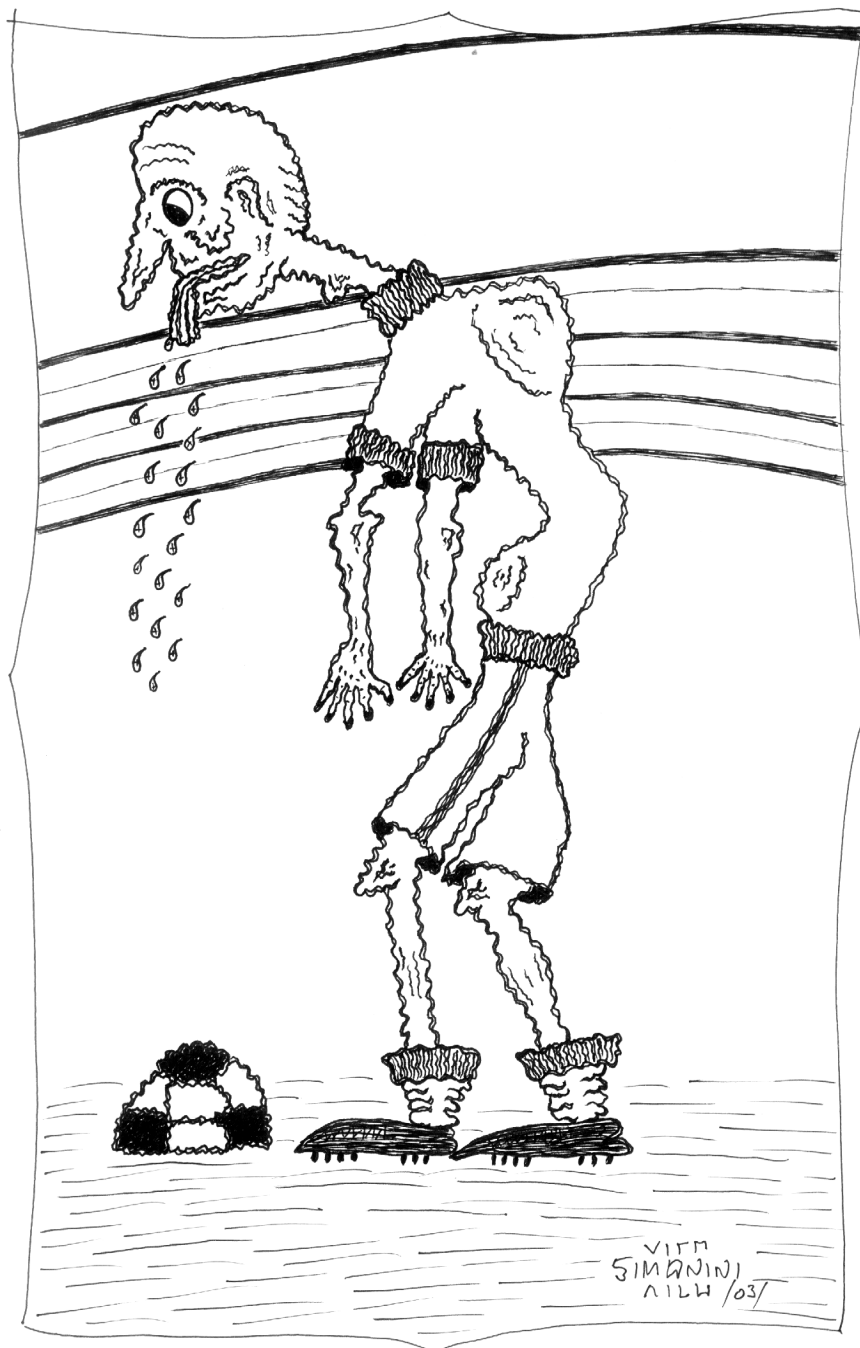
Por tudo escrito e por tudo pensado... O *pizzaiolo* não sabe por que transformaram sua *pizza* em arma contra o despautério do guerrilheiro Genoíno não Genuíno; a galinha, das comuns, não sabe por que transformaram seu ex-futuro pinto em projétil contra o tucanismo do Conde Covas... E, muito menos, a galinha, a galinha preta, não sabe por que ela própria se transformou em míssil endereçado contra o fogaréu da Alcaide Marta-Suplí-Cio. Dia há de chegar em que até veados se transformarão em artefatos de guerra para detonar mais, tantos mais quantos forem necessários, Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados.

Em sendo assim... Tome *pizza* lata afora. Em assim sendo... Tome ovo fuça adentro. Em assim assim... tome galinha preta peito afora. Em assim sim... Tome veado carcaça adentro.

Suditozinho Pupilo, de 12 anos, não sabe escrever uma ova! Durma-se com esta galinhagem, sonhe-se com tal veadagem...

**O FUTEBOL E OUTRAS
COISAS MAIS...**

DESCALÇAR DAS CHUTEIRAS



DITADOS

Treinador: - Ocê dibra os beque, um prum lado, outro pro outro, chuta com força, rasteiro, no canto e, se possível, com efeito. O golero num pega!
Pepê: - Fessô! E se eu chutá assim, mas no âng'lo, onde a curuja dorme, em vez de rastero?

"A água corre é para o mar." Com todo respeito à cultura popular, este Súdito não gosta deste e de dezenas de outros ditados contraditórios na boca da Súdita Galera. Não se devem aceitar ditados populares pois, via de regra, mascaram a Realidade. Aparecem como Verdades Inquestionáveis, impedindo os menos avisados de enxergarem a Realidade – Homem-Mundo – tal como ela é.

Quando se diz "A água corre é para o mar", afirma-se que somente o oceano receberá toda a água existente na natureza. A assertiva contraria leis naturais. A água correr para o mar é uma inverdade ou, na melhor das hipóteses, uma meia verdade. Concluindo esta questão molhada, parte da água existente corre para o mar. Outra parte jamais chegará aos oceanos e aos mares. O Súdito, pois, que aceitar essa de que "A água corre é para o mar" possui uma Consciência incapaz de reivindicar seus direitos, deixando que o Time d'Os Donos da Cocada Preta ganhe sempre de goleada do Time d'Os Cocada Preta. A Dominação Eterna sobre os Eternos Dominados.

Por estas e por tantas outras... Galera querida da minha terra querida, preste muita atenção nos ditados populares. Normalmente, são mentirosos e embusteiros. Os Cientistas Sociais diriam: ditados populares são Ideológicos, veiculando a Ideologia Dominante. Mascaram questões objetivas, invertem a Realidade, quebram a Unidade Dialética do Pensar e do Agir. De agora em diante, precavenha-se, pois, com esta e outras verdades: "O Mundo é dos espertos"; "Deus dá o frio conforme a cobertura."

As considerações deste Suserano procuram justificar explicações para os resultados obtidos dentro das quatro linhas, espalhadas pelos quatro cantos do Reino de Fundanga. É comum o Torcedor justificar as derrotas de seu Time com expressões como estas: O Juiz roubou; Meu Time não dá sorte; O campo tava em péssimas condições; A tabela não ajudou.

Haverá sempre um chavão específico para justificar, para mascarar, para fantasiar, para camuflar as causas reais e objetivas da derrota. O Futebol faz parte indissociável da Sociedade. Os elementos presentes no dia a dia do Sistema encontram-se no dia a dia do Futebol. O Futebol reproduz a Estrutura Política, Econômica e Social Vigente.

Que a Galera não se iluda quanto às razões que conduzem sua Equipe a somente levar ferro, como diria o Pepê. Dificilmente, o Juiz roubou ou o Time não deu sorte ou Deus não quis.

No Futebol, como na Vida, as coisas são determinadas por questões objetivas, concretas e materiais, com origem no Econômico. Quem tem mais dinheiro tem mais conforto, vive melhor. Tem mais saúde, melhores roupas, alimentação rica e farta, escola de qualidade, habitação confortável e mais opções de lazer.

Time de Futebol vale no Reino, nos Condados ou nos Burgos, com mais grana, joga melhor e ganha quase sempre. Profissionais competentes, farto material esportivo de boa qualidade, centro completo para treinamento, altos salários e mordomias mis. Condições econômicas para contratar os melhores. Dirigentes e jogadores têm mais tranquilidade para trabalhar.

Os Times d'Os Donos da Cocada Preta – mais ricos – ganham quase sempre, muito mais, mesmo, têm uma vida mais fácil. Os Times d'Os Cocada Preta – mais pobres – ganham quase nunca, muito menos, mesmo, têm uma vida mais difícil.

Em sendo assim... Cuidado ao dizer que seu Time não dá sorte. Não mascare a Realidade. Seu Time perde porque é ruim mesmo! E ele é ruim porque lhe faltam Condições Econômicas. Ele é ruim porque não reúne condições materiais mínimas para enfrentar, de igual para igual, seus adversários, possuidores de mais grana e que, em virtude disso, são mais fortes.

Perde porque o Futebol, afinal, imita o modelo de Sociedade que o abriga – quem tem mais, é mais forte; quem tem mais, ganha mais.

Fora, pois, com esta estória furada de que “A água corre é para o mar” e acabe com este papo xarope de que “O meu Time não dá sorte”.

O Pepê manda avisar que, se a Galera continuar nessa, ele pendura de vez as chuteiras, por todos os séculos, dos séculos, amém! Amém?! Aleluia?!

CORES

**Pensando bem... O tempo é o senhor da razão,
já dizia o garotão. Pensando bem... Também...
O tempo senhoriou a razão. O craque
era um simples aprendiz de Boleiro.**

Antes do e durante o jogo...

Pouco importa se fria ou quente. Primária, secundária ou terciária. São detalhes científicos e, no fundo, insignificantes para a Galera querida da minha terra querida. Ela ama uma, duas ou até três. Pode se chamar vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, anil ou violeta. O preto integra o time, embora seja apenas a ausência da luz. O branco, que provoca todas, também entra em campo. Verdades que não atingem as preocupações do Torcedor. Preto e branco também o são.

Arco-íris – colorido, cor: arco-íris de Íris, mensageira do céu, caminhando pelo arco ao qual empresta o nome. Simboliza a ligação entre o céu e a terra, trazendo as boas novas de Hera, a deusa do casamento e do parto.

Colorido – cor, arco-íris: colorido de matizar. Cobrir de cores. Colorear, colorar, colorizar, corar. Bandeiras, bandeirinhas, estandartes e faixas agitadas pela Galera ansiosa. Súditos Torcedores casados eternamente com um Clube, assistindo, parto após parto, o nascer de vitórias consagradoras. Vitórias abençoadas por Hera e anunciadas por Íris, levitando no seu aquarelado arco.

Cor – arco-íris, colorido: cor da camisa do clube idolatrado. Uni, bi ou tricolor. Cor parida nos gritos e gestos, nas roupas e fantasias, nos fogos e serpentinas, nos rebolados e gingados, nas charangas e baterias, nos versos e hinos.

Também no esporte, como no Reino de Fundanga, a cor é um estado de espírito. A cor é, pois, de fundamental importância no esporte. Ajuda a Torcida a se fazer Sujeito do Processo. Ajuda a Galera a se Libertar. A cor é, também, de fundamental importância na Vida. Ajuda o Súdito a se fazer Sujeito do Processo. Ajuda o Súdito a se Libertar. Em sendo assim... A bipolaridade Homem-Mundo se funde e se confunde com a Realidade – das cores da Vida e da vida das cores.

Arco-íris, colorido, cor.

Mas, ai de ti, Galera querida da minha terra querida, caso te deixes enganar! Vão devorar o teu fígado, dia após dia, como a águia devorava o de Prometeu! Necessário se faz distinguir as cores verdadeiras das falsas cores. Principalmente, se cores paridas por útero fantástico de fantástica tela, e que já deu à luz, anteriormente, tantas cores falsas, malévolas e perniciosas para os interesses d’Os Cocada Preta. Trouxeram desemprego, fome, doença, miséria e infelicidade. Cuidado, pois, Galera, com o collo-

rido sem cor. Com o collorido que muda de cor. Com o collorido que tem má cor. Sob a cor do Poder trairá a Galera. Tornar-se-á pálido e macilento. No fundo, um collorido neutro, sinônimo de pouco viço ou um collorido pastel de tonalidade delicada e desmunhecada.

Procuram daltonizar a percepção e a inteligência do Reino para que ele abrace colloridos que não são os do seu Time. Ai de ti, Galera querida da minha terra querida, se o daltonismo tomar conta da tua visão. Vão te devorar as entranhas! Daltonismo perturbação no conhecimento dos colloridos. Incapacidade para diferenciar colloridos. Acromatopsia. Impossibilidade de perceber certas cores que desejam invadir o Palácio do Alvorço, no Alvoraçado Planalto.

Se a Galera permitir o triunfo da mentira, com a cor da Verdade, morrerá a Verdade, com a cor da Verdade. Seu Time continuará derrotado sempre de goleada e a Galera continuará com o rabo enfiado entre as pernas. Afinal, esse collorido sempre pertenceu ao Time adversário. Jogou sempre contra nosso Time. Exemplo raro e caro d'Os Donos da Cocada Preta.

Em sendo assim... Neste instante do jogo, o Pepê adentra o tapete verde, meio doidão, devidamente uniformizado com as cores verdadeiras de seu Time do coração e vocifera:

– Cuidado, Torcida, com mentes psicodélicas, narinas dilatadas e olhos esbugalhados! O Cara cheira mal...

A prorrogação do jogo:

Alerta contra a onda do Molleque Collorido, redigido quatro meses antes do desastre das eleições de 89, visando à escolha do novo Imperador do Reino destas Fundangas Varonis. Por mais que o resultado do jogo fosse antecipado, pelo Comentarista do Jogo, a Massa Fundanguense não acreditou. Deu no que deu! Nova goleada do Time d'Os Donos da Cocada Preta no lombo do Time d'Os Cocada Preta.

E foi fondo, foi fondo, foi fondo, fazendo tabelinha com Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados que o Conde Itabirras chegou a Imperador. Um horror!

ROUBAR

**O Futebol é uma caixinha de surpresas...
Hoje não deu, mas o negócio
é levantar a cabeça e sair pra outra.**

Este Súdito experimenta, simultaneamente, o afeto, a compaixão e a inveja, ao analisar as agruras do Homem (agora, também da Mulher) de Preto. Executa missão fundamental, extremamente difícil, que exige dele sólida Coragem. Sua *Mater et Magistra* anda na boca e no gogó de todos. Em sendo assim... Brotam aqueles sentimentos nas glebas sentimentais deste Suserano.

Juiz ou Árbitro – maldita regra cinco do número um do Futebol. Da sua Consciência nasce o destino do espetáculo – alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, sorrisos e lágrimas da Galera querida da minha terra querida.

O Árbitro detém o Poder Soberano de julgar, soprando estridente apito. Sua lufada tem a força de uma sentença. Carrega consigo o dever de lufar o instrumento de trabalho com energia, mas, sobretudo, com discernimento, competência e honestidade.

Se a lufada for má, teremos uma má lufada, de onde advirão sérios aborrecimentos e prejuízos. A Galera vai cair de pau! Fará ecoar a conhecida e nada lisonjeira nomenclatura para tais ocasiões: Filho da Outra, ladrão, gatuno, bicha, corrupto, veado, rato, larápio, inseto... Sobrando, então, para a Dona Maria, emérita cupincha e comparsa do Doutor Roberto no rela-rela do Jogo da Burguesia Capitalista.

Ah! Dona Maria! Entre tantos outros, dois outros pecados capitais: parir o Dito Cujo e abrir a gorda bolsa para as campanhas eleitorais do Fedelho.

Há exemplos homéricos de má lufada pelaí. Má lufada no Reino, má lufada nos Condados, má lufada nos Burgos. As más lufadas são encontradas muito além do que venha a imaginar a vã e ignara imaginação da Galera. Roubalheiras sem fim!

O Súdito Dequinha celebrizou-se com a frase: "Apitei bola fria!" Recentemente, reafirmou sua fama de lufador, deixando o gramado em disparada, durante a partida, para buscar o cartão amarelo, esquecido nos vestiários. Não chegam a más lufadas, as lufadas do Deco. Estão mais para fatos inocentes e folclóricos do Futebol destas Sapitucas Viçosas.

Os Torcedores desejariam um Juiz probo que carregasse para os gramados a sabedoria de Salomão. Preciosidades deixariam de ser cortadas ao meio como a criança, disputada pelas duas concubinas, e centro da famosa decisão do Imperador do Reino do Vítimas Eternas.

A Princesa Sheherazade não confiaria a Ali Babá a arbitragem do impasse entre ela e seu algoz, o Imperador Shahriyar, nas "Mil e uma Noites". Ali Babá possuiria requisitos necessários para tal lu-

fada, não furtasse ele o incalculável tesouro, transformando-se no maior dos ladravazes dos Reinos, Oriente Médio afora. Inclusive pelas bandas do Império Libanês.

Ali Babá, lapidar exemplo para quem emigrou daqueles terras e sempre cultivou a pretensão de se tornar Juiz Supremo destas rotas canchas Fundanguenses. Com tudo e por tudo isto... Vai, como Ali Babá, roubar o tesouro da fábula, mas não se dará por satisfeito. Furtará, também, o tesouro de seus pares e ímpares – Os Donos da Cocada Preta. Roubará, ainda, tudo o mais pertencente a Os Coca-da Preta. Conhece como ninguém o “Abra-te, Sésamo!”.

Mau lufador, cara-de-pau, insistente, obstinado, inoportuno, nefasto. Germinado nos porões do obscurantismo. Puxa-saco juramentado, frequentou aulas de equitação pra cair nas graças do Imperador Gorila Cinco Estrelas de Plantão e de nome João.

Se escalado Juiz, ao lufar o final da partida, colocará a bola debaixo do braço e tentará levá-la para casa, negociando, antes, o resultado do jogo.

O Pepê, perseguido sistematicamente por juízes ladrões nos gramados do Jogo da Vida e da Bola, acrescenta, preocupado:

– Este aí fará mais. Se escolhido, apitará o jogo sem chuteiras. Má lufará a latinha descalço. Para que seus passos de pé-de-pano e urubu malandro não façam ruídos na calada da noite. Má lufando, inda vai se esbaldar orgasticamente, roubando a concupiscência das Princesas Sheherazade da Galera. Positivamente, não reúne as mínimas condições para se apossar do trono, da coroa e do cetro destas Fundangas Varonis.

ODISSEU

**São capazes de adotar qualquer
Esquema de Jogo. Defendem na retranca,
armam na catimba e atacam na cavadinha.
Êta cambada boa de bola, esta!**

Odisseu foi gandula na primeira Copa do Mundo, no Reino Cisplastino. Acusaram-no culpado pela derrota da Seleção Fundanguense, na estreia, por 2 x 1 frente ao Reino da Já Era Iugoslávia. Aprontou nas reposições da bola. Odisseu encontrava-se presente. O Reino de Fundanga já apanhava feio. Pelo fiasco, levou uns cascudos nas zoreia e caiu no ostracismo. Durante anos, ninguém ouviu seu nome. Nem na Copa seguinte.

Reapareceria no Reino da Gália, na terceira Copa do Mundo. Esquentava a bunda no banco da Seleção Fundanguense. Jogou uma única vez. Justo na fatídica derrota frente ao Reino Itálico – 2 x 1 para a *Azzurra*. Causador do desnecessário pênalti que nos desclassificou. Odisseu encontrava-se presente. O Reino de Fundanga já apanhava feio. Pela terceira vez, foi escorraçado, conheceu a solidão. Desapareceu das canchas.

O Fundanguense, sem memória, não identificou de prima o lateral esquerdo da Seleção do Reino, em pleno Maraca, no Condado do Se Segura, Malandro! na Copa de 50. Era o próprio! Odisseu dera a volta por cima, tornando-se o titular da camisa 6. Passaria para a História como o fracassado marcador do lépido Ghiggia, na final, contra o Reino Cisplatino. Odisseu deixou o ponteiro celeste penetrar e fulminar o goleiro Barbosa, marcando o gol da vitória e do título – Cisplatino 2 X 1 Fundanga. Cataclisma pátrio. Odisseu encontrava-se presente. O Reino de Fundanga já apanhava feio. Em qualquer Reino, esse indivíduo seria, no mínimo, condenado a praticar um ato terrorista nos domínios do Imperador Bush Hic!, The Robber. A gente Fundanguense é diferente, entretanto. Gente das muito babaquinha. Tem Memória Curta e Espírito Fraco.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Odisseu era tenaz, insistente e obstinado. Como Fênix, ressurgiu das cinzas depois de algumas Copas, ocupando o cargo de supervisor da Seleção Canarinho, na Copa disputada no Reino do Zéc-Aznar. Transformou-se no Senhor das Diretas-Já, Seleção! Granjeou simpatias e seguidores. Cantou o "Pra Frente, Fundanga", bateu continência pros "Noventa Milhões em Ação", entoou a marchinha "Voa, Canarinho, Voa". Luta ferrenha contra a teimosa ditadura, pedra que se interpunha entre a Galera e o sonhado título de Campeão Mundial de Melhores Dias. Acordos, conchavos, negociações. As Diretas-Já, Seleção! não vieram. Foram traídas, no fundo, no fundo mesmo, pelo próprio Bruxo Odisseu, acochambrado com outros Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados. Tipo assim Tancredos, Trancados e Trancadores da História. Com tudo isto e por tudo isto...

Surgiu uma saída – a Seleção era de briga e treinando num Colégio, ainda que Eleitoral, poderia chegar ao cetro máximo. Odisseu convenceu os Súditos de que ele supervisionava o melhor Futebol do Mundus Horrendus. Só que não avisara ao Reino Itálico e ao endiabrado craque Paolo Rossi. Deu no que deu – outra ferrada homérica. Ah! Homero! Que Troiano nos legaste! Odisseu encontrava-se presente. O Reino de Fundanga já apanhava feio. Fundanguense tem Memória Curta. Literalmente Curta.

Insistente e teimoso, Odisseu é guindado, quatro anos depois, ao cargo de Presidente da Seleção, graças à incrível afinidade com o Imperador Sir Ney. Odisseu, impávido colosso, Soberano para a Copa do Reino dos Astecas e para o despertar do gigante: foi Presidente da Seleção, Presidente da Confederação dos Esportes, Presidente da Câmara do Futebol, Presidente da Constituinte da Bola. Eventualmente, quebrava o galho como Imperador do Reino. Nada funcionou. Pênaltis pro brejo com a taça e tudo, com o Odisseu e tudo, com a Galera e tudo. Derrocada absoluta da Seleção Verde-Amarelo. Odisseu encontrava-se presente. E ainda desejava continuar!

Neste momento... Chega o Pepê, montado no Cavalo do Reino de Troia, e desnuda o embuste:

– Seguinte, Galera! Odisseu do grego ou Ulysses do latim é o herói da mitologia do Reino de Athena, Imperador do Reino de Ítaca, esposo de Penélope. Idealizou o célebre cavalo de madeira e venceu o Reino de Troia. Feito cantado em versos eternos pelo Súdito Homero. Nada mais, nada menos... Do que o Odisseu do Futebol ou o Doutor Ulysses da Política Fundanguense. Emérito enganador dos Súditos destas Fundangas Varonis, durante décadas, finalmente, sumiu do mapa e foi dar com os costados no Andar de Baixo. Num fatídico voo, tal-qualmente seu compatriota Ícaro. A cera que colava as penas de suas asas derreteu e o Odisseu se fodeu!

Em sendo assim... Enviada a mensagem, o Pepê tirou a Seleção de campo e partiu, célere, montado no Cavalo de Troia, sonhando com um pentacampeonato que se tornaria realidade tempos depois. Sem a presença da farsa de nome Odisseu.

BESTAGENS

**O problema não é ser Doido da Bola.
O problema é não ter Consciência de que é...**

Tem gente que acha que a gente é besta! Tem gente que acha que o Torcedor é besta!

Análise de que Os Donos da Cocada Preta – a Classe Dominante – vêm saqueando o Mundus Horrendus do Futebol através dos tempos mostra para a Galera – Galera querida da minha terra querida –, claramente, que este mesmo Mundus Horrendus se encontra dividido em dois segmentos: o primeiro é aquele constituído pelos Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados denominados Doidos. O segundo é aquele constituído por outros Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados denominados Doidos – também.

E, assim, por assim dizer... Que diabos de dois segmentos são esses dois segmentos? Coisa de Doido! O Mundus Horrendus do Futebol dividido em duas partes? Uma de Doidos e outra de Doidos! Durma-se com um Imperador Bush Hic!, The Robber destes! Sonhe-se com um Imperador Heil Sharon destes! Acorde-se com um Imperador Tony Blair-Baca destes! Por mais estranho que possa parecer, não existe qualquer contradição nesta assertiva. Realmente, o Mundus Horrendus do Futebol encontra-se dividido em duas partes, muito distintas, totalmente diferentes. Didaticamente, vale o maniqueísmo – cinquenta por cento pra cada lado.

Em sendo assim... A primeira metade dos Doidos do Futebol é aquela constituída pelos Doidos que se acreditam Normais. Do alto de narizinhos empinados, narizinhos de cheirar pum, felizes da vida, cheios de si, fazem ecoar, por todos os cantos, quadrados e redondos, inquestionável sanidade mental. São Árbitros do Jogo. Ocupam cargos de destaque e determinam a quais jogos a Galera deve assistir. Doidamente, os Doidos que se acreditam Normais conseguem acumular e deter poderes, criados e manipulados por suas mentes In-Sanas e agarrados por suas mãos de ferro. Esta, a grande tragédia futebolística. Em sendo assim... O Mundus Horrendus do Futebol pode ser explodido a qualquer hora, o Reino pode ser exterminado num minuto, o Condado pode ser aniquilado num segundo, o Burgo pode ser destruído num átimo. É neste e deste caldo que se alimentam os Doidos que se acreditam Normais, os Doidos nossos de cada dia. Os Doidos nossos de cada noite. Jogando jogadas da Vida e driblando dribles da Morte. Nestes Mundi Horrendi da Humanidade, nestes Mundi Horrendi do Futebol, nestas Fundangas Varonis, nestas Roças Gerais, nestas Sapitucas Viçosas. São Os Normais. Por tudo escrito e por tudo pensado... É, exatamente, esta gente que acha que a gente é besta! Tem gente que acha que o Torcedor é besta!

Em sendo assim... A segunda metade dos Doidos do Futebol é aquela constituída pelos Doidos Assumidos. Eles o são e há muito perceberam seu estado mental. São os Doidos que têm Consciência de sua loucura, orgulham-se disto e convivem, maravilhosamente, com as marchas e contramarchas, proporcionadas pelos altos e baixos, de suas mentes e almas, estabelecidos pelos descobrimentos psiquiátricos do Súdito Pínel. Enquanto os Doidos Assumidos seguem, normalmente, sua Vida, lutando com seus fantasmas, angústias e limitações, por serem Conscientes de sua loucura, pouco ou quase nenhum mal fazem a seus semelhantes. Ao contrário, humildemente, oferecem sua modesta contribuição. Nestes Mundi Horrendi da Humanidade, nestes Mundi Horrendi do Futebol, nestas Fundangas Varonis, nestas Roças Gerais, nestas Sapitucas Viçosas. São Os A-Normais.

Com tudo isto e por tudo isto... Doidamente, o Pepê recebeu a menina, matou no peito e chutou de rosca. Bateu com o terceiro dedo do pé direito, no meio do segundo gomo da bola e, como sempre, marcou outro golão:

– Seria bom que a Sociedade se visse livre, de uma vez por todas, desta cambada de Doidos Não Assumidos, Filhos da *Mater et Magistra*. Engenheiros do apocalipse do Torcedor, do Futebol e da Humanidade.

REIS

A complexidade da criação ou invenção de coisas imaginárias permite até a ousadia de se alterarem fatos, nomes, lugares e datas históricas. Principalmente, se, no Mundo do Futebol.

Afonso ou Fernando. Nobres nomes. Sinônimos de História. Fernando e Afonso.

... E, nestas bem traçadas linhas, os Afonsos transformaram-se em Fernandos. Estuprando a História? Não, absolutamente, não! Moda é moda e, convenhamos, Afonso, *data venia, data maxima venia*, anda um tanto quanto *démodé*. Em sendo assim... Os Afonso perdem de goleada para os Fernando nestes tempos que correm...

Poder durante quase 1.200 anos pelas bandas da Península Ibérica e adjacências. O Reino de Zéc-Aznar daqueles tempos conheceu inúmeros deles. Era Fernando pra dar com o pau... E que metiam o pau!

Em 757, surge o primeiro dos onze Imperadores do Reino de Astúrias, Leão e Castela. Inicia-se uma série de cinco, de Aragão, por volta de 1104.

No Condado de Portus Calle, antiga Colônia Romana, em 1106, nasce outro bando deles. Desta feita são seis e, entre eles, o fundador do Reino de Portugal, pátria mais madrasta do que mãe para Reinos d'além-Tejo, descobertos e por descobrir.

À História, alguns passaram como O Grande, O Sábio, O Guerreiro, O Magnânimo, O Bravo, O Africano, O Bondoso.

A História benevolente, pois escrita pel'Os Donos da Cocada Preta, não registra qualificativos tais e quais O Escadinha, O Collorido, O Beira-Mar, O Vilão, O Bandido, O Golpista, O Sociólogo, O Metalúrgico.

A fauna era rica; a fauna é rica. Hoje como Ontem. A Suserana e Boleira Galera necessita, pois, distinguir uns dos outros. O Time bom do Time ruim. O bom Fernando do mau Fernando. Aquele que joga a favor da Galera; aquele que joga contra a Galera. Tal-qualmente, o Cristo Mártir fez com os Pupilos Dimas e Gestas – separar o bom ladrão do mau ladrão.

Cuidado, pois, Galera querida da minha terra querida. Têm adentrado nos gramados do Reino, dos Condados e dos Burgos, Fernandos que jogam contra e se apresentam como quem joga a favor.

Nobre nome. Sinônimo de História.

Poder, também, pelas bandas do Reino de Fundanga e adjacências, embora nem tantos. Alguns apenas... E chega de Fernando!

Não era Imperador. Conseguiu ser. Entrou para o seleto grupo dos Xis Imperadores – titulares da seleção de mandatários História afora e História adentro. Todos sabem como. Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados e os Ignaros Súditos, obviamente. Uma verbinha desviada para bolsos particulares aqui, umas ervinhas

queimadas ali, uns pozinho cheirados acolá. E, assim, por assim dizer... Venceu, enganando concorrentes, companheiros, adversários, dirigentes, comissão técnica e a Galera. Conseguiu!

Conseguiu mas, escorraçado do trono, encontra-se perdido em campos d'outros Reinos. Goleiro? Zagueiro? Lateral? Cabeça-de-Área? Meio-Campo? Ponteiro? Centro-Avante? Desconhece o posicionamento e ignora a função. Calcula que o Time ainda usa o velho *WM* Globalizado.

Única coisa da qual tem certeza – é da Direita, pela Direita e com a Direita, desde que esquecidos escritos, discursos e conferências de outrora.

Se, pelo menos, fosse igual ao xará, o Fernandinho, vá lá. Aquele Fernando Guimarães da Silva, médio apoiador, integrante da Seleção Fundanguense na Copa do Mundo, no Reino da Gália, em 1938. Defendeu o América e o Flamengo, ambos do Condado do Se Segura, Malandro! da Condessa Dona Garotinha!

Ou, então, um outro Fernandinho (ou seria Afonsinho?). O excelente craque do Botafogo, também daquelas bandas. Formado médico, de carreira meteórica nos campos Fundanguenses, em razão de sua esclarecida Consciência Política. Reino ingrato este. Regra geral, vencem os Alienados, Massificados e Coisificados. Ou os mal intencionados, capitalizados, cooptados e submissos ao Reino do Killer Sam. Tal-qualmente certo Rei Jabuticaba – que não é Fernando, mas é Edson – preto por fora, branco por dentro e o caroço é duro de engolir e entope o reto, direto e reto. Haja clister!

Em sendo assim... Fernandos e Fernandos, frequentemente, a jogar no Time principal.

Embora perdido no Time dos Ex, o Fernando, Imperador, tem fala bonita. Bonitinha, mas ordinária. Como a figura central do romance do Súdito e Escriba Maldito Nelson Rodrigues.

Marcado pela obra-mor de oit'anos de Imperadorices – a ampla, geral e irrestrita extinção do desemprego, com a distribuição de 12 milhões de bancos nas praças e vias públicas do Reino de Fundanga. Claro! Bancos acompanhados d'outros tantos milhões de tabuleiros de damas e cartas de carteados.

Com tudo isto e por tudo isto... O Jogador Pepê, lídimo representante da Classe Operária, mas um desastre no Reino do Futebol, como o Imperador Fernando, no Reino de Fundanga, ironiza:

– O destino para este *Cara de Culo* é bater umas bolinhas no júri do *Show* dos Calouros do Mercador de Ilusões.

IN-FIDELIDADE

**O Boleiro bem que poderia ter chegado,
tranquilamente, a titular absoluto da seleção.
Perdeu, entretanto, a velocidade do ataque...
Não acompanhou o tempo da bola...
Chutou pra fora... Pra fora do gooooool!!!**

O Reino destas Fundangas Varonis tem a capacidade incrível para engordar Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados. Gente soturna, macambúzia e burra... No fundo, no fundo, no fundo mesmo, espécies sinistras que abundam Burgos, Condados e Reino. Transitam e atuam livremente nos estádios, campos e canchas da Estrutura Política, Econômica e Social, rolando aquela bolinha chinfrim. Como não poderia deixar de ser, incluso o esporte nascido em outros Reinos e conquistado forma, charme e organização no Reino do Tony Blair-Baca. Em sendo assim... Difundido pelos Reinos d'além terras e d'além-mares. Futebol, o esporte-rei.

Futebol coalhado de conhecidos personagens: Doutor Roberto, Boris Borrão, Zemaria, Pepê e Babaquino. Sem esquecer o Brasilino. Atuam, como sabido, em dois Times – Os Donos da Cocada Preta e Os Cocada Preta. Cada qual, com Esquema peculiar de jogo, com seus pares e ímpares, persegue consagradoras vitórias.

Futebol que revelou, dentre outros, outro Súdito soturno, macambúzio e burro. Diferentemente do Torcedor, nunca fez embaixadinha com os mais caros sentimentos da Galera: fidelidade, constância, lealdade, perseverança, exatidão, firmeza. Estas não eram, positivamente, as virtudes fundamentais para aquele Bruxo-Súdito — um Boleiro meia-bomba.

Nascera no Condado destas Roças Gerais. Berço imbatível de vira-folhas e infiéis. Ainda neném, demonstrara talento nas artes e artimanhas de mamar. Jamais esperara a última gota.

Durante a mamadura, antes de exaurido o seio da vez, matreiramente, tirava o tom, para possível berreiro, com o indefectível semblante de cachorro escorraçado depois de soltar aquele pum na igreja. Era o suficiente para a mamãe perceber a jogada do Pivete e trocá-lo de seio. Mal executada a jogada, o Bebê, malandro velho de guerra, catimbeiro como ele só, caía de boca, direto e reto, na outra mama, dando continuidade à ação característica dos animais cordados, da classe *mammalia*. Mamador das mamadas e mamatas. Ingratamente, mandava às favas o seio anterior que, até então, lhe dera o vital leite seu de cada chupada.

Era evidente sua preferência pelo seio direito. Isto não impedia, entretanto, suas incursões pelo esquerdo, de acordo com as conveniências do momento. Sua preocupação especial era demonstrar preferência pelo vale interposto entre as mamas, buscando nítida posição de Centro. Claro, apenas para o público externo.

Ao trocar de teta, botava defeito, xingava e ensaiava alguns

golpes de judô, esporte que ele praticaria, mais tarde, com o indócil primogênito. Prática que, certo dia, obrigou a grande mídia a fazer uma ginástica dos diabos pra não explicar como surgira um ferimento de tiro num esporte que dispensa arma de fogo.

Era também um tanto ou quanto desajeitado. De quando em vez, fazia desfilar uma perna no gesso ou um braço na tipoia, fruto de caneladas dadas e recebidas nas peladas jogadas pelos bucólicos Burgos Sulistas destas Roças Gerais.

E tome sugada! E tome chupada! E tome mamada! E tome boquete!

Com tudo isto e por tudo isto... Nominado Dotô Loreano, criança, criou; adolescente, adolesceu; adulto, adulterou. Seguiu História. Tão fielmente como o mais convicto vira-casaca.

Por tudo escrito e por tudo pensado... Dotô Loreano é fiel à mama em processo de franca produção. Pouco importa, se importa... Da Direita, do Centro, da Esquerda. Até quando o Juiz apitar a aproximação da última e derradeira gota.

Como sempre acontece, ao apagar das luzes, surge o cracaço Pepê, sempre nas tetas e nos mamilos futebolísticos. Sua experiência de Boleiro, jogado e juramentado, arremata de canhota:

– Dotô Loreano funda partido pra driblar a Galera. Abdica da candidatura a Imperador que, pelo andar da carruagem, lhe pertencia. Finge nunca ter jogado no esquadrão da Corte. Dissimula a participação nos Anos de Chumbo, Ouvidor que foi do Conde Magalhães Pinto, neste Condado destas Roças Gerais. Armou o jogo para usufruir de futuras e novas mamas.

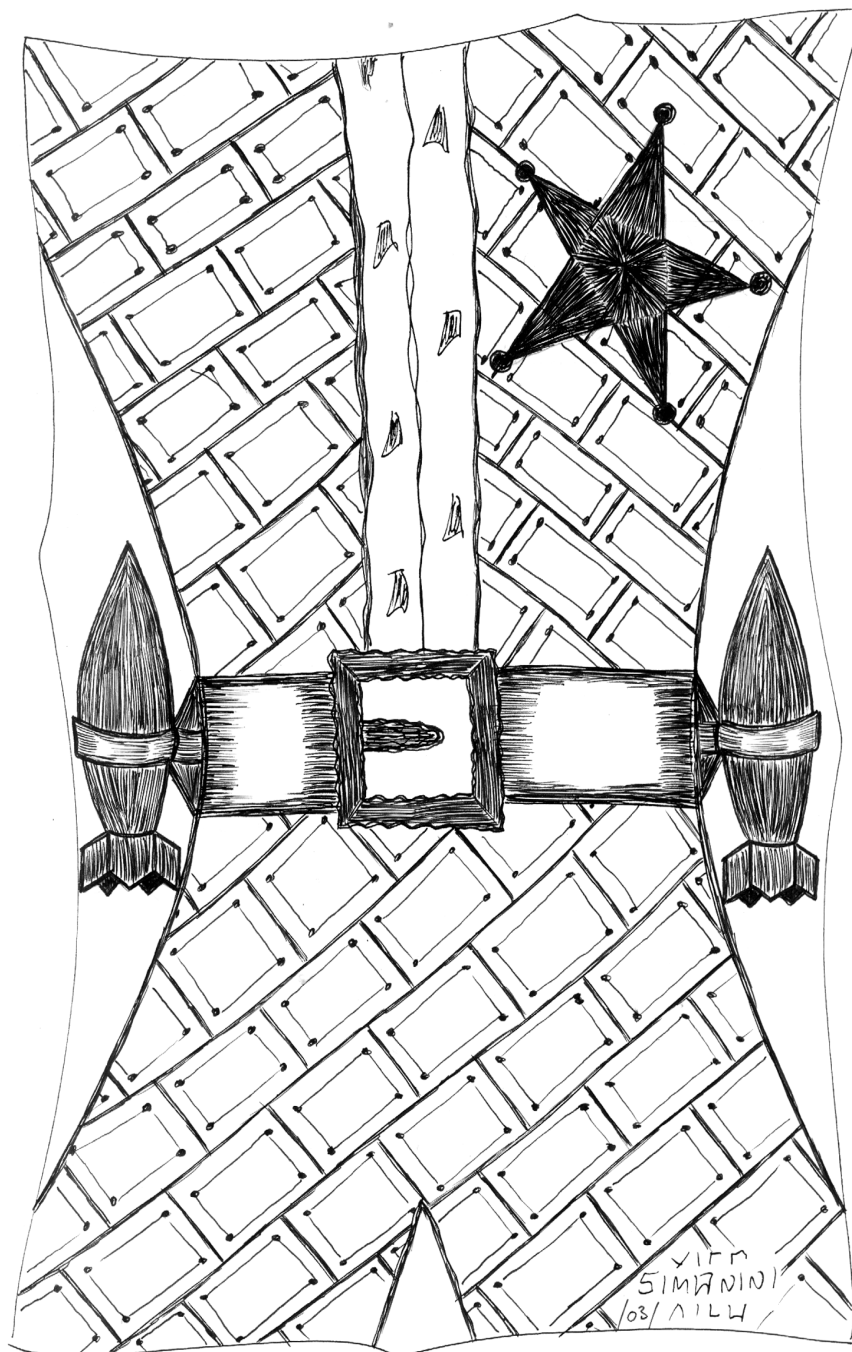
E perverso, aplicando um rabo de vaca, tripudia Pepê:

– O espertalhão foi engolido pela própria esperteza – perdeu a chance ímpar de se tornar Imperador – via vice – graças à diverticulite que acometeria o Dotô Tancredo – outro mestre na arte do chuta pra lá, que eu chuto pra cá. Hoje, já no Andar de Baixo, bate aquela bolinha com o Dotô Tancredo.

Dançô o Dotô Loreano! Literalmente!

**A MESMA BANDA QUE
TOCA AQUI, TOCA ALHURES**

IMPERADOR XERIFE



RUBINHOS

**Sutil e perigosa, a propaganda,
Comercial ou Ideológica, é a alma
dos negócios e das ideias
d'Os Donos da Cocada Preta.**

O Mundus Horrendus ficou chocado e estarecido com a desgraça que se abateu sobre o Reino do Killer Sam. Desgraça inadmissível para a Vida, para a Liberdade e para a Democracia.

O Mundus Horrendus vive sob os auspícios da paranoia, depois de uma catástrofe ao vivo vivida, a cores colorida, em tempo real, e que resultou em centenas de inocentes mortos e na infelicidade de seus familiares.

As pessoas se sensibilizaram com as cenas chocantes e o sofrimento daqueles que morreram e possuíam uma Vida feliz, saudável e cheia de oportunidades.

A Humanidade ficou chocada, estarecida e amedrontada. Entretanto, a Humanidade ficou, também, solidária com a tragédia que se abateu sobre o Reino mais poderoso desta Bola, que deita e rola, chutada infinito afora, infinito adentro.

Até os Súditos Velozes da Fórmula Um, na correria do Grande Prêmio do Condado de Indianápolis. Prepararam e correram uma corrida patriótica. As escuderias estamparam bandeiras do Reino estuprado nas máquinas e nos capacetes da garotada Súdita indignada, mas abarrotada das Verdinhas. Até um Súdito, reles figurante do espetáculo, mandou escrever no capacete o emotivo *God Bless America*. Comovente, sob todos os aspectos, a esterilização da mancha na Honra do Reino do Killer Sam, na comovente homenagem dos Súditos Rubinhos da Fórmula Um. Meninos Súditos lambedores, cafofos e bajuladores, Filhos da *Mater et Magistra*.

A Vida, a Liberdade e a Democracia, penhoradamente, agradecem por este ato de fé e caridade cristã e, antecipadamente, convidam para missa de sétimo dia a ser celebrada em intenção das almas dos tombados na tragédia.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Irritante e hilariante é o Mundus Horrendus não ficar chocado e estarecido com a desgraça permanente e diária, imposta pelo Reino do Killer Sam, inferno de todos os Reinos e Povos deste mesmo irritante e hilariante Mundus Horrendus.

As escuderias das pistas, os Súditos dos bólidos e os Súditos Rubinhos das velocidades estão, em verdade, em verdade, se lixando para as desgraças de uma outra Humanidade, muito distante da Humanidade deles.

Os Súditos Rubinhos jamais correrão, patrioticamente, protestando contra a exploração d'Os Cocada Preta pelos perversos e insaciáveis Os Donos da Cocada Preta. Ninguém estampará bandeiras dos Reinos Explorados, Espoliados e Expropriados no es-

plendor de suas máquinas e na proteção de seus capacetes.

Aos quintos dos infernos com o *God Bless* Resto do Mundo. À Periferia... Apenas e tão somente... *Sorry...*

Por estas e por tantas outras... É contundente a mensagem do Sacerdote Bernard Law, do Condado de Boston, situado lá pelas bandas da Infernália do Norte. Elocução sincera e real se sobrepondo ao pífio e ridículo puxa-saquismo dos Bólidos Humanos da Fórmula Um. A voz insuspeita do alto dignitário adverte: "Somos alvo dos terroristas porque, na maior parte do mundo, o nosso Governo defendeu a ditadura, a escravidão e a exploração humana. Somos alvo dos terroristas porque somos odiados. E somos odiados porque o nosso Governo fez coisas odiosas. (...) Nós precisamos mudar as nossas práticas."

Pouco importa, se importa... Diariamente, morrem dezenas de milhares de pessoas de fome e doenças, em morte lenta e cruel. Vidas que se fazem morte para alimentar a riqueza e a ostentação de Torres Gêmeas luxuosas e de Pentágonos assassinos.

Terrorismo abominável, como toda espécie de terrorismo, mas que é ignorado pelos Súditos Rubinhos da velocidade, da Vida e das pistas. Abarrotados de Verdinhas, também extraídas da miséria dos Condenados da Terra.

Não seriam os bólidos humanos a chorar pelas vítimas dos atentados cometidos pelos Poderosos da Vida e da Morte. Eles, também, Instrumentos da violência do Poder. Muito menos o Súdito comum choraria pelas vítimas dos atentados cometidos, sistematicamente, pelos Poderosos da Vida e da Morte. Eles, também, vítimas dessa mesma violência e desses mesmos Poderosos.

Violência silenciosa e cruelmente aceita pela Maioria Fraca de Espírito, em nome de uma Liberdade sem liberdade, imposta ao vivo e a cores e, se necessário, imposta pela escuridão das armas tramposas.

Falsa liberdade, porca, suja e cretina, que não mata o corpo, mas incapacita a Consciência.

Tal-qualmente os Reinos destes Mundi Horrendi e os Súditos Rubinhos têm que estar chocados, profundamente, com a desgraça que se abateu sobre o Reino do Killer Sam.

Em sendo assim... E em contrapartida, todos têm, também, que se indignar com a desgraça diária que vem fustigando a esmagadora Maioria dos Reinos destes Mundi Horrendi, há dezenas de anos da História recente. Pelos mesmos de sempre, capitaneados pelos Imperadores Bush Hic!, The Robber, nestas dezenas de anos de História recente da Humanidade.

INCAS

**O artista não cria cópias da natureza,
mas símbolos dessa mesma natureza,
Síntese da Vida e de tudo aquilo
que ela possa representar.**

Eu ouvi. Eu vi. Eu senti.

Neste Burgo das Sapitucas Viçosas.

No Calçadão, dos quais já não se fazem mais, como os de antigamente, num sábado de manhã, manhãs das quais, como outrora, não mais vicejam.

Sob o relógio da Coca, Cola ícone do cretino Capital deste e d'outros tempos, das horas e das temperaturas assinaladas.

Curiosos Súditos, como os mais comuns dos mortais, de tantos imortais e mortais saltos e acrobacias, da Vida sofrida nossa de cada qual.

Ouvindo. Vendo. Sentindo.

Gente, de gente sensível, parando e ouvindo sensíveis, escutando sensíveis e milenares sons de milenar Civilização, nascidos de rústicas flautas de bambu construídas.

Flautas de Massacrado, Saqueado e Destruído Reino.

Inca Civilização, Andina Civilização, Princesa do Sol, na saga de milenar Cultura. Ignorada pela ganância da Colonização e sanha destruidora dos Pizarros de então.

Tal e qual Pizarros de Hoje, corsários da Liberdade, da Esperança e da Vida.

Rústicas flautas de bambu tocadas, das bandas andinas da Dominada Infernália Latina. Dantes como Hoje, Latinoamérica de História perversa, injusta e bandida.

Eu ouvi. Eu vi. Eu senti.

Jovens do Reino dos Incas, artistas rapazes, soprando rústicas flautas.

Sopro artístico da arte-de-raízes pura, tocando repertório do mundo dos sons, fundido nos sons de bambus, nas mundanas canções de um Mundo-Imundo.

Artistas incaicos, americanos, latinos, gotas do mais puro ameríndio sangue, buscando o Povo, onde o Povo está, mostrando talento e arte. Tanto e quanto permitem notas, compassos, escalas, sustentidos, bemóis e tudo e tanto o mais, da eterna música, dançando na melodia, no ritmo e na harmonia.

Eu ouvi. Eu vi. Eu senti.

No Calçadão de um sábado, numa manhã de um sol, no relógio da Coca e da Cola perversas de uma carreira aspirada, inspirada e respirada.

Lembrando e revivendo, relembrando e vivendo, nas rústicas flautas de bambu, o eterno esplendor do Império Inca, nos acordes e na rota em que planando *El Condor Pasa*, Soberano dos Andes, voando sobre as ruínas de *Machu Picchu*.

Jovens tocando e encantando, distantes, muito distantes dos inaccessíveis palcos eletrônicos, iluminados e coloridos em nacional rede televisiva.

Palcos dos purulentos Faustões, sem as cores das Xuxas purgadoras, sem as luzes dos purgativos Gugus, sem as lantejoulas das Hebes purgantes e distantes dos horrorosos Ratinhos. Farsantes das farsas, farsadas e farsalhões a cores e com sons digitais.

Nauseantes apresentadores, na apresentação ridícula de nauseantes e ridículos artistas chinfrins, dançando sem plástica, cantando de bumbum.

Rebotalho da arte perseguindo a plateia do televisado espectador, Massacrado, Dominado e Saqueado pelos bizarros Pizarros da Comunicação.

Eu ouvi, ouvindo. Eu vi, vendo. Eu senti, sentindo.

Neste Burgo das Sapitucas Viçosas.

No Calçadão, dos quais já não se fazem mais como os de antigamente.

Num sábado de manhã, manhãs das quais, como outrora, não mais vicejam.

Sob o relógio da Coca, Cola ícone do cretino Capital, deste e d'outros tempos, das horas e das temperaturas assinaladas.

ARAFATES

**Contra interesses Poderosos e Preconceitos tantos,
ousam perseguir a conclusão determinada,
final e definitiva, a favor de nova Vida.**

Felizmente eles existem!

Nem tantos quantos deveriam existir. Nem tantos quantos o Mundus Horrendus tem precisão. Poucos, muito poucos, é verdade, mas existem. Brigando a boa briga para a Honra e a Glória de seus Reinos. E como briga e como luta e como peleja esta encantadora Minoria. Gente que não se cansa jamais. Gente que dignifica a Espécie Humana. Esquecem parcialmente o Individual, mergulhando de cabeça no Coletivo. Esquecem os Interesses Singulares e avocam para si os Desejos Plurais. Sabem eles, pois, que o Individual se realiza no Coletivo e este, por sua vez, se realiza no Individual.

Gente que, apesar de tanta canalha, tantos canalheiros e tantas canalhices e xerifes, encastelados no Poder pela força das armas ou pela força dos votos viciados, jamais perde a Esperança num Futuro melhor para os Explorados, Expropriados e Espoliados da Humanidade – Os Condenados da Terra.

Futuro pleno e repleto de Esperança, traduzido na Dignidade da educação, na eficiência da saúde, na garantia do pleno emprego, na solidez da moradia e, porque, afinal, ninguém é de ferro, no prazeroso do lazer. A Riqueza de seus Reinos a serviço de seus Súditos. Não representam, absolutamente, a perfeição, mesmo porque ela não existe. São os menos maus e menores males para a Humanidade.

Felizmente eles existem!

Gente que não perde jamais a Esperança e - fundamental – luta incessantemente por ela, trilhando a trilha Dialética, Verdade insofismável do Pensar-Agir/Teorizar-Praticar.

Soberana Dialética, no Soberano embate Histórico, buscando nas verdades inconclusas e nas contradições do existir a possibilidade do Progresso Político, Econômico e Social a serviço de seus Reinos e Súditos.

Brigando pela História dos que não têm voz – aqui e alhures. Brigando pela História da Maioria Avassaladora, massacrada permanentemente pela Minoria, insaciável e perversa.

Felizmente eles existem!

Trazem na essência da matéria e da alma a crença inabalável de que o embate Histórico é árduo, ferrenho e difícil. Creem que nada que resulte do progresso Humano é conseguido com o consentimento unânime e que eles, mais iluminados do que os outros, são condenados a perseguir esta Vida apesar dos outros.

Eles existem e fazem a História avançar. Eles existem e correm atrás do tempo. Um tempo de Justiça, de Paz, de Alegria.

Felizmente eles existem!

Concluindo a conclusão final e definitiva, inda que, quase contra tudo e quase contra todos, num embate contínuo, numa teimosia radical, numa atitude perene.

Gente qual caricatura, caricaturada num Dom Quixote, sem o fiel Sancho Pança, sem o leal Rocinante, sem a protetora armadura, sem a afiada lança e sem a cortante espada.

Gente que, por estas e por tantas outras... acredita na História e na certeza fazendo.

Gente da e na certeza de que a Opressão e Opressores, por mais armados e abastados bastardos, em verdade, em verdade, não ultrapassam a simples Realidade dos moinhos ultrapassados e fantasmagóricos descritos pelo gênio do Súdito Cervantes. Lutam a luta da Esperança inabalável contra uma Estrutura injusta, ultrapassada e ultrajante.

Felizmente eles existem!

Brigando a boa briga para a Honra e a Glória da Humanidade... Apesar deles... Dos Bush Hic!, The Robber da morte, dos Heil Sharon do horror, dos Tony Blair-Baca do pesadelo e de seus capachos da desgraça. Personagens singulares para um profundo estudo escatológico – um tratado acerca dos excrementos... Da Humanidade.

VIOLÊNCIA

**Incrível! Fantástico! Extraordinário!
O Capeta existe... Aqui na Terra!**

Mundus Horrendus afora, Mundus Horrendus adentro. É pancada pra lá, é pancada pra cá! Transformou-se em esporte.

A Torcida do Reino do Tony Blair-Baca tornou-se a grande campeã da nova modalidade. Talvez, por imposição de seu Imperador, craque para resolver seus desafetos internos e externos na base da porrada. Tal-qualmente o Imperador Bush Hic!, The Robber, do qual é comparsa e subserviente absorvente.

O novo esporte, anteriormente focalizado no campo doméstico – todos os Súditos-Leitores se lembram –, foi batizado Cacetência. Soma de Cacete mais Violência. Estas bem traçadas linhas, agora, extrapolam as fronteiras destas Fundangas Varonis para falar da Cacetência praticada por e em Reinos outros.

Tão banalizado o novo esporte que até o Doutor Roberto embarcou na onda de divulgá-lo, adquirindo os direitos autorais para fazer, dessa onda, uma nova Onda Global. Os principais astros do elenco da Poderosa estariam presentes para o novo espetáculo, em horário nobre. Participariam todos os Súditos Sarados e as Súditas Preparadas. A nova atração se chamaria Cacetência Esperança, sob os auspícios do Unicef. Telefones pra encaminhar doações estariam disponíveis 24 horas por dia. Doações para o tratamento dos esfolados; doações para as diárias dos moribundos; doações para o enterro dos defuntos. Doações de 10 dólares, ligue 0800-10. Doações de 20 dólares, ligue 0800-20. Doações de 50 dólares, ligue 0800-50.

Por estas e por tantas outras... O Imperador Bush Hic!, The Robber, seria convidado pra gravar três quadros do programa: "A Paz Celestial no Reino do Afeganistão", "O Massacre e Saque no Reino do Iraque" e "Oia que eu Bombardeio Ocês!". Fariam revezamento, como mestres de cerimônia, o Imperador Heil Sharon, o Súdito Beira-Mar e o Súdito Elias Maluco. Piedosas canalhices seriam oferendadas à alma do Imperador Hitler, emérito inquilino das Chamas Eternas do Andar de Baixo, visando o pleno sucesso do evento. Tudo gente e alma da Paz, pela Paz e para a Paz. Bem verdade que Paz na base dos cacete dos caraio!

Em sendo assim... A Cacetência seria definida como o jogo coletivo disputado nas arquibancadas, entre duas Torcidas, em que o número de atletas ficaria a critério de cada uma, sem marcação e medidas oficiais. O objetivo de cada Torcida seria o de espancar o mais possível os membros da facção adversária, das formas mais variadas e criativas.

As regras permitiriam o uso de garrafas, mastros de bandeiras, armas brancas, paus-de-fogo, estiletes e quaisquer outros objetos que possam tornar o espetáculo mais emocionante. Espetácu-

los da categoria e nível de “À Meia Noite Retalharei sua Carcaça”.

O tempo de duração seria variável. Dependeria do maior ou menor número de Carabineiros presentes no estádio. Eventualmente, os Carabineiros também poderiam marcar seus pontinhos, dando uma bordoadada aqui, outra bordoadada acolá.

Ganharia o jogo a Torcida que somasse maior número de pontos durante a contenda. Cada jogada bem sucedida receberia pontuação diferenciada: pancada sem lesão vale um ponto; hematoma, três pontos; cabeça rachada, 10 pontos; nariz fraturado, 15 pontos; fratura do braço ou da perna, 40 pontos; fratura exposta do braço ou da perna, 60 pontos; oponente em estado de coma profundo, 80 pontos; morte cerebral, 95 pontos; cada cadáver, 100 pontos.

É pancada pra lá, é pancada pra cá!

Por tudo escrito e por tudo pensado... De sobra, umas invasõeszinhas de Reinos, Condados e Burgos. Sempre com a participação humanitária da gorilada do Reino do Killer Sam. Paramentada a caráter ou não. Gente como agentes da *CIA* e *FBI*, especialistas juramentados em técnicas de massacre de última geração.

Quando a disputa ficasse muito acirrada, o Sumo Sacerdote João Baba Rama Nada II seria convocado para pregar uns discursinhos inócuos e chinfrins. E, óbvio, dar um puxão de orelhas nos Mais Fracos, Oprimidos e Explorados pela ousadia de não mais desejarem ser Fracos, Oprimidos e Explorados.

O ex-Imperador Reagan, mestre da violência, embora mais pra lá do que pra cá, prestes a receber o certo abraço de Satanás, vendo o resultado de suas obras com os olhos de Alzheimer, bem que poderia participar. Ex-Imperador celebrizado pela meia dúzia de cem porradas distribuídas aos quatro cantos dos Reinos do Mundus Horrendus.

Quanto ao Imperador Bush Hic!, *The Robber*, para se aperfeiçoar no novo esporte, iniciou um aprendizado com a *Ku Klux Klan*, mas logo desistiu. Eram capuzes e saias demais para o seu xerifismo.

Como sempre... Surgindo dos escombros do último bombardeio, aparece o Súdito Pepê dando seu pitaco:

– Seria bom convocar, logo de uma vez, o Súdito Hosama. A Cacetência dele, na verdade, já deixou de ser Cacetência. Transformou-se em cacetão priápico, enfiado goela abaixo do Reino do Killer Sam. Por mais e maiores vinganças que possam ser perpetradas contra Reinos, Povos e Religiões...

ENJOADA

**In-Felizmente, existem espécies em
extinção – parasitas ou não...**

Este Pária escutou!
Ele ouviu! Ele ouviu! Ele ouviu!
Este Suserano ouviu com estes ouvidos que a terra há de um
dia transformar em pó.
Este Súdito escutou!
Ele ouviu! Ele ouviu! Ele ouviu!
E a blandícia deste Pária estourou.
Estourou e pronto!
Explodiu, estalou, expluiu... Foi pro espaço!
Haja saco!
Como se não bastassem Imperadores, Condes, Alcaides, Bruxos,
Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados e tantos e tantos outros bam-
bambãs destas bandas, bundas e bumbuns bambas e bambos. Outra
mais para atazanar os filosofares deste Suserano Fundanguense.
Este Pária escutou!
Ele ouviu! Ele ouviu! Ele ouviu!
O Reino de Yakuza está perplexo!!!
A Imperatriz sentiu enjoo... A Imperatriz, a de lá, pode estar
grávida... A Imperatriz fará exames...
Puxa Vida! Puxa Morte!
E não é mesmo que o negócio é pro Reino inteiro ficar perplexo?
Ou estaria este Súdito completamente enganado?
Em sendo assim... As Imperatrizes não se casam? As Impera-
trizes não são mulheres? Os Imperadores não se casam? Os Im-
peradores não são homens? As Imperatrizes e os Imperadores
não dormem, libidamente, na mesma cama? As Imperatrizes e os
Imperadores, fêmeas e machos que são, não sabem fazer o fu-
que-fuque que até a Plebe Ignara sabe? Ou, por acaso... Impe-
ratrizes seriam vestais fiéis e eternas guardiãs de doces virgin-
dades imperiais?
Imperatrizes e Imperadores devem perpetuar a raça parasita, o
trono chupim e a corte godera. Raça, tronos e cortes em extinção,
é verdade, mas acobertando e acolhendo nádegas popozudas, pela
excelência de suas poposes e suas excelências. Apesar das famige-
radas bizarras, ostentações, pompas e circunstâncias cortesãs.
Com tudo isto e por tudo isto... Imperatriz é Imperatriz. Uma
Imperatriz não é uma mulher qualquer como uma Súdita Maria
qualquer no Reino destas Fundangas Varonis. As Imperatrizes, das
bandas de lá, são diferentes das Súditas Marias, das bandas de
cá. Elas, as Imperatrizes, claro, merecem viver e devem viver.
Diferentemente das Marias, claro, que não merecem viver e não
devem viver. Em sendo assim... A vida das Imperatrizes é mantida
graças à morte das Marias morridas Mundus Horrendus afora.

São as Imperatrizes de sóis nascentes e as Marias de sóis morrentes. Marias que merecem viver e amar. Subjugadas, entretanto, por malignas forças imperiais, liberais, globalizantes e explorantes.

A Imperatriz pode estar grávida... A Imperatriz, a de lá, pode dar um herdeiro para o trono secular de lá... O Imperador pode ganhar seu sucessor.

O Reino de Yakuza está perplexo!!! Este Suserano, também!!!

Com tudo isto e por tudo isto... O Reinado – do Imperador – é pequeno, muito pequeno mesmo, mas poderoso. Fofocam a irreverência das bocas miúdas e a das bocas malditas. Petinho... Petinho... Petinho... Assim, ó! Deste tamaninho! Verdadeira amostra grátis imperial, verdadeiro tira-gosto das terras de cipango. Tadinho do Imperador... Tadinho do petinho dele! Porém... Poderoso como ele só, já que tamanho nunca foi documento...

O Reino de Yakuza está perplexo!!! Este Suserano, também!!!

Com tudo isto e por tudo isto... A Coroa – da Imperatriz – é estranho acidente geográfico, completamente virado, na horizontal. Fofocam a irreverência das bocas viradas e a das bocas malditas. Viradinha... Viradinha... Viradinha... Assim, ó! Desta viradinha! Verdadeira charada cabeluda imperial, verdadeiro enigma nipônico. Tadinha da Imperatriz... Tadinha da viradinha dela! Porém... Acolhedora como ela só, já que posição nunca foi documento...

Normal, pois, estar perplexo o Reino de Yakuza diante do noticiado enjoo e dos não-anunciados, mas sabidos, fenômenos biológicos e teratologias anatômicas ali existentes.

De qualquer modo... Em festa de jacu, inhambu não entra! Em enjoo de Imperatrizes, Súditas Marias não entram! Eles que são tinhosos, eles que se entendam. Em festa de viradinha, inhambu não entra, mas petinho, sim!

Festanção protegida pelas chamadas Quatro Nobres Verdades de Buda e que eles atinjam as bem-aventuranças do Nirvana – o Imperador, o trono do Imperador, o tesão do Imperador, a libido da Imperatriz... E, óbvio, o enjoo da Imperatriz.

Sayonará! Arigatô, non?

ZÊÊÊRÔ!!!

**O Mundus Horrendus é uma Bola chutada
por muito maluco que anda pelaí.
Pode estourar a qualquer momento.**

Ah! Eu tô maluco! Ah! Eu tô maluco! Ah! Eu tô maluco!

Os Súditos amantes das Cinco Estrelas, cintilando no azul eterno e infinito, tão que tão! Tão maluquêrrimos!

Dane-se o Sistema Político, Econômico e Social! Ele, que é ele, tá doidão, por que nós outros, simples, reles e ignaros Párias do Reino destas Fundangas Varonis, destas Roças Gerais e destas Sapitucas Viçosas, não haveríamos de estar? Expurguem-se a Globalização, o Neoliberalismo e outros malditos eufemismos arquitetados para camuflar o Sistema responsável pela miséria e infelicidade, tormentos maiores da Maioria Des-Possuída da Galera - Os Cocada Preta. Ninguém é de ferro e nem só de pão, ou da falta dele, vive cada Suserano. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Este Súdito Torcedor também não é de ferro, não vive só de pão, ou da dificuldade desgraçada em consegui-lo. Pouco importa, se importa... Cruzeiro, sim senhor! Palestra Itália, sim senhora! Diretamente de Belzonte... Para o Mundo... Pelo Mundo... Do Mundo...

Os desportos devem ser adorados. Amado deve ser o Futebol. Inda que com todos os santos e todos os pecados seus. Inda que com todos os perdões e todos os pecados seus. Do céu ao inferno, do inferno ao céu, com ou sem passagem de retorno. Apesar dos Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados...

Zêêêrô!!! Zêêêrô!!! Zêêêrô!!!

"Existe um grande Clube na cidade"...

Em sendo assim... De um Belzonte para uns quatro cantos e tantos outros costados, pros cinco continentes e babados, há mais de oitent'anos. Louros conquistando, aquarelados de azul e branco, pintados de amarelo.

"Que mora dentro do meu coração"...

Pois que, em verdade, em verdade... A verdade seja dita... In-chando sempre invejável galeria de títulos e honrarias. A maior das coleções, dentre as maiores coleções de títulos e honrarias, neste penta verde-amarelo Futebol. Penta verde-amarelo Futebol que conhece, agora, "o orgulho de carregar Cinco Estrelas no peito".

"Eu vivo cheio de vaidade"...

Com tudo isto e por tudo isto... Uma chusma de títulos internacionais oficiais... Um enxame de canecos internacionais extraoficiais... Uma batelada de taças nacionais... Um bocado de copas regionais... Uma montoeira de campeonatos mineiros... Um mundão de torneios estaduais. Perdida a conta? Talvez sim... Uma

penca de vice-campeonatos internacionais, nacionais e estaduais. Pode algum título faltar. Inclusive os das categorias de base... Mais, muito mais mesmo, de meia centena deles...

"Pois na realidade é um grande campeão"...

Por estas e por tantas outras... Últimos anos, mais de duas dezenas de títulos, verdade estatística - O Campeão da Década - coroado pela imprensa, algumas temporadas, como O Melhor do Ano. É mole, Galera querida da minha terra querida?

"Nos gramados de Minas Gerais"...

(Ou seria nos gramados do mundo inteiro?)

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Cruzeiro, então Palestra Itália, pisando na grama, pela vez primeira, nos três de abril de 1921, jogando mais, muito mais de quatro mil jogos, enfrentando mais de quatrocentos clubes, vinte seleções estrangeiras, nove combinados, trinta e quatro seleções municipais, seis seleções estaduais...

Temos páginas heróicas, imortais"...

E tudo, por tudo... tantas páginas lidas e tantas mais a serem escritas pelos títulos conquistados... Tais e quais e tais e outras e tais e tantas...

"Cruzeiro, Cruzeiro querido"...

E, assim, por assim dizer... Pela história vivida, pelos títulos conquistados, pelos craques revelados, pelos ídolos consagrados, pelo patrimônio amealhado, pela administração avançada, conhecido, reconhecido e enaltecido dentre os maiores do mundo.

"Tão combatido, jamais vencido."

Por tudo escrito e por tudo pensado... A maior Galera das Gerais Minas, daqui e de acolá, de lá e de cá, a Raposa é o que é, por tudo que a bola rola e por tudo que inda vai rolar! Galera azul e branca, pintada de amarelo, colorizada por Cinco Estrelas, de uma Torcida Cinco Estrelas. Torcida que deita e rola - Geraldinos, Arquibaldos, Cadeirinos - toda ela, indistintamente, com um montão de bolão - cheio - pra estar maluca, doidona e piradona.

Ah! Eu tô maluco! Ah! Eu tô maluco! Ah! Eu tô maluco!
O Mundus Horrendus tá maluco!

Depois de...

O Hino do Cruzeiro Esporte Clube, do qual se usou a letra, é de autoria do maestro Jadir Ambrósio.

BRINDEMOS

O Poder excessivo conduz a tramposos paroxismos – estertores, vascas e agonias de moribundo.

Este textículo nasce ouvindo os sons e ruídos fúnebres oriundos dos estertores d'outro ano que se vai. Tantos e tantos outros somados, uns aos outros, para a História nascer. Primeiro d'outro século, de tantos e tantos outros somados, uns aos outros, para a História vencer. Um ano que jamais vai acabar...

Destas Sapitucas Viçosas, um brinde à Verdade, nesta Passagem deste Velho para aquele Novo.

Este Burgo comemora e brinda, mas este Burgo chora e geme. Em sendo assim... Nossa Gleba, como não poderia deixar de ser, nasceu fruto legítimo da Ordem Mundial Vigente. A canção, semitonada alhures, machuca os ouvidos daqui. O tiro, atirado no Súdito Irmão de lá, atinge o Súdito Irmão de cá. As bombas e mísseis que lá espoucam, confundem-se com o espoucar dos champanhês e fogos de artifício nesta Passagem.

Um brinde à Verdade, na Passagem do ano que jamais vai acabar! Outro brinde saudando a chegada d'outro ano! Inda outro brinde para a renovação das esperanças nos destinos supremos do Homem e do Mundo, fundidos numa Realidade única.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... O salão de festas encontra-se armado e ornamentado para receber os Súditos inda capazes de entrar no cenário das comemorações. De fato e de direito, somente para aqueles que jamais transigiram com princípios essenciais e inerentes ao Ser Humano. Cada qual destes personagens, em tal e qual brinde, busca uma razão para comemorar, para desejar boas entradas, para mergulhar em novos tempos, para fugir do rondante apocalipse da Humanidade.

O inexorável pêndulo da História transformou este ano num divisor de águas: 2001 – o ano que jamais vai acabar. Será?!

No partejar da História e de novos tempos, nasceu a Síntese Dialética obscura, escondida pelo Manto Ideológico, perverso e hipócrita, destes tempos cretinos de Liberalismo e Globalização cretinos. Comandados por truculentos e empedernidos Facínoras Oficiais e seus Asseclas. Do Reino Metrópole e, ou dos Reinos Colônias. É a Síntese contraditória, no fazer Histórico, se fazendo nova Tese. A Transformação da Síntese em nova Tese, uma Nova Verdade, trazendo em seu bojo uma era de Esperança, de Fraternidade, de Dignidade. Distante, longinquamente distante do terrorismo de Estado, mais terrível, pois legalizado. Camuflado ou exposto. Pouco importa, se importa...

Um brinde à Verdade, nesta Passagem!

O Mundus Horrendus é outro. Felizmente o é. Não há como negar. O Reino do Killer Sam está nu. Até seus mais ferrenhos corifeus e defensores nada mais têm a defender e por que defender. Aos ventos

com sofismas, introjetados nos Homens de Espírito Fraco e de Consciência Mítica, Coisificados pela Alienação deles de cada dia.

O Reino mata e manda matar. O Reino invade e manda invadir. O Império produz assassinos que, mais tarde, se voltam contra o Sonho Ideológico, nada mais que Ideológico e Sonho – o *Way of Life*. A democracia, na Infernália do Norte, acima do Rio Grande, não é tão democracia quanto a truculência deseja que o Mundus Horrendus acredite. Diferença existe entre o Imperador Hitler e o Imperador Bush Hic!, The Robber? Simples linha difusa onde o primeiro perdeu e o segundo – ainda – está ganhando.

Os grandes impérios da antiguidade, tal-qualmente, os grandes impérios da modernidade, por dominadores, atingiram o apogeu que jamais passou de simples e mórbido paroxismo.

Em sendo assim... A mesa do fim de festa, no Reino do Killer Sam, há tempos foi posta pela Grande Marcha da História. E assim, por assim dizer... Não há como ignorar o indecifrável bodum amarelo-opaco das flores desamparadas, entre copos de cerveja pela metade, marcados de espuma seca e restos de batom. Tocos de cigarros retorcidos entre palitos quebrados e pontas roídas de quibes abandonados... Tudo compondo o cenário indormido de uma mesa em desalinho, salpicada de migalhas de massa de empadas empapadas de azedo azougue... O espaldar da cadeira, antes garnecido de fofuras e cores alegres, sustenta o ressonar pesado do solitário conviva derradeiro, enquanto a orquestra aguarda prosaica kombi para embarcar os silenciados instrumentos. Não há mais garçom e o bebedouro só tem água choca. O banheiro rescende a rodoviária, um mundo de papéis enlameados. Lá fora, sonolenta bruma seca traz consigo os pardais, com sua cantarola aturdente, ferroando a cabeça doída, moída e doída de cansaço, já pensando em esmigalhante e aterradora ressaca... A mesa do fim-de-festa, no Reino do Killer Sam está posta... O Imperador, do Império que faz deste Mundo um Mundus Horrendus, Bush Hic! Hic! Hic!, The Robber, atingiu o Começo do Fim...

Um brinde à Verdade, nesta Passagem!

Com tudo isto e por tudo isto... Neste derradeiro levantar de taça, levantando a sua, o Cientista Político do Reino da Noruega que é Reino mesmo, Súdito Johan Galtung, assevera que o Reino do Killer Sam fez 229 intervenções sem mandato da ONU (...) com a ação da CIA, sete milhões de homens, mulheres e crianças perderam a Vida, apenas entre 1949 e 1987. E, de lá para cá, quantos mais, hein?

Que venha o Nov'Ano, pleno da Verdade Histórica, no desenrolar infinito de Teses, Antíteses e Sínteses. A Humanidade agradece.

Nesta Passagem, estas Fundangas Varonis, estas Roças Gerais, estas Sapitucas Viçosas e os Reinos do Mundus Horrendus brindam, penhoradamente, a Verdade!

Tim!!! Tim!!!

Paz!!!

**ANGU COM CAVIAR
E CHANTILLY**

AS CACHORRA PREPARADA



CARNINFERNO

Pensando bem, o Carnaval era permanente já que, constante e sistematicamente, aportavam por lá espécies carimbadas, seladas e marcadas como hóspedes de honra.

A capetada tava ouriçada. Satanás, completamente impaciente, via do pescoço tal-qualmente um talo de taioba, gastava todo seu estoque de manhas, artimanhas e outras anhas e anhanhas para colocar ordem na Infernália, a Infernália mesmo.

Reino complicado aquele, extremamente difícil de ser administrado, habitado por Súditos pra ninguém botar qualidade. Semelhante à Maioria da Galera do Mundo destes Mundi Horrendi do Reino destas Fundangas Varonis, do Condado destas Roças Gerais e do Burgo destas Sapitucas Viçosas.

A capetada estava ouriçada. E como estava! Viajava... Fungava... Lacrimejava... Fumava... Cheirava. Até o velho, saudoso e inocente lança-perfume rolava de lenço em lenço com destino certo pras narinas capetinas. E a capetada pulava... E saltitava... E gritava... E urrava. Chifres faiscavam pra cima e pra baixo – que chifrões! Rabos remexiam de um lado pra outro – que rabões! Tudo nos tchans doidões!

Por estas e por tantas outras... Satanás buscava, sistematicamente, nas suas fétidas entranhas, energia e talento para administrar o Pedaco. Afinal, do alto de suas satanices, Satanás, cotidianamente, vivia situações semelhantes. Não era a primeira e jamais seria a última. O fato era corriqueiro.

Administrar o Inferno *is not* mole, irmão! Pior que administrar Reinos, Condados, Burgos e até Academias, *brother!*

E o Coisa Ruim, verrumando os miolos, sacou que o culpado do agito não era nada mais nada menos que a proximidade d'outro Carnaval, quentérrimo como exigiam os termômetros do Inferno.

Capeta também se enfurna nos afagos de Baco e nos aconchegos de Vênus pra sentir aflição, gemer, fungar e virar os olhos. Afinal de contas e des-contos, até Capeta gosta disto!

E, no fundo, no fundo mesmo... Satanás era um cara competente. Saber administrado, com todo esmero e capricho, o ouriço e, ao mesmo tempo, conciliar este com o bem de todos e a felicidade geral da capetina Galera.

Os preparativos vinham, pois, sendo ultimados, depois que recente notícia chegara da Terra. Figura que cortara, costurara, bordara, tricotara e crocheteava no velho e carcomido Reino de Fundanga em breve chegaria, de mala e cuia, pra sua estada eterna. Verdadeira picanha maturada, bem mal-passada e no tempero. Prato fantástico para o sádico apetite dos inferninhos sanguinolentos. Por estas e por outras... O alerta, a complacência e a tolerância da Chefia das Trevas e das Chamas Eternas – Inferno, codinome Andar de Baixo.

De mais a mais, nesta infernal onda de Globalização e de Neoliberalismo, Satanás tornara mais fácil a tarefa, pois conseguira modernizar todo o Inferno. Graças a um empréstimozinho, generosamente concedido pelos banqueiros do Fundo da Miséria Internacional (FMI), a modestos juros de 0,0% ao ano. Uma pechincha de Demônios pra Demônio.

Os tridentes convencionais foram substituídos pelos tridentes de microondas importados do Reino da Coreia; os espetos de ferro, pelos espetos de estrôncio 90 originados do Reino da Tailândia; os maçaricos de carbureto, pelos maçaricos a laser vindos do Reino de Taiwan. As fogueiras, por razões ecológicas, passaram a ser alimentadas por metanos e butanos comprados do Reino das Filipinas. Modernidade total. Chuços, chicotes, paus-de-arara, cadeiras de prego, estica-corpos, garrotes, escovas de aço e o diabo-a-quatro.

Tudo, claro, comandado pelos computadores de última geração, conectados, evidentemente, à internet. Doação de emérito Cramunhão terráqueo, de nome Gates, fazendo média, pois, óbvio, ele, o Súdito Billy, iria precisar um dia da complacência do colega Coisa Ruim. Tal-qualmente os banqueiros do FMI.

Inferno Globalizado. Tudo nos trinques. Carnaval às portas. Capetada ouriçada. Prenúncio dos primeiros acordes. O toque inicial ansiosamente aguardado. Bumbos, surdos, caixas, tambores, reco-recos, agogôs, repiniques. Fantasias, samba-enredo, mestre-sala, porta-bandeira, ala das baianas, carros alegóricos. Comes-e-bebes pra encher o bucho de todos. Espumantes de todas as marcas – a que desce redondo, a nota 10, a número 1, a que refresca até pensamento e outras tantas, do jeito que o diabo gosta.

Todos ansiosos, a caráter, aquecidos e turbinados, aguardavam o momento dos momentos – a suprema causa do ouriço geral da capetada e do Inferno seria saciada. O camarote de destaque reservado para o novo habitante do Pedago.

Chegara, finalmente, a hora do demônio terráqueo – o guru da perversidade Capitalista – Doutor Roberto, o Bamba dos Bambas, d’Os Donos da Cocada Preta.

Ó abre alas, qu’ele tá chegando... Ó abre alas, qu’ele já chegou...

Esbalde-se, capetada varonil de encantos mil... Desourice. Ele é todinho seu... Modernidade n’ele e pr’ele... carnavalize-o, canibalizando-o... Machucando e sem machucar... Plim! Plim! Nele!!!

HYPOKRISÍA

**Mergulhados na defesa de interesses nada edificantes,
os Timoneiros do Poder, encenando peças bufas,
perderam completamente a noção da Realidade.**

Apagam-se as luzes! Abrem-se as cortinas!

Nobres e Párias do Reino!

O espetáculo vai começar!

Pensem, porém, um tanto quanto, antes de atirarem ovos podres no palco! Pensem, raciocinem, investiguem. Não tirem conclusões apressadas! O espetáculo não está a defender o crime!

Nobres e Párias do Reino!

O espetáculo vai começar!

Imaginem, Nobres e Párias, a hipocrisia, este substantivo feminino nascido no linguajar do Reino de Athena. Significa afetação duma virtude, dum sentimento louvável que não se tem. Pode ser, também, uma falsa devoção. Sinônimo de impostura, fingimento, simulação, falsidade.

Sim, Nobres e Párias do Reino!

Hipocrisia é o mesmo que impostura, fingimento, simulação e falsidade. Somente, e tão somente, tal vocábulo explica o que tem explicado esta Elite – Os Donos da Cocada Preta – Comandante da Vida e da Morte da Massa – Os Cocada Preta – bem-aventurada, porém Fraca de Espírito.

O espetáculo vai começar!

Reino de Fundanga Varonil, divirta-se!

Ato n.º 1

Condado do Se Segura, Malandro!, governado pela Condessa Dona Garotinha. O Tim é o Tim. Súdito da Classe Operária, colega do Pepê, Assalariado Pleno, repórter investigativo, trabalhava no anonimato. Dedo-duro da informação e das atividades do banditismo para gozos e orgasmos hipócritas das cloacas do Reino. Salário miserável, Servo do Doutor Roberto, o Poderoso membro da Burguesia Capitalista.

Em sendo assim... Corajoso, invadia as bocas quentes dos morros da vida, onde residem, transitam e atuam os bambas da marginalidade, levada às últimas instâncias. Gente da pesada, como pesada tem sido a Vida desta Gente da pesada. Gente que aprendeu de tudo, na escola da falta do tudo. Gente vítima da perversidade de uma Sociedade que, hipocritamente, dela roubou, traficou, prostituiu e sequestrou. Gente capaz de tudo, por tudo e para tudo.

Neste ambiente, no meio desta Gente da pesada, o Súdito Tim ganhava o pão em migalhas. Microcâmera e microfone escondi-

dos, sem credencial, documento e convite. E, assim, por assim dizer... Estranho no ninho, reportava a podridão Humana para o Fantástico, a fantástica vida da gente fantástica, do Mundo do crime não oficializado. Não o crime do colarinho branco, mas o crime da camiseta de malha, sandália e bermudão. Prato cheio para a audiência fantástica da Vênus Platinada.

Ato n.º 2

Queriam o quê? O que mesmo? Que os marginais convidassem o Tim para uns trejeitos fanqueiros? Para uma cervejinha gelada? Para uma branca fungada? Para uma transada com a mais Preparada das Cachorra Preparada? Ou que respeitassem a Liberdade de Imprensa?

Hipócritas!!!

O trágico assassinato do Súdito Jornalista, inaceitável sob todos os aspectos, coloca em debate a busca desenfreada pelo furo, pelos índices de audiência; deixa nua a pretensa Liberdade de Imprensa. Que não se livre a cara dos patrões do Súdito Tim. Sua morte deve ser lamentada, condenada, chorada e repercutida, para denunciar o Poder Paralelo do banditismo e o fracasso do Sistema. Qual o maior responsável pela tragédia? A fome de audiência? A invasão do território sem lei? Ou a impostura, o fingimento, a simulação e a falsidade? – a perversa hipocrisia d’Os Donos da Cocada Preta.

Ato n. 3

A tragédia mambembe e grotesca deixa o palco Fundanguense... A *Hypokrisía* cobra Ética de bandido... A *Hypokrisía* clama pela Liberdade de Imprensa...

Que Os Cocada Preta não se indignem, pois, apenas e tão somente, com a morte do Cocada Preta Tim. Que sua indignação atinja também a morte de milhares de Súditos Tim, mortos sem as luzes, cores e plasticidades fantásticas. Párias Tim, mortos, a torto e a direito, pela bandidada assumida ou não, marginal ou oficial. Mortes diretas ou indiretas, ocasionadas pela miséria, pela hipocrisia e pela corrupção.

Cai o pano, fecham-se as cortinas! Acendem-se as luzes!

BOBIÇAS

**Eta ferro!
Puxa Vida! Puxa Morte!
Tá danado! Tá estragado!
Tá arruinado! Tá condenado!**

Segundo o filosofar de um Súdito de apenas nove anos, o projeto da Humanidade está falido. Exagero da precocidade infantil? Certamente, não. Essa assertiva deve ser pensada, repensada, tripensada, xispensada...

Em sendo assim... Por mais que se queira acreditar na possibilidade de melhores dias, o quadro mostra-se desolador. Bem verdade, a História será, na fritada dos ovos, o grande magistrado. O nascer da Justiça perene fará a Humanidade, enfim, deixar seu estado pré-falimentar. No momento, por mais que se queira lutar, os Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados tornam-se sempre mais robustos, usando de ardis, manobras e artimanhas. Imperadores, Sumo-Sacerdotes, Legiões Armadas, ditas Otoridades civis, eclesiásticas e militares têm colaborado, e como, para impedir o avanço da História. Principalmente, o avançar da grande massa – Os Cocada Preta.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Lutar é preciso. O projeto da Humanidade está falido, momentaneamente, por uns poucos tempos. O Caminhar da História é inexorável e atropela todos aqueles que o queiram impedir.

Cuidado é preciso, pois o bombardeio de iniquidades, imbecilidades e inúmeras outras maldades contra a Humanidade atingem o dia a dia de cada qual, ferindo a Consciência dos simples e abilolados Súditos. Denunciar, pois, é preciso, preciso é, pois, expor sempre as caramutanjes paridas de cada dia:

A Princesinha Sasha, filha da Rainha dos Idiotinhas, está se sentindo muito só. Muito só e exigiu da Soberana Mamãe um baixinho irmãozinho. Segundo fofocas publicadas pelas letras miúdas e graúdas da Imprensa de Tostão, o Súdito Zha-Firme, lindo, tesão, bonito e gostoso – o garanhão – foi convocado e estava, tresantonte, jantando, não a, mas com a Rainha, em elegante Casa de Pasto lá pras bandas do Puta Condado, Ô Meu! Gravidez é gravidez... Comida... à parte!

Não há de ser nada. A Turbinada Carla está grávida e, desgraça da loura, encontra-se com a pele manchada – consequentemente, sem tcham pra rebolar. Tal fato é gravíssimo para o Reino, considerando que o glorioso e talentoso bumbum ficará no estaleiro por nove meses e numa mesa de obstetrícia por uma hora, suando, gemendo e urrando pra expelir o Tchanzinho.

Preocupante outro fato muito grave para o Reino – a cueca do Sarado do Thiago Lacerda continua desaparecida e o Gugu, como suspeito número um, não compareceu ao Tribunal da Ouvidoria

para prestar esclarecimentos sobre sua participação ou não no sumiço da preciosa peça.

Ainda ele, o Gugu. Louvado sejam os deuses! Que os Querubins e os Serafins façam soar suas trombetas anunciando a boa nova – ele será, breve, o papai mais fresco do Pedaco. Papai do robusto João Augusto, novo habitante do Valhala. Amém?! Aleluia?!

A Virgem Socorrinho transformou-se em Quenga, ampliando assim o faturamento da Cafetina Rosa Palmeirão e endurecendo a Felicidade dos Machos do Burgo de Porto dos Milagres. Ó Escriba Jorge! Como violentaram seu Amado romance! Em sendo assim... Segundo declaração da mais nova Frega daquele Burgo, “Eu não consigo controlar meu fogo”. Tá bom, tá bom, tá bom, Socorrinho... Quem sabe, a gente até damos um chego aí pra se tostar nas suas chamas... Se a tanto Baco e Vênus permitirem... E algum Viagra funcionar...

Por estas e por tantas outras... Quando de suas mortes, o enterro dos Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados, responsáveis pelos riscos corridos pelo projeto da Humanidade e responsáveis por bobices, bobearias e bobagens será, certamente, um cortejo inusitado:

Uma jamanta conduzirá o banditismo e, ou a mediocridade do morto; haverá necessidade de um caminhão-baú – dos médios – para levar as falcatruas e as sacanagens do meliante; um ataúde, evidentemente, para carregar o presunto maquiavelento e nojento. O cortejo será invadido por uma horda feliz, conversadora, alegre e satisfeita. Lógica consequência em razão da quantidade imensa de inimigos, desafetos e vítimas, acumuladas durante sua perniciosa e parasitária passagem pelo Mundus Horrendus. Todos eles com a inabalável certeza de que o canalha já recebeu o caricioso abraço de Satanás, agora, implora penico ao Senhor Supremo do Andar de Baixo. Um enterro coalhado de pessoas, sem dúvida, testemunhas oculares e juramentadas de que o pilantra recebeu os devidos sete palmos, peito afora e terra adentro.

O velório, como não poderia deixar de ser, com direito a luzes, câmara e ação será na Casa dos Artistas ou na do *Big Brother Brazil*, dependendo da disputa ferrenha entre o Risonho Sílvia e o Empedernido Marinho.

A funerária teve, evidente, o cuidado de colocar o corpo de barriga pra baixo e bunda pra cima. Precavendo-se da possibilidade de que o meliante tivesse corrompido a morte e tentasse cavar sua saída da tumba.

CATARSE

**Batido, porém relevante, saliente e proeminente:
uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.**

Esta escrevedura seria purificação, purgação, limpeza da psique de um reles Fundanguense? Uma catarse. Catarse que, para a Psicologia, é o efeito salutar provocado pela Conscientização de uma lembrança fortemente emocional e, ou traumatizante, até então reprimida. Que sejam, pois, estas bem traçadas linhas a Conscientização de algo reprimido, o perdão para o Súdito extravasar sua História pessoal.

Vá alguém procurar entender esta Sociedade do Reino destas Fundangas Varonis. Desvairada como ela só. Hipócrita só como ela.

O Súdito dá o melhor, permitido pela sua competência, durante trint'anos, primeiro Rábula Pedagogo a ministrar uma aula na exuberante Academia, aposenta-se e está, há doz'anos, na condição de Vagabundo, segundo classificação de um proeminente Filho da *Mater et Magistra* do Reino.

Quarenta e dois'anos! No ensino, na pesquisa, na extensão, na administração. Montão de aulas. Pequena meia dúzia de pesquisas. Cacetada de palestras, congressos, assessorias e tais e quais. Participação na criação e implantação de dois ou três cursos, membro de um punhado de comissões, uns vinte dedos de Ouvidorias e Despachadorias. Nada, absolutamente nada, de pompas e circunstâncias, de caráter pecuniário, material ou social. Trabalho duro, sem mordomias, sinecuras e veniagas. Sempre distante do cheiro e do sabor da Corte, Cortesãos e Cortesãs.

Conduzindo a tudo e a todos da Academia acima das mazelas, baratos, transas e babados de grupos, grupinhos ou grupelhos. A Sagrada Luta pela Sagrada Essência da Academia, na busca permanente de Novos Futuros.

O Súdito aturou e foi aturado por nove Rei-Thor/es. Nunca, jamais, em momento algum, foi Homem de Confiança de algum deles; o Súdito sempre foi Homem de Desconfiança de todos – glorioso título. Reconhecido pelos pares e ímpares, sistematicamente, integrava listas visando à escolha de Valetes e Símbolos. Em razão de o Súdito ser Homem de Desconfiança da Academia, jamais foi escolhido pelo Rei-Thor de Plantão para integrar o Vahlala, o cobigado Paraíso dos Guerreiros. Guerreiros, às vezes, não tão Guerreiros... Reles Guerreiros de mentirinha... Conseguiu unir contra si opositores sanguinolentos, reciprocamente jurados de morte, durante a escolha do Súdito-Mor da Associação representativa dos Vassalos da Academia, a tradicional Associação do Povo Unido da Vassalagem (ASPUV).

Pouco importa, se importa... Certa feita, o Súdito participou, sim, do Alto Conselho dos Anciãos. Claro, lógico e evidente, eleito como representante dos Vassalos, enfiado que foi goela abaixo da Academia, do

Rei-Thor, de seus Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados.

Durante certo Reinado, de certo Rei-Thor, seu nome era sistematicamente incluído em famigerada, ridícula e ilegal lista de demítiveis da Academia. Seu nome constava da primeira lista, com vinte e sete outros ditos subversivos; da segunda, com dezesseis; da terceira, com oito, e da quarta, com o nome de três renegados. Na fritada dos ovos, o Rei-Thor acabou sendo defenestrado da Academia e o Súdito continuou na sua... Caminhando e cantando... Como cantou o Súdito Trovador Vandrê.

Iconoclasta de Pilastras? Destruidor do Espírito Academo? Radical de Esquerda? Reles Criador de Caso?

E, assim, por assim dizer... No fundo, no fundo mesmo, o Súdito sempre teve uma dificuldade muito grande para acreditar nas coisas, simplesmente, por existirem. Ao contrário, sempre acreditou que as coisas podem ser modificadas, aperfeiçoadas e ampliadas. Nada está pronto e acabado. A Realidade Homem-Mundo pode e deve ser modificada tendo como paradigma a Perfeição – que, evidentemente, jamais será encontrada. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Execrando individualismos e particularidades. Carregando como princípio fundamental a máxima de que o Individual se realiza no Coletivo e, Dialeticamente, o Coletivo, no Individual. Este sim, o imperdoável crime cometido pelo Súdito. Posição oposta ao Positivismo perverso, macilento e puído, pérola que tem sustentado as Verdades d’Os Donos da Cocada Preta, de tantos e quantos males feitos à Humanidade – sem Ordem e sem Progresso.

Vá alguém procurar entender Academias, Reinos, Bumbum de Neném e a Boca do Pelé...

... E não é que o Súdito, depois de uma Vida como Homem de Desconfiança da Academia e do Reino, dela aposentado, recebeu, através de seu Jornal, codinome Muzungu, uma homenagem da Academia? Uma placa por serviços prestados! Ironia da Vida... Cômica, não fosse patética. O Súdito, nunca dantes homenageado como Educador, que sempre procurou ser, o foi, agora, como Jornalista, sem o ser. Se bem que... Pensando bem... Até as pulgas de gato e cachorro receberam a dita cuja. Homenagem Espontânea singrando as águas maquiavelentas do nos engana que nós gostamos...

Coisas do Reino destas Fundangas Varonis, desvairado e hipócrita como ele só. Coisas de uma Academia, doce escola situada nos jardins consagrados ao herói do Reino de Athena.

JUMENTINO

**Além das mágicas às avessas,
ingênuos aprendizes de feiticeiros,
por obtusos, confusos e míopes,
se transformam em Pelegos de Esquerda.**

Há longos anos, na celebração do primeiro sacramento, lá estava o novo Súdito do Reino de Fundanga – o bebê Jumentino – água benta moleira abaixo, óleo de oliva moleira acima, cloreto de sódio beijos adentro. Linho imaculado pra limpar e enxugar. Batizado, registrado e juramentado. Adolescência afora, Jumentino bem que tentava deixar de ser o tanto que o era.

Justiça porém se lhe faça: o obstinado dos obstinados, espécie refinada do cara teimoso. Teimoso feito asno. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Engana-se quem pensava ser Jumentino um asno comum. O cara era irreduzível como aqueles asnos tipo asno do rabo ruço. Os mais teimosos dos muare nascidos do cruzamento de cavalo e jumenta. Nada o fazia mudar de ideia. Determinado em seus princípios. Intransigente com suas Verdades. Imutável nos seus propósitos. Até aí, tudo bem, bem, bem... Assim devem ser as pessoas – personalidade forte. Assim era o Jumentino.

Pena que irremediavelmente equivocado nas suas certezas. Ainda acreditava em Papai Noel, Duendes, Gnomos, Fadas e outros bichos que tais. Para ele tudo se resumia numa única Verdade: organizar o Povo. Organizar o Povo e... *SHAZAN!!!*

A partir de seu trabalho férreo, a partir de sua Verdade imutável, mas equivocada, Jumentino não mais viveria numa Sociedade injusta, impura e infernal. O Reino a ser construído por Jumentino, seus pares e ímpares seria puro como o perfume das rosas e doce como o sono das crianças.

Jumentino, em suas pregações quixotescas, vociferava a frase de ordem. Nada original e, embarcando num plagiozinho em cima do Tio Marx, tascava pra todo lado:

– Povo organizado, jamais será vencido!

E, para reforçar, completava com aquele algo mais:

– Organizados do Mundus Horrendus, uni-vos!

Pobre Jumentino! Seu equívoco, dos companheiros e camaradas, impedia a percepção do exato local do buraco. Não enxergavam que o dito era bem mais embaixo.

Fundar Associação de Classe ou Classista nos Burgos, Condados e Reino – ou tomá-las de assalto – pouco importa, se importa... Não resolveram absolutamente coisa alguma. Não organizaram ninguém. Em verdade, em verdade, do modo que agiram, muitos de cada Categoria foram sendo defenestrados e outros tantos se escafederam.

Mágica às avessas. Tiraram a cartola de dentro do coelho. O

tiro saiu pela culatra. Como diria um Súdito do Reino da Gália, o cara não passava *d'un homme très bête*. E, a cada nova Associação que se criava ou que era invadida, os ditos organizados ou em fase de, mais e mais se afastavam. As coisas foram se agravando na Vida de cada qual d'Os Cocada Preta e se Des-Agravando na Vida de cada qual d'Os Donos da Cocada Preta. Uma dita Esquerda que uma dita Direita adora de montão... Ou seria uma UDN, de triste memória, de macacão.

As Associações e Sindicatos se esvaziaram, perdendo força de mobilização. O trabalhador já não mais portava as armas necessárias para a luta. Associações e Sindicatos transformados criminosamente em braços de Partido Político, de fio a pavio, de estrela a foice e martelo no Reino destas Fundangas Varonis.

Jumentino jumentou, na sua ignorância, princípios fundamentais que regem a Ciência Política e as Práticas Políticas:

- * Nada começa do nada. E a luta do Jumentino possui Raízes Profundas... E ele ignorou isto!

- * As lutas, fundamentadas na História, possuem regras Históricas e Científicas... E ele ignorou isto!

- * As lutas são conduzidas por Comandantes, forjados no Fazer Histórico, de onde emerge seu Líder Supremo... E ele ignorou isto!

E, assim, por assim dizer... Jumentino deu com os asnos n'água, contribuindo para o Retrocesso Político, Econômico e Social no Reino.

O Povo, mesmo Massacrado, em sua Consciência e nos seus direitos, violado no seu Pensar-Fazer, no fundo, no fundo mesmo, é sábio. Por mais paradoxal que possa parecer a jogada foi sacada. Avanços Políticos não se resumem em simples Troca de Poder. Avanço Político não admite o uso de Instituições Classistas para fins alheios a elas.

Regra geral para estas Sapitucas Viçosas, para estas Roças Gerais e para estas Fundangas Varonis. As Instituições Classistas pertencem a Súditos de Ideologias múltiplas e como tal devem ser tratadas.

Jumentino deveria ter os pés no chão e organizar a cuca. Ouvir os que vieram antes e de muito longe. Afinal, o negócio não era desideologizar. O negócio era desasnar.

E, se Jumentino se angustiar com estas Verdades, por favor, Jumentino, não se desespere, não se angustie. Afinal, somente as bestas não sentem angústia.

CONTUBÉRNIO

Sistema exaurido, capaz de usar técnicas nazi-fascistas, buscando perpetuar privilégios, vantagens e imunidades.

Pouco utilizado. Substantivo masculino. Nasceu latino de *contubernium* e pode significar vida em comum, familiaridade ou convivência, camaradagem ou tenda de campanha. Ou, ainda, aquilo que se vê nas campanhas eleitorais no Reino destas Fundangas Varonis, no Condado destas Roças Gerais e no Burgo destas Sapitucas Viçosas. Mancebia, concubinato, amigação. Horrível, não? Não fosse pelas exceções, avalistas da regra, os pleitos eleitorais chegariam, trazendo em seu bojo legítimo contubérnio. Relações perigosas, infames e prostituídas são encontradas aos borbotões, aos trambolhões e aos empurrões de montão, entremeio aos Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados.

Contubérnio da mancebia, do concubinato e da amigação, esbórnia de fazer inveja ao deus Baco. Orgia dos politiqueiros de sempre, à cata da preferência dos cautos e dos incautos Súditos, em sua conhecida tarefa de mergulhar no contubernáculo da carência de Dignidade, da inexistência de Programa, da ausência de Partidos, onde abundam oportunismos, conchavos e individualismos concupiscentes.

Volúpia do Poder pela volúpia do Poder. Maléfica trama contra os ideais supremos da Política, única forma para a Construção e Solidificação da Democracia, cada vez mais carente de Democracia.

Contubérnio politiqueiro, lástima, responsável pela perda do apetite eleitoral, anorexia crônica do sagrado e inalienável direito e dever do Voto Consciente de todo Súdito do Reino de Fundanga.

Por tudo escrito e por tudo pensado... Quanta volúpia utópica para se votar nas eleições, próximas ou distantes, em chapa completa, constituída por nomes que jamais transigiram com Princípios Essenciais, que sempre colocaram em risco a própria Vida e a de seus familiares. Gente que se expôs sempre e que jamais se curvou aos Poderosos. Homens que, como na fábula da Idade Média, sempre expuseram suas entranhas, pois, segundo a mesma fábula, "Se quiseses conhecer a verdade, busque-a nas entranhas dos homens, pois é nas entranhas dos homens que se encontra a verdade!". A mesma fábula interroga: "De que homens consultar as entranhas? De todos? Não! Dos sacrificados. Daqueles sacrificados e daqueles que se sacrificam. E o que elas, as entranhas, disserem, tenha isso por verdade. Porém, consultar as entranhas de quem não se sacrificou, nem se sacrifica, nem se há de sacrificar é não querer verdades verdadeiras."

Por tudo escrito e por tudo pensado... E, ainda, por tudo exposto... Como seria fantástico poder transformar a Utopia em Realidade e Os Cocada Preta terem uma hipotética chapa para sufragar. Algo parecido com a que se segue:

Imperador, Leonel Brizola, encarnação da Coerência, único civil a impedir um golpe militar nas três Infernalias, tolhido e odiado pel'Os Donos da Cocada Preta. Para Vice-Imperador? Darci Ribeiro! Intelectual que nunca foi presa das armadilhas preconceituosas das Academias e dos Academos bolorentos. Que tal para Senador do Reino o Marceneiro João Luzia, pobre, negro, quase analfabeto, de lucidez e inteligência como poucas encontráveis? Quanto ao Condado destas Roças Gerais, o voto para eleger o -Conde seria dado a José Maria Rabêlo, líder incontestado, marco da imprensa alternativa, uma imprensa quase independente. O Vice-Conde, claro, poderia ser o Padre Lage, pastor precursor da luta a favor dos Babaquinos e Brasilinos, sem saltos e pulos bizantinos. Para Deputado do Reino? Quem melhor do que o Tecelão, líder sindical e exemplo da Dignidade Humana, Sinval Bambirra? Faltou alguém? Ah! Sim! O Deputado do Condado! E quem seria ele? Claro, alguém parecido com eles, membro de um tal e qual Partido Democrático Trabalhista, o Partido responsável pela gloriosa e hipotética chapa.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Jamais alguém de um Partido, dito trabalhista, um simples amontoado de eleicoeiros, especialistas em mancebias, concubinatos e amigações quando em busca do Poder através das manhas e artimanhas do discurso embusteiro e mentiroso. Seria um Partido do Trabalhador, tal-qualmente o Partido do Trabalhismo Original. Sem a estrela e sem o macacão consentidos pela demoníaca e doentia mente do Bruxo dos Bruxos dos Anos de Chumbo, o Bruxo Golbery.

Às urnas, pois, Súditos destas Fundangas Varonis, destas Roças Gerais e destas Sapitucas Viçosas.

A Utopia é possível!

REGINA

**Ontem, Hoje e Sempre...
Entrar no mato de costas pra,
se flagrado, alegar que tava saindo...**

Quando o Conde Hélio Copo dava as cartas no Palácio do Condado das Roças Gerais, era um escudeiro fiel do também Conde Tancredo – que viria a ser. Doutor Tancredo, como não poderia deixar de ter, tinha, também, seu fiel escudeiro, o Bruxo Roberto Brant, que, também, o seria do Imperador Tancredo, que foi Imperador, sem ter sido. E se foi para o Andar de Baixo. Exemplos lapidares da cultura destas Roças Gerais do conservar para não avançar. Gente herdeira daquilo que os Geraisenses carregam de mais estranho. Personagens macambúzias da conciliação para manter o Poder. A qualquer preço. Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados... Sinistros, tristes e sutis freios da História, uai!

O Bruxo Roberto Brant, hábil penduricalho do Poder, nascido irmão do Menestrel Fernando Brant. O Menestrel Fernando, membro da Turma da Esquina, turma de Trovadores Gênios daquilo que de melhor a Música Popular Fundanguense (MPF) tem produzido. Entre os gênios da Turma da Esquina, o Menestrel Milton Nascimento.

O Menestrel Milton, ao lado de tantos e tantos outros, incluso o Menestrel Fernando, fustigou, com suas canções e artes, a ditadura nos seus estertores finais. Jornada cívica e imorredoura para escorraçar os tempos discricionários. Artista genial, de genial verve.

O Pepê, conhecido Operário e Jogador, membro da Classe Operária, integrante d’Os Cocada Preta, possuía todos – todos – os discos do Menestrel Milton. Fã incondicional do Menestrel das Roças Gerais, parceiro e amigo do Menestrel Fernando, irmão do Bruxo Roberto.

Em sendo assim... Quando o Conde Hélio Copo dava as cartas no Palácio do Condado das Roças Gerais, o Menestrel Milton, ao lado do parceiro e amigo Menestrel Fernando, irmão do Bruxo Roberto, se meteu a participar dos comícios do irmão, o Bruxo Roberto.

Poder sinistro, triste e sutil freio da História destas Roças Gerais, ao qual o Menestrel Milton tinha o sagrado e democrático direito de se Engajar.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Do mesmo modo que o Menestrel Milton tinha o sagrado e democrático direito de defen-

der o conservadorismo, o Pepê, que possuía todos os discos do Menestrel Milton, tinha o sagrado e democrático direito de remeter, via correios, a sua coleção de discos ao Menestrel Milton. Com uma crítica e malcriada carta, uai!

De lá para cá, de cá para lá... O Pepê se nega a ouvir e, muito menos, a comprar os discos do artista do Burgo de Três Pontas. Que ele, para o Pepê, faça bom proveito da coleção de discos que fora do Pepê. Sagrado e democrático direito de grevar do Pepê contra a carreira do Menestrel destas Roças Gerais, o Milton Nascimento.

Este textículo nasce a propósito da participação da Babaquina da Corte, a Regina, no programa eleitoral do aprendiz de Imperador Homer Serra Simpson e que tanto ti-ti-ti provocou na virgindade do prostíbulo.

A Súdita Regina tem o sagrado e democrático direito de se engajar na campanha do candidato do Sistema ou de quem mais lhe convier. Ela, de um passado político progressista e que por Consciência – jamais, por polpudo cachê – tem o sagrado e democrático direito de se bandear para onde bem entender.

Como estas bem traçadas linhas têm o sagrado e democrático direito de ficar com quem elas bem entenderem. Estas mesmas bem traçadas linhas acreditam que, com sua postura, a Boba da Corte e da Vênus Platinada deveria ter medo, não do Operário Honoris Causa que poderia chegar a Imperador. Deveria, ao contrário, é ter vergonha de estar servindo, anos a fio, à telinha mais maldita que bendita do Doutor Roberto. Históricas atuações, instrumentos da Alienação dos Súditos destas Fundangas Varonis.

É possível que a Boba da Corte, a Regina, Conscientizada pelos Trinta Dinheiros do cachê, devaneie serem estas eleições realizadas no Burgo de Asa Branca, sob o comando da chibata e do tacape do Capitalino Brega de lá, o Sinhozinho Malta, e da aproveitadora Viúva Porcina, aquela que é, sem nunca ter sido. Como a Babaquina Regina.

F-INTROITO

PAZ? ESPERANÇA?



DECLARAÇÃO

**Apesar Deles... Mudanças à vista?!?!?
Que não aconteça, porém, o acontecido
em outros Reinos daqui e d'além terras, mares e ares.**

Os três tempos indelévels – Passado, Presente, Futuro – da Soberana, inculta e bela História têm gerado e parido a Verdade, através da sensível e cruel, terna e feroz dança Dialética. “A História atropela todo aquele que a quer impedir”, segundo um trovador do Reino de A Ilha.

Verdade indelével para Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados que habitam e abundam, abundantemente, o Leque Ideológico – Extrema-Direita, Direita, Centro, Esquerda, Extrema-Esquerda... Volver! Ou quaisquer combinações outras.

Felizes daqueles iluminados seres humanos, capazes de, sem bruxarias, adivinhações e mandingas, fazer premonições, divisando o Futuro, através da leitura de Histórias Passadas. E se rejubilam, iluminados que foram, são e serão, no Ontem, no Hoje e no Amanhã. Indicam caminhos. Os não-iluminados, do Ontem, sabe-se lá, por quais desígnios, felizmente, conseguiram enxergar, para a satisfação geral do Reino, o iluminar da História.

Lamentável, porém, a Sociedade Fundanguense estar pagando elevado preço pelo triste e retrógrado “Fora do nós não há salvação”. Sectarismo na postura e no purismo do agir, como donos de uma Verdade que a História, depois de vint’anos, desnudou. O priapismo do dedinho duro e o narizinho arrebicado de cheirar pum recolheram-se às próprias insignificâncias. A Estrela se quedou, finalmente, à realidade da postura de Líderes Estadistas por ela postergados. Preconceituosa, ignorava que a História não começou nas greves dos Burgos Abecedais do Puta Condado, Ô Meu! Que os acordos são necessários num Sistema pluripartidário. Enxergava caudilhismo em tudo e em todos. E, assim, por assim dizer... A História ofuscou a empáfia da Estrela.

Infelizmente, os erros Históricos cobram altas faturas da Sociedade e o Reino acumulou imenso número delas. Limite quase insuportável, com graves consequências para o Reino e para o conjunto de Reinos, também Explorados, Mundus Horrendus afora. Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... Antes tarde do que nunca! Será que sim?

Conclusiva a declaração do Operário Honoris Causa, candidato a Imperador, no encontro mantido com Os Donos da Cocada Preta e Os Cocada Preta. Presentes, uma salada significativa de Bruxos,

Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados e, claro, de Súditos, muitos Súditos. Lá estavam: o Doutor Roberto, o Dono do Jogo; Bóris Borrão, o Treinador; Zemaria, o Comentarista; Pepê, o Jogador e Babaquino, o Gandula. Uma festa de arromba no Puta Condado, Ô Meu! Na oportunidade, sentenciava o Operário Honoris Causa, candidato a Imperador e que viria a sê-lo:

— O Reino de Fundanga já perdeu muitas oportunidades e não pode perder mais uma.

Aleluia! Aleluia! Antes tarde do que nunca!

Uma declaração do Candidato Estrelado a Conde, do Distrito Imperial, no Alvorçado Planalto:

— O nosso Partido, hoje, compreende que, para governar (o Reino de Fundanga e o Distrito Imperial) precisa ir além de suas fronteiras. Por isso o meu governo será de coalizão, inclusive superando as barreiras ideológicas.

Hosana nas alturas! Antes tarde do que nunca!

Outra declaração do Operário Honoris Causa em entrevista:

— Ninguém tem o direito de fazer experimentações nem de brincar com o Povo (Fundanguense).

Ave! Ave! Antes tarde do que nunca!

Por estas e por tantas outras... Este Suserano, que jamais endureceu o dedo e nunca arrebitou o nariz, faz, solenemente, esta declaração:

DECLARAÇÃO DE VOTO

Este Súdito declara, para os devidos fins, que votou no Operário Honoris Causa para Imperador deste Reino destas Fundangas Varonis!

Em que pesem apoios do candidato a Vice-Imperador Alencar, do ex-Imperador Sir Ney, do Conde Itabirras, do candidato a Vice-Conde Clésio, do Conde Axé-M e de incontáveis outros Bruxos, Cartolas, Bate-Paus e Assemelhados. Mais duros de engolir do que um Sapo Barbudo. Em sendo assim... Engolir é preciso.

Com “nós” e com os fora de nós, sim, pode haver salvação. Que esta salvação, no Possível Histórico, aconteça sob os auspícios do Operário Honoris Causa *Que hay que endurecerse, sin perder la ternura jamás*. Conforme ensinamento do Ernesterno Guevara.

Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... O Poder aturde. Que ninguém tenha que voltar a usar o macacão de torneiro mecânico. Tal-qualmente, o Companheiro Lech Walesa, grotesco bonifrate,

títere e fantoche da Direitona do Reino de Woytila. Boneco abençoado pelo peleguismo do Solidariedade do Sumo Sacerdote, enquanto útil.

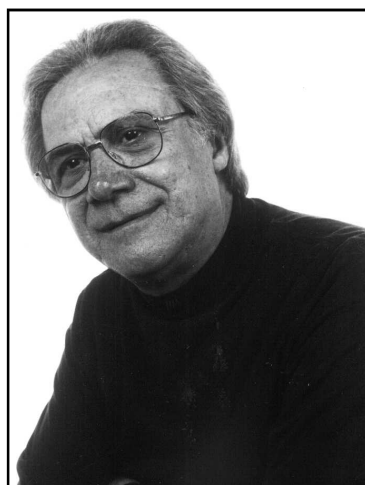
Mas, porém, contudo, quiçá, todavia... O Poder aturde. Que ninguém ouse transformar o Conto do Vigário no Conto do Operário.

Aleluia! Aleluia! Hosana nas alturas! Ave! Ave! Antes tarde do que nunca!

Com tudo isto e por tudo isto... Nestes Mundi Horrendi, nestas Fundangas Varonis, nestas Roças Gerais e nestas Sapitucas Viçosas... Aí, as estórias serão "quase" outras. As serão e, como ação, as serão! Não? A História dirá!!!

O AUTOR DE FUNDANGA

Francisco Simonini da Silva (Xico Simonini) nasceu em Viçosa, MG. Professor-adjunto aposentado da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde exercia suas funções no Departamento de Educação, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Vem atuando, há 39 anos, no sistema educacional público e privado (da educação infantil à pós-graduação), no ensino, pesquisa, extensão e administração. Por iniciativa individual ou coletiva, participou da fundação de escolas e cursos em todos os níveis. Sua trajetória é marcada por vigorosa atuação política, partidária e sindical e em campos diversos, como músico, desportista, comentarista esportivo, escritor, poeta, chargista e responsável pela publicação do semanário viçosense Muzungu.



FORMAÇÃO

Ensino Médio: Técnico em Contabilidade. **Graduação:** Licenciado em Pedagogia (Habilitação em Administração Escolar e Magistério). **Pós-Graduação Sentido Estrito:** Mestre em Educação (Administração Escolar). **Pós-Graduação Sentido Lato:** Gestão Global de Empresas, Tecnologia Educacional, Princípios Básicos de Gerência, Filosofia da Ciência, Prática em Pesquisa Educacional, Unidade de Apoio Didático.

CARGOS E FUNÇÕES

Exercidos: Contador e professor da Escola Média de Agricultura da UFV (Florestal, MG). Diretor e professor do Ginásio Cel. Cristiano Alves Ferreira e Melo (Florestal). Orientador Educacional da UFV (Viçosa). Coproprietário, diretor-financeiro e professor do Colégio Raul de Leoni (Viçosa). Diretor, sócio e professor do Colégio Ângulo (Viçosa), franquia Anglo/SP. Sócio do Colégio Cidade (Cataguases), franquia Anglo/SP. Sócio e professor do Anglo Vestibulares (Cataguases e Viçosa), franquia Anglo/SP. Diretor da Coeducar (Viçosa). Diretor e sócio do Centro Educacional Génesis (Viçosa). Professor do Colégio Integrado – Rede Pitágoras (Viçosa). **Em Exercício:** Diretor de Muzungu Comunicação. Diretor-Presidente e sócio da Sociedade Educacional Diogo Braga Filho (SE-DIBRA), mantenedora da Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV). Diretor-Presidente e sócio da Sociedade Educacional Desembargador Plínio Pinto Coelho (SEDEP), mantenedora da Facul-

dade Santo Antônio de Pádua (FASAP), Santo Antônio de Pádua, RJ. Diretor-Presidente e sócio da Sociedade Educacional de Ensino Superior de Ponte Nova (SESP), mantenedora da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), Ponte Nova, MG.

DISCIPLINAS LECIONADAS

Pós-Graduação: Estrutura e Funcionamento da Educação Brasileira, Filosofia da Ciência, Estudo de Problemas Brasileiros (UFV). Metodologia do Trabalho Científico, Sistema Educacional Brasileiro, Administração Escolar, Filosofia da Educação (UNIMEP, Piracicaba, SP). **Graduação:** Administração Rural, Contabilidade Rural, Noções de Economia Rural (Convênio UFV/UFMG, Betim, MG). História da Educação, Administração Escolar, Educação Contemporânea, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Princípios e Métodos de Administração, Administração Escolar de 1º Grau, Administração Escolar de 1º Grau (Estágio), Administração Escolar de 2º Grau, Administração Escolar de 2º Grau (Estágio), Currículos e Programas, Supervisão Escolar de 2º Grau (Estágio), Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior, Didática, Avaliação da Aprendizagem, Fundamentos Filosóficos da Educação, Atualização em Educação, Política Educacional Brasileira (UFV). **Ensino Fundamental, Médio e Pré-Vestibular:** Contabilidade Rural, Geografia Geral, História Geral, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, Conhecimentos Gerais, Filosofia (ministradas onde atuou).

CREDENCIAMENTO

Credenciado pelo Ministério da Educação (Conselho Nacional de Educação) para lecionar as disciplinas: Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau, Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior (UFV); Filosofia e Sociologia (ESUV); Filosofia e Sociologia (FASAP).

COORDENAÇÃO DE DISCIPLINAS E CURSOS

Disciplinas da área de Administração Escolar, Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Educação (UFV). Especialização em Educação (Convênio UNIMEP/Grambery, Piracicaba, SP/Juiz de Fora, MG).

ORIENTAÇÃO DE ESTUDANTES

Graduação: 482 (UFV). **Pós-Graduação** (co-orientador): Dois (UFV), oito (UNIMEP).

CONSELHOS, CHEFIA, CÂMARAS, COMISSÕES, BANCAS

Conselhos na UFV: Universitário, Graduação, Departamental da ESCD. **Chefia (Interina):** Departamento de Educação (UFV). **Câmaras Curriculares na UFV:** Licenciatura de Pedagogia, Licenciatura de Educação Física, Tecnólogo em Cooperativismo, Licenciatura e Bacharelado de Matemática. **Comissões do Depar-**

tamento de Educação da UFV: Presidente e membro de Ensino, de Treinamento e Aperfeiçoamento, de Concurso e Seleção de Docentes. **Outras Comissões:** Vestibulares (UFV). **Outras Bancas:** Diversas para disciplinas e vestibulares na Escola Média de Agricultura da UFV (Florestal).

EXTENSÃO, CONGRESSOS E SIMILARES

Participação em eventos, com apresentação ou não de trabalhos, tais como palestras, conferências, debates, congressos, seminários, fóruns, encontros e semanas, em instituições públicas e privadas, de âmbito local, estadual e nacional.

CRIAÇÃO DE CURSOS E ESCOLAS

Membro das Comissões Fundadoras: Ginásio Cel. Cristiano Alves Ferreira e Melo, Escola Infantil Pequeno Príncipe, Florestal; Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV); Faculdade Santo Antônio de Pádua (FASAP), Santo Antônio de Pádua, RJ; Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP), Ponte Nova, MG **Fundador e Autor dos Projetos de Criação:** Escola de Educação Infantil do Colégio Raul de Leoni, Escola de Ensino Fundamental (1ª/4ª séries) do Colégio Raul de Leoni, Curso de Auxiliar de Laboratório de Análises Clínicas do Colégio Raul de Leoni, Viçosa. **Membro da Comissão Fundadora e Autor do Projeto de Criação:** Colégio Ângulo – Franquia Anglo/SP (Viçosa), Colégio Cidade – Franquia Anglo/SP (Cataguases), Anglo Vestibulares – Franquia Anglo/SP (Cataguases e Viçosa), Centro Educacional Génesis (Viçosa). **Coordenador da Implantação da Franquia Anglo/SP:** Colégios de Cataguases, Leopoldina, Ponte Nova, Rio Casca, Ubá, Viçosa, Visconde do Rio Branco. **Comissão de Criação, Implantação e Reestruturação:** Presidente da Comissão de criação do Curso de Técnico em Agropecuária da Escola Média de Agricultura da UFV, criação e implantação da Licenciatura de Pedagogia da UFV, autor e coordenador da reforma administrativa, didática e pedagógica do Colégio Raul de Leoni, Viçosa, membro da Comissão do Convênio UFV e Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais para a construção do edifício do Colégio Estadual Raymundo Alves Torres, Viçosa, membro da Comissão para análise da Estrutura e Funcionamento do Colégio Universitário da UFV.

LIVROS, PESQUISAS E, OU TRABALHOS PUBLICADOS

"Contabilidade Rural em 40 Pontos". "Fundamentos da Obra de A. S. Neill e Paulo Freire". "O Conceito de Liberdade em Rousseau". "A Reforma do Ensino Benjamin Constant". "Principais Fatores de Motivação no Trabalho de Rurícolas em Assis (SP), Primeiro de Maio (PR) e Viçosa (MG)". "Aspectos Sócioeconômicos de um Grupo Rurícola na Região de Primeiro de Maio (PR)". "Aspectos Sócioeconômicos e Educacionais de um Grupo Rurícola e seu Conceito de Educação na Região de Primeiro de Maio, Estado do Para-

ná" (Tese de Mestrado). "O Processo da Tomada de Decisão". "Legislação Básica Federal do Ensino de 1º e 2º Graus" – Volume 1, 2 e 3 (Coletânea). "O Esquema de Jogo da Sociedade Capitalista". "Linhas de Pesquisa do Departamento de Educação da UFV" (Vídeo VHS/NTSC). "Enigmas" (Poemas). "No Reino de Fundanga" (Crônicas).

ATUAÇÃO POLÍTICA, PARTIDÁRIA E SINDICAL

Membro da diretoria (Tesoureiro) da Associação dos Professores da UFV (ASPUV). Presidente (Interino) da Associação dos Professores da UFV (ASPUV). Membro da diretoria do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais (SINPRO/MG). Membro do Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH/Viçosa). Membro fundador e Presidente do Diretório Municipal do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Viçosa. Membro do Diretório Estadual do Partido Democrático Trabalhista (PDT), MG. Participação em diversos movimentos populares reivindicatórios.

ATIVIDADES ARTÍSTICAS

Músico: Instrumentista (teclados) - Ordem dos Músicos do Brasil (OMB/MG). **Comentarista Esportivo:** Rádio Montanhese AM, Rádio Viçosa 95.1 FM, Rádio Cultura AM, Visconde do Rio Branco. **Escritor, Poeta e Chargista:** Autor de "Enigmas" – Poesias (2002), "No Reino de Fundanga" – Crônicas (2003), colunista dos periódicos "Folha da Mata", "Jornal de Viçosa", "Folha da Região", "O Que Acontece", "Informativo ASPUV", "De Tudo", "Muzungu" e "Revista Lógica".

HONRARIA

Membro da Academia de Letras de Viçosa (ALV), Cadeira 03, Patrono Raul de Leoni, anteriormente ocupada pelo Cônego Antônio Mendes.

OUTROS

Homenageado pelos formandos da Licenciatura de Pedagogia (UFV) em 1977, 78 e 79. Eleito para lista sêxtupla visando a escolha do diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (UFV) em 1978. Eleito para lista tríplice visando à escolha do Chefe do Departamento de Educação (UFV) em 1973, 76, 79, 81 e 83.

